

REVISTA

DO

MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES



Collaborada por todos os folk-loristas

PORTUGUEZES

1885



BARCELLOS
EMPRESA DA—«REVISTA DO MINHO»—EDITORIA
DE
VIEIRA & LANDOLT

ABERTURA



STÁ tão bem demonstrada a importancia que as tradições populares tem para o conhecimento da vida social das nações, e ha ainda tantos materiaes a recolher no nosso paiz, que julgamos será bem recebida do publico mais uma publicação que não só constituirá um centro de estudos, mas ao mesmo tempo se esforçará por augmentar o peculio dos factos

ethnographicos.

Com o titulo *Revista do Minho* quer-se apenas mostrar que a iniciativa partiu do Minho, e não que nos occuparemos exclusivamente d'esta provincia, pois, como já no presente número mostramos, muitos assumptos, sem sahirem fóra do dominio especial do que os inglezes chamão *Folk-Lore*, tem cabimento na nossa revista.

Aos ethnographos portuguezes e estrangeiros pedimos a sua ajuda e os seus conselhos: ferve em nós o sangue da mocidade, as aspirações mais vivas nos sedu-

zem, e é por isso que, livres de preconceitos e de rancores, acceitaremos com prazer as lições dos mestres!

Barcellos, 1 de Abril de 1885.

A Direcção.

CRENÇAS POPULARES

A chuva.—A neve.—A palavra **Velha** nas tradições populares portuguezas.

Depois de não pequena lucta, o estudo scientifico dos costumes populares está definitivamente implantado em Portugal. Algumas provincias offerecem mesmo um peculio já bastante consideravel, como por exemplo o Alentejo, onde o meu intelligente amigo A. Thomaz Pires tem desenterrado da tradição uma immensidade de cantos populares. Honra pois áquelles que, consciuos da importancia e dignidade do seu trabalho, não fizeram caso das zombarias dos estultos, e proseguiram avante na tarefa santa de investigar a alma do povo!

Publicando aqui alguns ma-

teriacs ethnographicos, oxalá que eu desperte no ânimo de um ou outro leitor extranho a estes assumptos o gôsto por elles.

Começarei por uma superstição ácerca da *chuva*. Estamos no inverno: a occasião é pois apropriada.

Diz-se em muitos pontos do Minho que quando chove e ao mesmo tempo faz sol, estão as bruxas a pentear-se, deixando cahir lendeas, que são a chuva. Ora, numa obra franceza do sec. XVIII, lê-se a respeito do orvalho: «Les vilageois s'imaginent, tantost que ce sont dex poux d'argent, tombez le matin de la tête du Soleil qui se peigne. . . » (1). Como se vê, as nossas velhas não fazem senão repetir um dito bem espalhado e bem antigo.

Em geral as tradições de um paiz não são autochtonas d'elle, mas encontram-se em muitos, e ás vezes bástante afastados. E' essa uma das razões por que o conhecimento dos usos e crenças merece a attenção dos investigadores: com effeito, se essas tradições viajaram, é que alguém as levou, e d'ahi a necessidade da determinação de outras tantas relações historicas.

(1) apud *Davinettes pop.* de E. Rolland, pag. 131.

Tambem no Minho e Traz-os-Montes se costuma exclamar na occasião em que se avista uma grande camada de neve ou geada á superficie da terra: «A Velha esta noite peneirou bem!» (2).

Eis aqui dois factos interessantes: de um lado a comparação do gelo com a farinha; do outro a personificação da noute.

Com relação ao primeiro, leio n'uma revista franceza: «quand il neige, les paysans disent que le bon Dieu vanne son avoine, parceque toute la poussière, qui est la neige, tombe» (3). Em Jacob Grinun, o verdadeiro iniciador do estudo dos costumes do povo, *Frau Holle* representa a neve, porque «when it senows» she is making her bed, and the feathrs of it fly» (4); noutros pontos da obra do mesmo auctor citam-se mais tradições segundo as quaes os flocos de neve são identificados com pennas que caem do ceu. /

Com relação á *Noute*: conheço varias phrases e superstições em que a Noute é personificada n'uma *Velha*. A palavra *Velha* é mesmo um termo generico que absorveu em si muitas concepções mythicas, como *Arco-da-Velha*, *Sarração-da-Velha*.

(2) Vid. as minhas *Trad. Pop. de Portugal*, § 436.

(3) in *Romania*, VIII, 260.

(4) *Deutsche Mythologie*, I, 267—268 (na trad. ingleza).

Um facto importante na nossa ethnographia é o desaparecimento dos nomes pagãos que symbolisavam mythos, e a substituição d'elles, já por termos communs, como no caso presente, já por outros de uso tambem vulgar, como *Diabo*.

E pois que a noute vae alta, á hora em que escrevo estas linhas, ou antes pois que é *noite velha*, para me servir de uma expressão mui usada na minha terra, — eu ponho ponto por agora.

Porto, — 17 de Dezembro — 1884.

J. Leite de Vasconcellos.

TRADIÇÕES POPULARES DE BARCELLOS

colhidas por

CANDIDO A. LANDOLT.

com uma introdução por

J. LEITE DE VASCONCELLOS

INTRODUÇÃO

PARA que um dia se possam estudar completamente as nossas tradições populares, é da maxima importancia formar colleções parciaes, correspondentes ás provincias, ou ainda aos concelhos. Os habitantes das localidades estão mais no caso de colher informações abundantes sobre essas localidades, do que aquelles que tem de abranger o paiz inteiro.

A respeito do Algarve ha já o

Romanceiro do Algarve de Estacio da Veiga, e varios *Romances* publicados por Reis Damaso na *Encyclopedia Republicana* de Lisboa; do Alentejo ha uma riquissima colleção de *Cantos e Comparações populares* impressas por A. Thomaz Pires na *Sentinella da Fronteira* de Elvas e no *Elvensê*; do Douro ha as *Tradições populares da provincia do Douro*, publicadas na *Aurora do Cavado*, de Barcellos, por J. Vieira de Andrade; da Beira-Alta, minha patria, publiquei eu alguns *Costumes* na citada *Encyclopedia*; do Minho, onde tenho por vezes passado diferentes férias, publiquei igualmente alguns *Costumes* no jornal *O Penafidense* de Penafiel.

Isto, pelo que se refere a colleções parciaes, porque colleções geraes são tambem numerosas, e Portugal póde proporcionalmente bombrear com os paizes mais ricos em obras deste genero, como a Italia, a França, &c.

Mas a mina estará esgotada?

Não, decerto: ella é vastissima, abrange todos os dominios em que a intelligencia do povo é capaz de se espraiair.

Eis porque me alegrei immenso quando o sr. Candido Augusto Landolt, empresario d'esta revista e moço de muita vontade por estes assumptos, me enviou uma colleção de tradições do concelho de Barcellos, pedindo-me duas linhas de introdução para ella.

A colleção está fiel. Se eu agora tivesse tempo, podia em notas indicar diversas variantes portuguezas; assim se veria mais claramente a veracidade do que affirmo.

Não me cançarei de dizer mais uma vez que o estudo das tradi-

ções populares, ainda que pareça que não, tem um interesse real e profundo, não só para a nossa ethnographia, mas para a ethnographia geral, porque, sem o conhecimento do viver íntimo, por assim dizer doméstico, de um povo, mal se pôde conhecer bem esse povo nos seus caracteres actuaes, e por outro lado, sem o conhecimento do passado, nós não comprehenderemos a nossa existência: ora, as tradições populares são a cada passo reliquias que as gerações extinctas deixarão na sua marcha através dos seculos; são fragmentos que, recompostos, o que se obtem pelas comparações quer entre as tradições de um paiz quer entre as de muitos paizes, reproduzem um quadro maravilhoso em que se desenha, nos seus traços mais salientes, a evolução da humanidade.

Como, na collecção que se segue abundão os termos populares, eu vou precedê-los de algumas notas grammaticaes que não alongo muito, porque, tendo de publicar em breve um trabalho ácerca dos *Dialectos minhotos*, deixo para lá as minuciosidades. Aqui occupo-me só de Barcellos, fundando-me principalmente nos materiaes ayulsos que o sr. Landolt me remetteu, e noutros que colhi numas cartas manuscritas do sec. XVIII datadas de Barcellos, cartas que para este fim me emprestou o meu contemporâneo de medicina, e intelligente amigo, Almeida Ferraz, de Barcellinhos.

(Continúa).

CANCIONEIRO MINHOTO

CANÇÕES POPULARES

1

Eide cantar, eide rir,
eide ser muito alegre,
eide mandar a tristeza
p'ró diabo que a leve.

2

Estou á sombra da ramada,
nem á chuva, nem ó sol,
estou á beira do amor,
não ha regalo melhor.

3

Não se me dá de ter cruz
tendo o calvario ao pé;
não se me dá de penar,
sabendo eu por quem é.

4

O meu amor por me deixar,
pensava q'eu que morria,
e eu sou quem era d'antes,
tenho a mesma alegria.

5

Que lindo botão de rosa,
aquella roseira tem;
debaixo ninguem lhe chega,
a cima não vae ninguem!

6

O cravo tem vinte folhas,
a rosa tem viul'e uma,
anda o cravo em demanda,
por a rosa ter mais uma.

7

O cravo bateu na rosa,
asuccena foi crelar;
ó que lindo juramento,
o jardim tem para dar.

8

Eide ir, e eide vir,
falla te não eide dar,
eide-te fazer moêr:
com ó navio no mar.

José da Silva Vieira.

BIBLIOGRAPHIA

O dialecto mirandez

Chama-se assim uma importante contribuição para o estudo da dialectologia romanica no dominio hispano-lusitanico, devida ao sr. J. Leite de Vasconcellos e publicada pela incansavel casa editora dos srs. Clavel & C.^a d'esta cidade, a quem cabem muitos elogios.

A grande importancia do alludido opusculo (40 pag. in-8.^o grande, preço 300 rs.) e a sua muita curiosidade augmentam logo que se considera que em Portugal, infelizmente, muito poucas pessoas, 3 ou 4, se dedicam a estes assumptos, que são não sei qual mais, se valiosos, se difficeis.

Divide-se este trabalho em cinco capitulos. O primeiro é dedicado á phonologia (tratado dos sons) do mirandez, dialecto que tem por zona geographica simplesmente os arredores da cidade de Miranda-do-Douro, em Traz-os-Montes; o segundo á morphologia (tratado das fórmas ou reflexões) do mesmo dialecto; o terceiro á syntaxe; o quarto á transcrição de varios textos em mirandez, comprehendendo varias tradições populares (um conto, uma narrativa, uma lenda, um dialogo,

advinhas, cantigas e dictados) e o quinto, finalmente, contém um vocabulario do dialecto mirandez, resumido.

Da leitura d'este opusculo não póde deixar de concluir-se que é grande a competencia do auctor para esta especie de estudos, e especialmente a phonetica e a morphologia são partes que encerram bastantes factos e esses expostos com grande rigor scientifico. Vê-se que o sr. J. Leite de Vasconcellos não é neophito na materia; tem estudado e o, que é mais, tem aproveitado muito.

Além das cinco partes de que falei ha uma *conclusão*, onde o auctor assenta que o mirandez não é um dialecto da nossa lingoa, senão um ramo modificado da que se falava no territorio de Leão, na Hispanha, apesar das analogias entre o mirandez e os dialectos seus vizinhos e mesmo não obstante o mirandez offerecer em seu vocabulario muito já do castelhano, já do portuguez.

Agora resta dizer que a *Introdução* do trabalho do sr. J. Leite de Vasconcellos, dá conta dos livros que consultou para a confecção do seu opusculo, das pessoas que lhe deram indicações relativas ao dialecto, etc. etc. A' pagina 8 d'esta introdução, nota 3, tenho a fazer um aditamento, que é o seguinte:

Conheço mais 2 modos de falar peculiares aos rapazes, isto no meu concelho, Carrazeda d'Anções. Um d'elles consiste em antepor á vogal ou diphtongo de cada syllaba, as letras *pler*, e o exemplo citado pelo sr. J. Leite de Vasconcellos, i. é., *estamos satisfeitos*, dir-se-hia assim: *es-pleris-ta-plerá-mos-plerús-sa-plerá-tis-pleris-fei-plerei-tos-plerús*; e outro em acrescentar *trem*, dizendo: *es-tremis-ta-tremá-mos-tremús sa-tremá-tis-tremis-fei-tre-mei-tos-tremús*.

Os rapazes empregam estas diferentes maneiras de falar quando não querem ser percebidos por alguém e quando dizem ás vezes palavras obscenas. Com o acrescento das letras *greg* das quaes o sr. J. Leite de Vasconcellos tambem fala, ouvi eu dizer muita vez em pequeno estes versos:

Samiei coentros
 No.....
 Foi o anno secco
 Num nasceo nenhum
 E os que nasceram
 Comeste-los tu.

Dizendo assim:

Sa-gregá-mi-gregui-ei-greguei-co-gregú-en-gregen-tros-gregus,
 No.....
 Foi-gregoi-o-gregú-an-gregan-no-gregú-se-grege-co-gregú,
 Num-gregum-nas-gregús-ceo-gre-gew-ni-gregi-nhum-gregum;

E -*grequi-os-gregús-que-gregue-nas-gregas-ce-grege-ram-gregam*
 Co-gregú-mes-greges-te-grege-los-gregus-tu-gregú.

Não mais preciso de acrescentar a respeito d'este bello opusculo, ácerca do qual já falei, e com louvor, homens do saber e da auctoridade, — Júlio Cornu, professor da universidade de Praga e auctor de muitos trabalhos dialectalogicos; Ernesto Monaci, director do *Giornale di Filologia romanza*, editor do *Cancioneiro portuquez da Vaticana* e professor em Roma; Hugo Schuchardt, professor da universidade de Graz (Austria) e auctor de varios trabalhos sobre a dialectologia peninsular; Adolpho Coelho, a pessoa que em Portugal mais sabe d'estes assumptos; Milá y Fontanals, auctor de muitos trabalhos folkloricos e dos *Estudios de lengua catalana*, trabalho de bastante valor; e outros escriptores.

Portanto, fechando, agradeço ao auctor a offerta do seu bem elaborado trabalho, e fico esperando confiadamente em que o auctor não abandonará a senda que tão auspiciosamente encetou, e de que, francamente, muito temos a esperar.

Os meus sinceros e merecidos parabens, pois, ao sr. J. Leite de Vasconcellos.

Porto.

A. de Sequeira-Ferraz.

PERIÓDICOS

Boletín folklórico español, director Alejandro Guichot y Sierra (redacción, Sevilla—Calle Teodosio, 61),—n.º 5, 15 de Marzo de 1885: *Catálogo de los cuentos populares*, por Machado y Alvarez; *Instrucciones para las Sociedades Regionales*, por Guichot; *Sección de organización*; *Sección de propaganda*; *Sección Bibliográfica*; *Sección de movimiento y noticias*; *Correspondencia*.

Mélusine, *revue de mythologie, littérature populaire traditions et usages*, dirigée par H. Gaidoz & E. Rolland (rédaction, Paris—Rue des Fossés—Saint-Bernard, 6),—n.º 13, 20 Mars 1885: *Une nouvelle interprétation du chant des frères Arvaes*, par H. Gaidoz; *Les chansons populaires en Haute-Bretagne*, par E. Rolland (Entre estas canções mencionão-se as seguintes: *Le Testament de l'Ane*, que tem paradigmás na litteratura popular portugueza; *Le coucou de Mai*, cf. as minhas *Trad. pop. de Port.*, § 284; *Jean Renaud*, de que eu publiquei uma versão port. na *Romania*, t. XI; *La fille aux mains coupées*, par R. Basset; *Les génies de la Mer*, par R. Basset; *Bibliographie*.)

The Folklore Journal (Elliot Stock, 62 Paternoster Row, London, E. C.), Jan to March 1885: *The Science of Folk-Lore*, by Gomme; *North-Indian Proverbs*, by Temple; *The origin of the Robin Hood Epos*, by Coote; *Some Folk-Lore of the sea*, by Gregor; *Folk-Tales of India*, by Morris; Folk-

lore of Drayton; *Notes and Queries*; *Notices and news*.

J. Leite de Vasconcellos.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Os jogos e as rimas infantis de Portugal (colleccção e estudos para servirem á historia da transmissão das tradições populares) por F. Adolpho Coelho,—Lisboa 1885;

Cantigas populares recolhidas, da tradição oral, na praia de Espinho por Johel (no jornal o *Elvense*);

Cantos populares do Alentejo recolhidos por A. Thomaz Pires (no jornal *A Sentinella da Fronteira*);

Tradições populares (bibliographia) por J. Leite de Vasconcellos (extracto do *Tirocinio*);

Lo toch de mal Temps per Aràbia y Solanas (in *La Renaixença*, any XIV);

Cansons y Follies per Pau Bertran y Bros (Barcelona 1885);

Études maritimes par Paul Sébillot (extr. do *Archivio per le trad. pop.*, IV);

Poesias populares españolas (cantares), Barcelona, n.º 1.

J. L. de V.

CHRONICA

—O nosso amigo, e distincto collecter das tradições populares do Alentejo, A. Thomaz Pires, vae publicar em breve um volume sobre as canções populares historicas da sua provincia.

O livro será prefaciado pelo sr. Oliveira Martins, e talvez seja escripto em dialecto alentejano. Uma boa nova para os que amão a Ethnographia e a Dialectologia.

—O collaborador d'esta revista J. Leite de Vasconcellos, prepara para o prélo um trabalho sobre a *Tatoagem* (pinturas nos braços, nas costas, nas mãos): os nossos leitores portuguezes e estrangeiros que tiverem conhecimento de factos semelhantes, muito nos obsequiarão mandando-nos desenhos a nós ou ao auctor, rua de S. Victor, Porto.

—Deve sahir brevemente á luz um volume do crudito professor, o dr. Theophilo Braga, —**O povo portugûes nos seus usos, costumes, ect.**

CANCIONEIRO MINHOTO

CANTIGAS POPULARES

(Continuado do n.º 1)

9

Ainda qu'ó lumê s'apague,
na cinza fic'ó calor,
ainda qu'ó amor s'ausente,
no coração fic'á dor.

10

Delicado é o fumo,
que passa a telha dobrada;

delicados são os olhos
que namorão por pancada.

11

A mim me chamão marôto
um pedaço de vadio,
isto já lá bem de traz:
já do tempo de meu tio.

12

Dizes que me queres bem,
que me tens muito amor,
eu em hómes não me fio:
quem me das por fiador?

13

Dizes que me queres bem,
dize-lo ficas-t'a rir,
vais p'ra outra dizes o mesmo,
levas a vida a mintir.

14

Dizes que me queres bem,
não entendo tal querer,
o dizer:—quero-te bem,
quem quer o póde dizer.

15

Que passarinho é aquelle,
que tem a dama no ninho,
—olha quanto é constante,
o amor do passarinho!

16

S'os passarinhos vendessem,
as penas que Deus lhe deu,
eu tambem vendia as minhas,
que ninguem tem mais do q'eu.

17

Fui-me confessar e disse:
que não tinha amor nenhum,
derão-me por penitencia,
—que tivesse ao menos um.

18

Debaixo dos olivæas,
quem me cobre são as folhas;
á vista que me botastes,
—alho porro, não me tolhas.

(Continúa).

José da Silva Vieira.

CRENÇAS POPULARES

(2.º artigo)

Costumes populares do S. João em D. Francisco Manoel de Meilo, auctor portuguez do sec. XVII.

Na *Harpa de Melpomene* (nas *Tres Muzas*, ed. de 1649) vem um soneto de D. Francisco Manoel com este titulo *Fuegos en noche de San Juan*, e começa assim :

Ves, Anarilis, esse monte que arde
En llama alegre toda el alta cumbre,
Que el ayre con patenta mansidumbre
Apenas llega a regalar cobarde?

Pues teme de su luz, que aunque tarde
El fin, no mudará de su costumbre;
Aun oy verás, que es sombra aquella lumbre,
Por mas que siempre nuevas llamas guarde.

Encontra-se a fl. 24. Ha nelle, como é manifesto, uma allusão aos *fachos* do S. João. Em verdade D. Francisco Manoel de Meilo amou muito as tradições populares; noutra occasião publicarei aqui mais excavações ethnographicas que tenho feito nas suas obras.

Porto, Abril de 1885.

J. Leite de Vasconcellos.

BIBLIOGRAPHIA

Quinientas comparaciones populares andaluzas recogidas de la tradicion oral y brevemente anotadas por F. Rodriguez Marin, — Osuna, 1884, in-8.º pequeno, 58 pag. (tiragem 100 exemplares).

Subsidios para o Folklore portuguez, I,
Qualrocentas comparações populares alentejanas, por A. Tho-

maz Pires (in *Elvense*, anno de 1884, em folhetins).

Estes dois trabalhos vérsão sobre o mesmo assumpto, e por isso creio podê-los reunir numa unica noticia bibliographica.

A lingoagem popular é eminentemente poetica. Além da variadissima gesticulação com que o povo, pelo menos entre nós, occidentaes, e entre os meridionaes, acompanha de ordinario todas as suas phrases, ha, ora os dictados apropriados, ora as comparações felizes, que esmaltão o discurso.

dando-lhe mais energia, mais vivacidade.

Os meus amigos, os srs. F. Rodrigues Marin, e A. Thomaz Pires, aquelle da Andaluzia, este do Alentejo, dois activos e intelligentes cultores do ramo de estudos a que os inglezes chamão *Folk-lore*, tentárão recolher, com relação aos respectivos paizes patrios, as comparações. De dictados ha muitas collecções, já em Hispanha, já em Portugal.

Nesta sua tarefa tinhão sido precedidos por outros escriptores, como por ex. A. Mir, (que, com o titulo de *Glossaire des comparaisons populaires du Narbonnais et du Carcassez*, publicou na *Revue des langues romanes* (o ultimo art. foi em Maio de 1883) uma longa serie. Se bem me recordo, vem tambem no *Archivio glottolog. ital.*, IV, fasc. 1, uma serie de comparações num art. de G. Morosi sobre *Dialetti rom. del mandamento di Bova in Calabria*. Em Portugal já o meu amigo A. Gonçalves Vianna, distincto glottologo, tinha principiado no *Panorama contemporaneo* de Coimbra um artigo em que viria a occupar-se das *comparações populares*; mas esse artigo não continuou.

Tanto o sr. Marin, como o sr. Pires aproximarão as comparações, de outras estrangeiras.

Eis mais algumas aproximações:

Ut canis e Nilo (anda como gato por brazas; Pires, 8);

Nec elephantus ebibere (bebe como um boi; Pires, 18);

Non missura culem, nisi plena cruoris, hirudo (chupa mais que uma sanguessuga; Pires, 40).

Numa adivinha escoceza (apud *Notes on the folk-lore of the North-Easte of Scotland*, por W. Gregor, Londres 1881, pag. 81) lê-se:

It's as white's milk
An as black's coal;

cf. claro como o leite (Pires, 42; cf. Marin, 172-176); negro como um tição.

Pires, no n.º 50, traz: *com'ó otro que diz e aproxima o hispanhol como el otro que dijo*; pôdein aproximar-se tambem as phrases que vem no *Almanach des traditions populaires*, 3.º anno, 1884, no art. *Les Comme dit*, pag. 117 sqq.; na Beira-Alta diz-se: *como o outro que diz e como diz o outro ou como quem diz*; em português archaico: *diz o sengo ou o bom sengo* (*sengo*=lat. *senicus*, vid. *Romania*, XII, 412).

Eis alguns poucos accrescentos ás comparações portuguesas:

Amarga como rabo de gato (cf. Pires, n.º 4-7; Marin, 108-111);

Dança como um peão (cf. Pires, n.º 17; Marin, n.º 12-13);

Contente como um cuco (cf. Pires, n.º 55; Marin, n.º 102-107);

Córado como uma cereja (cf. Pires, n.º 56);

Dorme como uma pedra ou como um prego (cf. Pires, n.º 67-70);

Magro como um cão (cf. Pires, n.º 173-175).

Etc. etc.

Felicitando os dois AA. pelas suas valiosas collecções, felicito-os ao mesmo tempo por terem conservado, as fórmãs da linguaagem popular, pois offerecem assim textos importantes para os que se entregão a estudos de dialectologia. (1)

Porto, Maio de 1884.

J. Leite de Vasconcellos.

CANCIONEIRO MINHOTO

CANTIGAS POPULARES

(Continuação)

19

Já lá vai o sol abaixo,
já não nasce onde nascia,
já não dou as minha fallas
a quem as dava algum dia.

20

O amor é forte e num quebra,
o rio corre e num cança:
quem me dera adivinhar,
se me trazes na lembrança!

21

Da outra banda do rio,
tem meu pai um castinheiro,
dá castanhas em Abril.
uvas brancas em Janeiro.

22

O amar é um regalo,
para quem se sabe avir:
accitar e num dar nada,
ser liberal no pedir.

23

Por amar e querer bem,
me querem tirar a vida!

(1) Esta noticia estava feita para sahir ha muito; mas conservase inedita até agora.

nem amar, nem querer bem,
nem ter a vida perdida!

24

Quem me quer vender q'eu com-
um limão por um vintem, (pro,
para tirar uma nodoa
que o meu coração tem?

25

O limão talha o fastio,
a laranja o bem querer...
tira de mim o sentido,
se me queres ver morrer.

26

Maria, minha Maria,
meu pucarinho d'Aveiro,
andão todos á profia,—
quem te lucrará primeiro.

27

Maria, minha Maria,
negra vida t'eide dar,
nem eide casar contigo—
nem t'eide deixar casar.

28

Eu eide-te amar, amar,
eide-te querer, querer,
eide-te roubar de casa,
sem *na tua mãe saber.

29

Sirva (1) verde não me prendas,
olha que me não seguras,
olha que tenho quebrado
outras algemas mais duras.

30

Sirva verde não me prendas,
eu não tenho quem me córte,
não sejas tu sirva verde
a causa da minha morte.

31

S'eu morrer não hótes dó,
nem a roupa dês á tinta;
s'eu morrer vou par'ó ceo,
tu ficas na tua quinta.

32

Eide-te amar á semana,
q'aç domingo tenho quem:

(1) —silva.

se te amo tenho guerra,
se te não amo tamem. (2)

33

Amor conuigo ó rosa,
deixa ficar a roseira,
amoras por ond'eu andar,
serás minha companheira.

34

Rosa que stás na roseira,
fichadinha no hotão,
deixa-te lá estar ó rosa,
que lá te procurarão.

35

Coita doho de quem tem
amoras da outra banda!
elle chove, o rio cresce,
o meu barquinho não anda.

36

Não digas ao gato—sape,
diz-lhe:—bem cá, bixaninho;
não digas ao amor—arre:
diz-lhe:—bem cá, coitadinho.

37

Tenho chorado ao dia,
lagrimas mais de noventa;
quem canta seu mal espanta,
quem chora seu mal augmenta.

38

O alecrim de Vianna,
bota a raiz para o lado:
para as dores de cotovello,
está o remedio provado.

39

O amor quando s'encontra
causa pena e dá gosto,
sobresalta-lh'o coração
assobe-lh'a côr ao rosto.

40

O amor emquanto novo
ama com todo o cuidado,
depois que vai para velho
mostra papel de infadado.

41

Toda a mulher que se casa,
deve ser bem carinhosa:

a má vida tem a certa,
a boa é duvidosa.

42

A moça para ser boa,
ninguem lh'ade por a mão:
ha-de ser com'á toupeira.
q'anda por baixo do chão!

43

A moça para ser boa,
ha-de ser virtuosa:
agrada a Deus e ao mundo.
cheira com'á propria rosa!

44

Venho da terra do vidro,
e mais não venho vidrada;
venho da terra das moças,
a mais não venho casada.

45

Candeia que não dá luz,
não s'espeta na parede;
o amor que não é firme
não se faz cabedal d'elle.

46

Algum dia nesta rua
havia uma estalaje, (3)
onde meus olhos pousavam
quando iam em viaje. (4)

47

Foi-me (5) confessar ao Carmo
numa noite de navoeiro,
cuidei que 'stava no Carmo,
estava no pasteleiro.

48

Rapazes e raparigas
olhae lá por onde andais,
a honra é como o vidro,
quebrando não sorda (6) mais.

49

Tenho somno vou dormir
á cama me vou deitar...
quem anda por fóra anda,
eu não lhe quero fallar.

José da Silva Vieira.

(2) =tambem.

(3) =estalagem.

(4) =viagem.

(5) =fui-me.

(6) =solda

TRADIÇÕES
POPULARES DE BARCELLOS

I

CANÇÕES POPULARES

1

O' Barcellos, ó Barcellos,
o' Barcellos, ó vadio,
deitas-te-te da ponte abaixo,
foste beber agua ao rio.

2

O' Barcellos, ó Barcellos,
o' Barcellos, ó ladrão,
cahiste da ponte abaixo,
foste beber agua ao cahão.

3

Adeus, ó rua-Direita,
hei-de-te mandar dourar
de pedrinha em pedrinha
p'ra o meu amor passear.

4

Adeus, ó rua-Direita,
rua de murmuração,
onde se faz audiência
sem juiz nem escrivão.

5

Adeus, areal do rio,
adeus, areias brilhantes,
adeus, senhora da Ponte
passeio dos estudantes.

6

Adeus, carvalho da ponte,
adeus da ponte carvalho,
tu foste o alcoviteiro
da moça do boticaio.

7

Se fores a Barcelinhos,
tira o chapéu a meu pai:
pede-le a filha mais nova,
que a mais velha já lá vai.

8

Se fores a Barcelinhos
leva contas de rezar
que lá estão as feiticeiras
que te pod'infetigar.

9

As moças de Barcelinhos
todas tem a fralda rota;

só a moça do vigairo
tem uma nova d'estopa.

10

As moças de Barcelinhos
todas tem o c... de pau,
a barriga de manteiga,
as mamas de bacalhau.

12

Desde que Barcellos falla,
Barcellinhos saciou,
fizerão tanques e ruas
c'o dinheiro que deixou.

13

O seu filho Barcellinhos
tão infame lhe sahiu!
viu cahir seu pai ao rio
nem por isso lh'acudiu.

13

Se fores a Barcelinhos,
leva um ramo de trovisco,
que as moças de Barcellinhos
capáro' o padre Francisco.

14

Debaixo da ponte ando'
dois peixinhos a nadar;
debaixo d'um burro ande
quem se ri do meu cantar.

15

Mais vale amar uma pedra
do que amar uma mulher:
sempre tem a cara torta,
ninguem sabe o que ella quer!

15

O meu peito é um relógio,
meu coração dá pancadas:
no dia que te não vejo
trago as horas trocadas.

17

Eu por arte tomei amores,
eu por arte te eide amar;
quem por arte toma amores
por arte os torna a deixar.

18

D'aqui d'onde estou bem vejo
olhos que me estão matando:
matai-me devagarinho,
que eu que morrer penando!

19

Arvore, que dás «pirretes»

porque não dás coiza bôa?
cada qual dá o que tem
conforme a sua pessôa.

20

Ha coizas que parecem bem,
ha coizas que não parecem,
ha coizas que diminuem
ha coizas que crescem.

21

Quem diz que o amar enfada,
decerto que nunca amou:
eu amei, e foi amado,
nunca o amar me enfadou.

22

Eu quiz e tu não quizeste,
tiveste opinião!
agora já te não quero,
amor do meu coração!

23

Chorai, olhos, chorai olhos,
qe' o chorar não é despresol!
tambem a virgem chorou
quando viu seu filho prezo,

24

Chamastes ao meu cabello
canavial de Vianna;
eu tambem chamo ao teu
—a deshonra de quem ama.

25

Chamastes ao meo cabello /u
dobadoura de dôbár:
eu tambem chamo ao teu
—sarilho de ensarilhar.

26

Dei um beijo numa negra,
caticha! não quero mais!
antes quero d'uma branca,
inda que me custe mais.

27

Façamos amor, façamos,
como fazem os pombinhos:
passarinhos innocentes
dão abraços e beijinhos.

28

Estas meninas d'agora
são como a pera pigaça;
por dentro são combalidas,
por fóra cheias de graça.

29

Este rapazes d'agora,
estes que d'agora são,
trazem 5 reis no bolso
com a sua presumpção.

30

Estes rapazes d'agora
não comem senão farello,
para guardar o dinheiro.
para banha p'ro ~~h~~abello. /c

31

Estes rapazes d'agora
não comem senão farinha
para guardar o dinheiro,
e andar de lavitinha.

32

Puz-me a chorar saudades,
á beira d'agua que corre,
a agua me respondeu:
—quem tem canceiras não dorme!

33

Puzme a chorar saudades,
á beira da agoa corrente,
uma voz me respondeu:
—vaite embora, ó demente.

34

Pia o mocho no loureiro,
canta o melro no silvado,
canta o camponez no campo,
quando anda com seu gado.

35

O ladrão do negro melro
toda a noite assobiou;
pela fresca madrugada
bateu as azas, voou.

36

O ladrão do negro melro
onde foi fazer o ninho!
lá p'r'ós lados de Vianna
no mais baixo pinheirinho.

37

O gallo, quando canta,
a gallinha cacareja;
o melro come azeitona,
e tambem pica a cereja.

38

O' pombinha branca
de bico de chumbo,

levame esta carta
ao cabo do mundo.

39

O' pombinha branca
de bico amarello;
levame esta carta
aonde eu quero.

40

Já lá vai aquelle tempo
qu'eu era sua criada,
que até vossê me batia
com o pau da sua ramada.

41

Pusme a contar as estrellas,
não as acabei de contar:
faltoume a estrela do Norte
e a agulha de marear.

42

Bem alta vai a lua
mais alto vai o luar;
mais alta vai a «fortuna»
que o Senhor me ade dar.

43

Eu subi ao loureirinho
cheguei ao meio cabi;
se o loureirinho é morte
—ai de mim que já morri!

44

Salsa da beira do rio,
da beira do rio salsa;
mais vale uma feia liza,
do que uma bonita falsa.

45

Ao passar o ribeirinho,
quebrei a minha viola:
ajuntei os cacos todos
mandei fazer uma nova.

46

Minhas idas, minhas vindas,
minhas idas ao serão;
foi o meu tempo perdido,
minhas passadas em vão.

47

Anel de sette pedrinhas,
salta fora do meu dedo,
que tu foste o causador
d'eu tomar amores tão cedo.

48

Viola, minha viola,
bandurra, minha bandurra,
heide fazer um vestido
do coiro da minha burra.

49

Minha violinha nova,
de desoito caravelhas,
para tocar á noite
á menina das ovelhas.

50

Heide fazer um relógio
da casca dum carangueijo,
meu coração não descança
no dia que te não vejo.

51

O' meu amor, quem te disse,
q'eu a dormir suspirava?
quem tu disse não mentiu,
q'eu por ti suspiros dava.

52

Levantai-vos, carvalheiras,
com a rama p'ró telhado:
deixai passar os romeiros
que vão par'ó S. Thiago.

53

Menina, dig'ó seu pai,
q'eu le direi se o vir,
que lhe não ande a ralar
q'eu p'ra casa lhe heide ir...

54

O' mar sagrado,—ladrão!
quantas almas tens em ti?
roubaste-me o meu amor
já te vingastes de mim. (mi)

55

Limoeiro das calçadas,
já não torna a dar limões.
que le cortaram a rama
para render corações.

56

Já lá vai por o mar fóra
quem nos meus braços dormia:
era o mais bonito cravo
que no jardim se colhia.

57

De joelhos foi ao mar,
de joelhos fui ao fundo:
eu queria que me dissessem

quantos olhos tem o mundo!

58

Vai-te embora, amor ingrato,
eu não quero nada teu,
porque fostes dár a outro
aquillo que era só meu.

59

Quem quizer comprar q'eu vendo,
amores que enjeitei;
eu vendo-os baratinhos
bem baratos os comprei.

60

Cazei-me com uma velha
por causa da filharada,
ora o diabo da velha
teve dez d'uma ninhada.

61

S. João da beira mar
foz-te nascido n'areia:
pedi a S. Anastacio
que nos livre da cadeia.

62

S. João comprou um burro
para saltar as fogueiras,
—árre burro, salta, burro!
S. João que queimas as meias.

63

Eu pintei a cana verde
pintei-a como eu quiz,
tambem a heide pintar
na ponta do teu nariz.

64

A cana verde no mar
está enterrada no lodo:
quem a for desenterrar
ganha um cruzado novo.

65

Semei no meu quintal
a semente dum repolho:
nassceu ùa velha careca
c'ùa batata num olho.

66

Fui dormir com ùa velha
por um quarto de feijões:
óra o diabo da velha,
só me borrou os calcões!

67

Semei no meu quintal

bacalhau frito ás postas:
nasceu ùa velha careca
c'ùa crecunda nas costas.

68

Se o mar tivera barandas,
fora-te ver ao Brazil;
mas o mar não tem varandas,
meu amôr, por onde heide ir?

69

Se vires o mar vermelho
não te assustes que é sagrado:
são as lagrimas de sangue
q'eu por ti tenho chorado.

70

A cana verde no mar
anda á roda do hiáte
heid'ir d'aqui p'ara Lisboa
aprender a calafate.

71

A cana verde no mar
anda á roda do vapor;
aínda está para nascer
quem hade ser meu amôr.

72

A águia do rio bai turba,
eu não fui que a turbei:
agora por meus peccados,
augua turba beberei!

73

O' meu amor, binho! binho!
q'eu augua num sei beber:
a augua tem «semecugas»,
tenho medo de morrer.

74

Eu não saio de Barcellos
nem p'ro Porto bou morar:
bou murar p'ra Barcellinhos,
que lá me heide cazar.

75

Vouvos dar a despedida
já não póssó cantar mais,
que me doi o ceo da bocca,
e mais os dentes caxais!

Barcellos.

Candido A. Landoli.

O MEDICO APRENDIZ

(Facecia popular)

|| Avia numa terra dois medicos que tinham andado a estudar em Coimbra: um d'elles era muito procurado, o outro ninguem o mandava chamar. Um dia o medico infeliz perguntou ao seu companheiro: «Não sei como tu, que não estudaste mais do que eu, sejas tão chamado e tenhas tanta nomeada, enquanto eu não gángo vintem!»—Disse o outro: «Habilidades, amigo! Não é com o que se lá aprende em Coimbra que se faz fortuna; o segredo do negocio está em a gente saber valer-se das occasiões.»—«Mas explica-me lá isso; aconselha-me como hei de ganhar ao menos para o meu sustento.»—«Olha, vou contar-te um caso. Hontem fui ver um doente que ando a tractar e vi debaixo da cama d'elle uns caroços d'azeitona. Apalpei o pulso ao doente, vi-lhe a lingua e disse depois: «Homem, por os signaes que dá, você comeu azeitonas.» O doente e familia ficaram pasmados da minha sabedoria. Estas coisas custam e assim um homem ganha fortuna. O medico infeliz jurou nunca mais tornar a casa de doente que não lhe olhasse para debaixo da cama. Vae um dia chamaram-no para um homem que estava mal; elle entra, olha para baixo da cama, vê lá palha que tinha caído do enxergão, e depois de apalpar o pulso ao doente e lhe ver a lingua disse: «Você comeu palha, por isso é que está tão mal.» O homem e a familia chamaram malcreado e atrevido ao medico, que foi posto na rua a pontapés. (COIMBRA.)

Esta facecia encontra-se em diversas collecções litterarias; vid. Doulop—Liebrecht 284 a e *Revue critique d'hist. et litt.* 1881, art 176 (C. Defrémy), Pitré (*Fiabe* etc. n.º 180) dá uma versão popular siciliana em que como na portugueza o segundo medico diz ao doente que elle comeu palha; mas o primeiro diz ao doente que elle comeu uvas, cujos engaços viu debaixo da cama. Em *Straperola* VIII, 5 (reproduzida no pref. da trad. fr. ed. Jannet. p. XXXIII s.) e em *Morlini* Nov. 32 (ed. Jannet) o primeiro medico diz que o doente comeu maçãs; o segundo, vendo debaixo da cama a pelle d'um burro, diz que o doente comeu burro, ao que o doente replica: «Perdão, ha já dez dias que não vejo outro burro senão V. S.^a» As versões dos *Contes a rire* e de *Les factieux journées* divergem muito pouco d'essas duas; em vez de pelle de burro ha debaixo da cama uma albarda. Não pude examinar as versões de Paggio, *Chitella*, *Roger Bontemps em Belle Humeur* p. 29, *Séries de Bouchet* citadas por Darloy—Liebrecht. A facecia que se repete com frequencia em Portugal tem muito provavelmente origem litteraria.

Lisboa, Abril 1885.

F. ADOLPHO COELHO

Tradições Populares de
Barcellos.

II

«CONTOS POPULARES»

I

O curro

Uma occasião, em Barcellinhos
cazou um homem trabalhador

com uma mulher muito mandriõna.

Ella todos os dias ia p'ra cama sem fazer serão.

O homem dizia-lhe—«O' mulher, trabalha, que é uma vergonha sahires á rua quasi nua, sem teres uma saia para vestir.»

Ella não fazia caso, não queria trabalhar, chegando a taes pontos que quando queria sahir para á rua vinha embrulhada no capóte do homem.

O homem tornou-lhe a dizer—«mulher, olha que o CUCO vem e se te vê assim, péga num pao que te dá.»

A mulher nada de fazer caso.

O homem tanto se enfadou que, um dia deixou-a ir para a missa das ALMAS, esperou-a á Senhora da Ponte e deu-lhe com um pao que a moêu; e ella sem saber que era o homem.

Ella, lá pôde fugir e assim que chegou a casa pegou na roca e poz-se a fiar.

O homem entrou para casa e disse—«ó mulher! que novidade é essa, hoje que é Domingo a fiar?!...» diz ella: «não que o CUCO, hoje, quando eu ia á missa, esperou-me e bateu-me; até fugi nua para casa.»—«Vês, disse elle, se tu trabalhasses sempre assim, o CUCO não te fazia mal nenhum!...»

Foi uma boa lição porque d'alli em diante não se ia deitar sem fiar sete maçarocas. (1)

Barcellos.

Candido A. Landolt.

(1) Sobre este conto do cuco vid. *Tradições populares de Portugal*, de J. Leitê de Vasconcellos, Porto 1882, § 284.

BIBLIOGRAPHIA

BOLETIM FOLK-LORICO ESPAÑOL. (Revista quinzenal)

Recebemos os n.^{os} 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 do novo boletim quinzenal que sob a denominação de «Boletim Folk-lorico Español» começou a publicar-se em Sevilla no dia 15 de Janeiro d'este anno, sob a direcção do exm.^o sr. Alexandro Guichot y Sierra.

E' um boletim muito elegante e nitidamente impresso, e excellentemente redigido, contando já em seus n.^{os} publicados muitissimos artigos, devidos ás penas de varios investigadores d'este ramo de sciencia.

Transcrevendo aqui o summa-rio do ultimo n.^o, verá o leitor a variedade de artigos que elle encerra.

Eilo:

Concepto del Folk-Lore (conclusion), por D. Antonio Machado y Alvarez.—Tradiciones comparadas de Corintia y Cataluña (conclusion), por D. Ramon Arabia y Solanas.—Mitologia del pueblo euskaro, por D. Vicente de Arana.—Catálogo de cuentos populares, por D. Aniceto Sela.—Seccion de Organizacion: Folk-Lore provincial de Cadiz y local de Llerena.—Seccion de Movimento y Noticias.

E' o custo de sua assignatura: Peninsula 6 mezes 3 pesetas. Ultramar e estrangeiro 6 mezes 4 pesetas.

Redacção e administração, Calle Teodosio, 61—Sevilla.

—*—

Agradecendo o benevolo acolhimento que tem tido a nossa modesta revista por parte da imprensa periodica em Portugal e

tambem no paiz vizinho de Hispanha, não podemos deixar de mencionar aqui os nomes dos jornaes que se dignaram occupar da nossa Revista. Ei-los:

«Aurora do Cavado», d'esta villa; «Boletim Folk-lorico Español», de Sevilha; «O Douro», de Rezende; «A Gazeta do Povo», d'esta villa; «O Cabula», de Villa Real; «O Jornal de Fafe», de Fafe; «A Correspondencia do Norte», de Braga; «Jornal de Louzam», de Louzam; «O Facho da Verdade» da Povia de Varzim; «A Independencia», da Povia de Varzim; «A Gazeta de Famalicão», de Villa Nova de Famalicão, no seu supplemento pertencente aomezde maio.

ARIEIV.

OANCIONEIRO MINHOTO

Cantigas populares

50

Já lá vai o sol abaixo,
mettido num pucarinho,
Já la vai o brió todo,
das moças de S. Martinho.

51

Já cortei o meu cabello;
já la vai a minha gala,
a culpa teve-a,(1) eu,
dar ouvidos a quem fala.

52

O' minha caninha verde,
verde cana d' incanar,
pela bôca cai o peixe,
quem te manda ati falar.

53

Fui ao jardim do teu peito,
numa tarde bem pequena,
achei lá o teu retrato,
na mais linda assucena.

54

Assucena era de ouro,
o caminho era de prata,
tomar amores não custa,
deixal-os é o que mata.

55

Quem me dera amar um dia,
ter amor, ter affeição,
ser escravo, dar a vida,
por um terno coração.

56

Quando eu aqui cheguei,
dei um ai, tremeu a terra,
recolheram-se as estrellas,
sahiu o Sol a janella!

57

O' Vila Real Alegre,
villa de Traz-os-Montes:
nos dias que te não vejo,
meus olhos são duas fontes!

58

Os meus olhos são dous peixes,
navegão numa lagôa,
chorão lagrimas de sangue,
por uma certa pessoa.

59

Minha maçã (2) vermelhinha,
picada do reixinol; (3)
se não fôras picadinha,
éras linda com'ó Sol.

60

Menina, se quer saber
como se ganha o dinheiro,
deite cordas ao navio
q'eu serei seu marinheiro

61

Dizem que a morte é má
a morte que culpa tem,
a morte sem Deus mandar,
não vem cá buscar ninguem.

(1) =give-a.

(2) =maçã.

(3) =rouxinol.

62

Hei-de cantar, hei-de rir,
hei-de ser muito alegre,
quem mêm não poder ouvir,
vá p'ró diabo que o leve.

63

Não quero que me des nada,
esse teu dar é pedir:
não quero que d'aqui a pouco
me andes a perseguir.

64

Não quero que me des nada,
eu também nada te dou:
só quero que tu te lembres
do tempo que já passou.

65

Pega lá meu coração,
a chave para o abrir,
não tenho mais que te dar:
nem tu mais que me pedir.

66

O meu amor é de Braga,
é meio acidadão: (4)
é parente dos Fariaes,
vinde vêr a geração.

67

Se o mar tivera varandas,
fora-te vêr a Lisboa;
mas o mar não tem varandas,
quem não tem azas não voa.

68

Antoninho cravo roixo, (5)
não vás á fonte buber: (6)
que lá estão as penas da morte,
não te possó ver morrer.

69

Eu já vi o cravo mucho, (7)
e tornar a enverdecer,
já vi deixar o amor,
e tornal-o a querer.

70

O' minha caninha verde,
o minha salta q'atrepa,—

(4) =cidadão.

(5) =roxo.

(6) =beber.

(7) =murcho.

estes meninos d'agora,
são lubadinhos (8) da breca.

71

Que passarinho é aquelle,
que anda no lameiro verde,
com o biquinho na agua
dizendo que morre á sede?

72

Que passarinho é aquelle,
q'anda no lóreiro (9) verde?
não é pass'ro, não é nada:
é a raiz da canna verde!

73

Minha mãe, tomei amores:
ó filha: diz-me com quem?
tomeios com um alfaiate;
ó filha cozia bem?

74

O anel que me tú destes, (10)
era de vidro quebrou,
o amor que me tú tinhas,
o anel o demonstrou. (11)

75

Cortei o rabo á pega
o bico ó papagaio,
agora minha menina,
se quereis comer ganhai-o.

76

O lenço pagar não pode
finezas de quem se quer bem,
mas quem é reconhecido,
dá esse mesmo que tem.

77

É meio-dia nos Frades,
um (12) hora no Salvador,
estão-se chegando as horas,
d'eu falar ao meu amor,

Barcellos.

JOSÉ DA SILVA VIEIRA.

(8) =levadinhos.

(9) =loureiro.

(10) =dêste.

(11) =demonstrou.

(12) =uma hora.

SANTO ANTONIO

D'entre o grande numero de tradições populares que existem ainda vivas e florescentes em Portugal, ha uma que nos parece das mais interessantes e que tem sido das menos exploradas pelos incansaveis investigadores nacionaes. E' a do celebre thamaturgo, Santo Antonio de Lisboa, a qual se conserva, se não em todo o paiz, pelo menos na capital, nos seus arredores e na provincia do Algarve.

O santo da tradição popular é bem differente d'aquelle, cuja vida anda descripta com sombrias côres de devoção e de penitencia, nas chronicas eruditas dos auctores ecclesiasticos. Em vez do mystico hallucinado, que se dedicava á predica e á conversão dos infieis, segundo a historia, a imaginação do povo fez d'elle um santo folgasão, atrevido, endemoninhado, que perseguia as raparigas, roubava-lhes beijos, quebrava-lhes os cantaros, ¹ quando iam á fonte, e depois de as fazer chorar, concertava-os, unindo todos os pedaços com cuspo. Esta tradição, vulgar em Lisboa, faz de Santo Antonio o patrono dos rapazes. Raras, rarissimas, são as creanças que, até aos dez annos, não o festejam annualmente nos seus brinquedos infantis, imitando os actos do culto catholico. Sobre uma cadeira coberta com toalha de rendas e folhos ou com chita de ramagens, armam de ordinario um throno, collocando em cima um boneco de barro, que representa o santo com o menino Jesus sobre um livro, e nos degraus maior ou menor numero de castiças, cruz, calix, custodia e outros objectos usuaes do templo, todos de chumbo; acendem velas de cêra e adoram o supposto altar de flôres e folhagens. Na vespera e noite de 13 de junho, dia consagrado a este santo, ha fogueiras em muitos quintaes e queima-se enorme quantidade de fogo de artificio; durante todo o dia lançam-se bombas em honra do thamaturgo. As creanças de familia pobres armam o throno a porta da rua, e, desde os primeiros domingos de Maio até ao dia da festa assaltam os transeuntes com bandejas ou pires pedindo esmola para a cêra do santo. O maravilhoso e a desenvoltura seduzem as imaginações infantis; assim se explica a sympathia que os rapazes dedicam ao Santo Antonio. Em Lisboa dizem:

Santo Antonio milagroso
Come figos e é goloso.

¹ No *Elucidario* de Viterbo cita-se uma Albergaria, instituida em 1206 por D. Bartholomen Domingues, que no tempo do auctor se chamava Santo Antonio do Cantaro. Verbo *Albergaria*.

A versão do Algarve em vez de *milagroso* diz: *é um manhoso* e outra da capital: *laproso*. Os milagres são populares:

Santo Antonio foi santo
Ninguem o duvida,
A parreira secca fez o milagre
De florir a vide.
(Torres Novas).

Santo Antonio já foi santo
Já prégou,
Em quantoresou uma ave-maria
Seu pai da forza livrou.
(Thomar).

Santo Antonio é santo,
Elle santo é,
Elle fez o milagre
De pegar o pé.
(Thomar).

Santo Antonio milagroso
Amparo de Portugal,
Ajuda-me a vencer
Esta batalha real.
(Lisboa).

No Algarve dizem: «A razão de Santo Antonio andar sempre com o menino Jesus ao collo é porque quando elle entrava na sua cella encontrava lá sempre o menino». — «Um dia Santo Antonio foi prégao ao povo e como este o não quizesse ouvir foi prégao aos peixinhos». — «Estando uma vez a dizer um sermão em Padua um anjo o avisou de que o pae ia morrer enforcado em Lisboa. Santo Antonio mandou rezar aos fieis uma *ave-maria*, e enquanto a rezavam elle, deixando o capuz no pulpito, foi a Lisboa salvar o pae». Estes e outros milagres foram descriptos em verso, no seculo XVI, por Francisco Lopes na sua *Vida de Santo Antonio* que os aproveitou da tradição popular. Em nossos dias Braz Martins fez d'elles um drama sacro.

O caracter mais interessante do santo, segundo a voz do povo, é porém, outro; consiste nas suas relações evidentes com os vestígios de antigo cultos phallicos, como succede tambem com as tradições de S. João e de S. Gonçalo. Santo Antonio quebra as bilhas ás raparigas e, depois de as ralar muito, concerta-as. Esta versão do Algarve pouco differe da que corre em Lisboa. Elle é o advogado dos casamentos das raparigas, e quando não se digna protegê-las mettem-no num poço ou partem-no em pedaços (Lisboa). Vê-se o mesmo costume no Algarve: As raparigas quando querem casar enforcam Santo Antonio, deitam-no ao poço de cabeça para baixo depois de lhe tirarem o menino, e não o tiram do mólho sem que elle tenha feito o milagre, Tem o mesmo caracter orgiastico estas cantigas populares:

Santo Antonio é brejeiro
E alguma cousa mais;
Faz chorar as raparigas
E andar sempre aos ais.
(Algarve).

Santo Antonio é velhaco
Foi á font^e
Levou tres
E trouxe quatro.
(Torres Novas).

Santo Antonio é o Santo
Que mais pancadas deve levar

Santo Antonio da Riba-mar
Abaixae-me esta barriga

Por não fazer o milagre
Pra as raparigas casar.
(Idem).

Que eu não sei o que traz dentro
Se é rapaz ou rapariga.
(Torres Novas).

Santo Antonio é moço,
Santo Antonio é frade;
Para casar as moças
Tem habulidade.
(Tagarro).

O snr. Theophilo Braga tambem colligiu quatro do mesmo genero no seu *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez*, tomo II, pag. 158. E' da ilha de S. Miguel a seguinte:

Oração para quando desejam casar e na duvida se são amados ou não por F...

O' rainha Santa Helena,
Mãe e mulher d'El-Rei Constantino,
O mar vermelho passaste
Em procura da bella cruz
Os tres pregos que encontraste
O primeiro dettaste ao mar
Para que fosse sagrado,
O segundo déste ao vosso marido e ilhos
Para que fossem christãos;
O que vos ficou
Emprestae-in'o esta noute
Para offerecer ao glorioso Santo Antonio
E pedir-lhe, por alma da sua madrinha,
Que me declare em sonhos
Se hei de casar com F...
E se tiver de casar com elle
Permitti que eu sonhe
Com aguas claras,
Alegres campos cheios de flôres,
Casas caiadas, mezas postas:
E se eu não casar com elle,
Mares bravos, campos negros,
Seccos e escuros, casas negras
E mulheres viivas. 2

Encontram-se bastantes vestigios dos cultos phallicos, em Por-

2 Devemos esta oração e varias tradições do Algarve ao nosso amigo Reis Damaso, a quem aqui agradecemos; igualmente agradecemos aos nossos amigos Carrilho Videira e E. d'Almeida algumas informações de que nos temos aproveitado nestas notas.

tugal, como se acha provado pelos nossos amigos Theophilo Braga, nas *Origens poeticas do Christianismo*, e Leite de Vasconcellos, em dois folhetins do semanario republicano federal *A Vanguarda*. Porém, nem um, nem outro auctor nota a influencia d'esses cultos nas tradições populares sobre Santo Antonio, influencia, que, segundo cremos, fica demonstrada pelos documentos colligidos nestas paginas. Porque motivo se liga a este santo uma feição caracterista dos cultos orgiasticos? Será porque Santo Antonio de Lisboa foi o auctor da disciplina publica de sangue, conforme refere Viterbo, a qual degenerou em scenas lubricas e escandalosas? Sobre este assumpto lê-se no *Elucidario*, V. *Flagellantes*: «Esté sanguinolento *espectaculo*, executado com as devidas circumstancias foi sempre de grande edificação. Não negarei comtudo que a vaidade louca de alguns, profanando o mais sagrado, fez passar este costume de santo a escandaloso, comprando a sua perdição com o preço do seu vertido sangue: feitos verdadeiramente martyres do demonio». Muitas vezes se confundiu esta disciplina sanguinaria com a seita dos Flagellantes, os quaes «andavam nus até á cintura, com capello na cabeça, e uma cruz na mão, açoutavam-se duas vezes no dia e uma de noite, com cordas cheias de nós, e armadas de pontas de ferro, e postrados em terra formavam com os braços abertos a figura da cruz e pediam misericordia». Com isso cahiam em «mil absurdos, abominações e erros», excitando se «ás acções mais torpes». (*Elucidario* loc. cit.). Os Flagellantes da idade media trazem-nos á memoria muitos costumes orgiasticos que seria ocioso citar aqui 3.

Dar-se-ha na tradição de Santo Antonio um syncretismo tão vulgar em todas as phases religiosas e poeticas? Haverá confusão entre o santo de Lisboa ou o seu homonymo da Thebaida? A Santo Antão ou Santo Antonio, abbade egypcio, tambem andam ligados restos dos cultos phallicos; pelo menos, leva-nos a esta supposição, entre outros factos, ser o santo representado sempre com um porco aos pés. Como observa Gubernatis, na sua *Mythologia zoologica*; o porco é até certo ponto o equivalente mythico do burro, e com frequencia substitue ou é substituido pelo boi, pela borboleta e por outros animaes do symbolismo phallico. «Nas crenças italianas, escreve o mesmo auctor, o porco é consagrado a Santo Antonio, e ha tambem um Santo Antonio que passa pelo protector dos casamentos como o scandinavo Freyr, a quem o porco é dedicado», (ob. cit. pag. 6 vol. II, tr. fr.). Entre nós, o porco apparece nas tradições e nos monumentos com valor mythico, mas independente do santo a que é consagrado. 4 Porém, em compensação. andam liga-

3 Cf. os nossos *Ensaio sobre a evolução da humanidade*, capitulo I.

4 Cf. Leite de Vasconcellos num art. publicado na *Era Nova*, pag. 77, e Th. Braga nas *Origens poet. do christ.* pag. 262 e 273. Este

dos a este santo diferentes animaes que figuram nos mythos com significação identica. Em Passos de Ferreira quando tosse um cavallo ou um boi dizem logo *S. Antonio!* tantas vezes quantas o animal tossir (Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal* §§ 319 e 323). Em Villa de Sortelha, por occasião da festa de Santo António, um boi muito enfeitado é levado a dar uma volta á egreja (Idem, *Calendario Popular*, n.º 75 da *Vanguarda*).

No concelho de Alemquer chamam aos millépedes ou bichos de conta—*porquinhos de Santo Antonio*, e noutros sitios—*porquinhos de Santo António*. Como vimos, Santo Antonio de Lisboa foi um dia prégar aos peixinhos, porque os homens não o quizeram escutar; ora o peixe é tambem um symbolo phallico, como é geralmente sabido.

As relações de Santo Antonio com o vento são um caracteristico notavel. Fallando do redemoinho do vento cita Leite de Vasconcellos o que dizem em S. Pedro do Sul para elle fugir:

Bolborinho do peccado,
Vae-te com Santiago;
Bolborinho do Demonho,
Vae-te com Sant'Antonho.

(Trad. pop. de Port. pag. 74).

que é curioso approximar da seguinte nota de Gubernatis (*Myth. Zool.*, I pag. 51): «Segundo as crenças vedicas o Santo Antonio, a divindade tutelar dos animaes, era Rudra, o vento, ao qual se devia, quando o rebanho estava doente, offerecer sacrificios no meio de um circulo de vaccas». Na tradição portugueza, segundo parece, o Demonio é o agente motor d'aquelle phenomeno atmosferico e o santo tem poder sobre o espirito maligno. Esta approximação entre o Santo Antonio e o Demonio traz-nos á memoria a seguinte tradição que ouvimos ha muitos annos em Lisboa: Num dia de jejum, quando o Santo saía da cella, encontrou uma moça formosissima com uns magnificos cachos de uvas que lhe offereceu. Santo Antonio ao ver uns cachos tão bellos ia a lançar-lhes a mão, mas recuou e benzeu-se, e immediatamente a moça que era o Demonio, deu um grande estoiro e desapareceu, deixando um forte cheiro de enxofre; Noutra versão que conhecemos, este caso passou-se na escada do côro da Sé, em Lisboa, e o santo em vez de se persignar fez com um dedo uma cruz na parede, onde ainda hoje se conserva bem visivel, segundo a voz do povo.

Por ultimo citaremos ainda outro caracter que a imaginação popular dá a Santo Antonio. Atribue-lhe a virtude de fazer appare-

ultimo falla da corrida do porco preto, que out'ora se realisava em Braga, por occasião da festa do S. João.

cer os objectos perdidos. colhemos a seguinte oração da qual já temos ouvido variantes:

Santo Antonio se levantou,	— Senhora, eu vou p'ró céu.
Se vestiu e se calçou,	— Tu comigo não irás;
As suas sagradas mãos lavou,	Na terra ficarás
No seu cajadinho pegou,	Todas as cousas que se perdem
Encontrou Nossa Senhora,	Tudo, tudo, ampararás
Que lhe perguntou:	Na honra de Santo Antonio.
— Antonio, tu onde vás.	(Celorico de Basto).

Innumeras tradições, cantos e orações se devem encontrar em Portugal, sobre este santo, que é um dos mais populares e dos que andam mais ligados aos divertimentos simples das primeiras edades 5.

Lisboa, Setembro.

TEIXEIRA BASTOS.

SANTO ANTONIO: 1

Santo Antonio, quero-te eu adorar,
 Pois os meus amores querem-me deixar;
 Santo Antonio d'aqui d'esta villa,
Pois os meus amores querem-me deixar,
 Santo Antonio d'aqui d'esta praça,
Santo Antonio, quero-te eu adorar,
Pois os meus amores querem-me deixar.
 (repete-se o mesmo)

5 Damos aqui em nota máis os seguintes cantos:

Santo Antonio é a treze,
 S. Pedro a vinte e nove,
 S. João a vinte e quatro
 Por ser a festa mais nobre.
 (Thomar e Lisboa).

Santo Antonio é meu pae,
 S. Francisco é meu irmão,
 Os anjos são meus parentes...
 Ai que linda geração!
 (Lisboa).

S. Antonio bateu á porta,
 S. João vae ver quem é:
 E' um ranchinho de Murta
 Que vae para a Nazareth.
 (Thomar).

Santo Antonio é meu padrinho,
 S. Francisco, etc.

(Algarve).

¹ Advogado dos casamentos, etc.

Quer que lhe pintem a sua ermida,
 Pois os meus amores querem-me deixar,
 Quer que lhe pintem a sua oraga,
 Pois os meus amores querem-me deixar;
 Com ùa pinturinha mui linda,
 Santo Antonio quero-te eu adorar,
 Pois os meus amores querem-me deixar,
 Com ùa pinturinha mui clara,
 Pois os meus amores querem me deixar.²

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

FOLK-LORE ALEMTEJANO

I

Oração a Santo Antonio para fazer chover

O' meu padre Santo Antonio,
 Eu te metto nesta azada,
 P'ra que a terra esteja toda
 D'agua da chuva alagada.
 E o sol se esconda,
 Que as nuvens venham já,
 Leva o sol p'ra lá,
 Traz as nuvens p'ra cá.
 E se assim o não fizeres
 De molho estarás tres dias,

Não te rezarei Padre-nossos,
 Nem tampouco Ave-Marias.
 E se o sol se esconder
 Uma corôa rezarei,
 E se vier a chover
 Logo d'aqui te tirarei.

(Elvas)

ANTONIO THOMAZ PIRES.

SANTO ANTONIO

(romance)

Estando Santo Antonio de Padua,
 A prégar o seu sermão,
 Um anjo lhe segredou,
 Que fosse acudir ao pae,
 Que hia morrer enforcado
 O santo admirado ficou,
 Para o seu povo olhou,
 Uma Ave-Maria pediu,
 Para Lisboa partiu,

Chegou ao meio da rua Nova,
 Viu justiça com toda a gente:
 —Onde levas esse homem
 A morrer tão innocente?
 —Este homem matou outro,
 No seu quintal o enterrou.
 —Vamos á cova do morto
 Que elle dirá a verdade.
 —Levanta-te corpo morto,
 Do mando do Omnipotente,
 Diz aqui quem te matou,
 P'ra desenganar esta gente.
 —Esse homem não me matou,

² Os estribilhos vão em gripho para se destacar melhor a rima.

Nem d'elle tenho signaes,
 O homem que me matou,
 Na companhia o levais.
 —O meu sagrado Messias
 Não quer q'eu descubra mais:
 Deite-me a sua bença meu pae,
 Q'eu sou o seu filho Fernando,
 Que mudei o nome p'ra Antonio,
 P'ra me livrar do Demonio,
 Que me andava a perseguir,
 Noite e dia e toda a hora.

— — — — —
 Santo Antonio é bom Santo,
 Que livrou seu pae da morte,
 Tambem nos ha-de livrar,
 d'esta batalha tão forte.

Santo Antonio é nosso amigo,
 Santo Antonio é nosso protector,
 ha-de levar-nos p'ra gloria:
 p'ra gloria no andor.

(Porto)

Candido A. Landolt.

SUPERSTIÇÕES DO PARÁ

Quem atirar a um *urubú*, pe-capao, cobras ou a outra qualquer ave inutil damninha, é contar que a arma para nada mais servirá.

m Para a canôa andar ligeira é soprar em uma botija sem fundo fazendo as vezes de buzina para assim attrair o vento; ou se a bordo vai uma imagem de *Santo Antonio* (pobre Santo!) amararam-lhe uma corda ao pescoço e deitâm-n'o n'agua, deixando-o assim ir a reboque até que o vento refresque e o barco encete feliz viagem.

Para o peixe pegar no anzol

é cuspir-lhe na isca (receita economica).

Além d'estas ainda ha innumeraveis: os *lobisonhos*, almas do outro mundo, que por causa de promessas mal cumpridas (por máu grado seu) andão penando na terra.

Os *tin-tim-tá* *pireiras*, avesinhas nocturnas, que cantão as syllabas do seu nome, e que em se ouvindo prognosticão desgraça.

Os *curupiras*, passarinhos pretos que vagueião nos matos. Andão com os pés virados para traz; respondem a qualquer pessoa que invoque o seu nome sem que esta os veja; e fazem com o canto perder o rumo ao mais astuto caçador.

Os *pagés*, homens extraordinarios que teem o dom de vaticinar, e de affugentar do corpo humano, todo e qualquer feitiço!
 Pará.

Verediano H. S. Carvalho.

EXPEDIENTE

Tendo a empreza da Revista do Minho resolvido dar um numero dedicado a Santo Antonio, motivos justificados se opposerão a que não podesse sahír no dia 15, por o que pede desculpa aos seus assignantes e á imprensa periodica, prometendo dar o n.º correspondente ao 1.º de julho, junto com o do dia 15.

Santo Antonio

(Romance)

Estando o padre Santo Antonio
 Aprégando o seu sermão,
 Veio um anjo lá do ceu
 Que o vinha converter:

—Tu, Antonio, estás aqui,
 E tu não queres crer,
 Christo te manda dizer:
 O teu pai vae a morrer.—
 Santo Antonio, que isto ouviu,
 A Ave Maria pediu.
 Foi logo direito á corte,

.....

Justiça com toda a gente:
 —Onde levas esse homem
 Padecer tão innocente?

—Este homem vae a morrer
 Por outro que elle matou,
 Testemunhas o juraram,
 No quintal o enterrou.
 —Vamos a esse quintal
 Onde esse homem morto está.—
 Santo Antonio benzeu a terra

.....

—Levanta-te, homem morto,
 Com graça do Omnipotente,
 Diz lá quem te matou,
 Desengana esta gente.—
 O morto se alevantou,
 Deitou olhos ao senado:
 Esse homem não me matou,
 Nem d'elle dou signal,
 Na companhia levas
 Quem me fez todo o mal!
 —Peço, p'la Virgem Sagrada,
 Que não descubras mais,
 Que venho aqui p'ra livrar,
 Não venho p'ra condemnar.
 —Dizei-me, ó reverendo padre,
 Onde é o vosso convento,
 Que vos quero ir visitar.
 —O meu convento é em Padua,
 Não podeis lá chegar,
 Mas quero que reconheças

O vosso filho Fernando,
 Que mudou nome p'r' Antonio
 P'ra se livrar do demonio.
 Que sempre o andava atentando.
 Deixae-me ir, ó meu pae,
 Acabar o meu sermão,
 Que deixei aquella gente
 Toda posta em oração.
 —Ditoso de um tal pae,
 Que tem um filho d'esta sorte,
 Vem de Padua a Lisboa
 A livrar seu pae da morte.

Elvas

ANTÓNIO THOMAZ PIRES.

O S. JOÃO

Os festejos que se fazem na cidade não são tão bellos como os que se fazem na aldeia. Aqui ha inda uma parte darudeza primitiva. Quando vemos os moços aldeões cantando a subir a montanha onde se ergue o facho luminoso, parece que evocamos a lembrança das antigas festas naturalistas de que as do S. João são um resto.

Na cidade accendem-se balões venezianos, na aldeia queimão-se pinhas; alli percorrem as ruas philarmonicas harmoniosas, aqui é o pifano do pastor que eleva aos ceos o cantico da terra.

S. João é um dos santos, se não o santo, que o nosso povo mais ama. Por isso este o identifica com os seus costumes:

D'onde vindes S. João,
 Que vindes tão molhadinho?
 —Venho d'entre aquellas hortas
 De regar o cebolinho.

S. João por ver as moças,
 Fez uma fonte de bica;

As moças não vão lá,
S. João semortifica.

S. João por ver as moças,
Fez uma fonte de prata;
As moças não vão a ella,
S. João todo se mata. (1)

Por isso o localisa e invoca:

O' meu S. João da Ponte,
O' meu santo pequenino,
Heis-de ser o meu compadre
Do meu primeiro menino.

O' meu S. João da Ponte,
O' meu santo marinheiro,
Levae-me na vossa barca
Para o Rio de Janeiro. (2)

D'onde vindes S. João,
Co'uma capa cor de rosa?
—Venho de ver as fogueiras
de Sant'Anna milagrosa.

D'onde vindes, S. João,
Com a capa de estrellinhas?
—Venho de ver as fogueiras
Do largo das Fontainhas. (3)

Por isso o distingue e o honra:

Abaixae-vos, carvalheiras,
Com as pontas pera o chão,
deixae passar os romeiros
que vão pera S. João!

S. João adormeceu
Nas escadas do còllegio:
Deu a Justiça com elle,
S. João tem privilegio. (4)

A alma popular expande-se, e
do seu intimo brotão cantos dul-

cissimos. A poesia é a traducção do sentimento, é o espelho onde se reflectem as harmonias do espirito. O lyrismo apparece ainda exuberante nas canções populares. Interrogue-se o povo, explore-se essa fecunda mina, e ver-se-ha como do seu seio começo de surgir os romances, as cantigas, as tradições, as lendas, os contos, os adagios, toda uma riqueza, e riqueza do mais subido interesse n'estes tempos de investigação e critica.

Mas, como não é nosso intento tratar agora de todas as festas e usos do S. João em Portugal, passamos a fallar só e summariamente de algumas superstições.

As raparigas e rapazes costumão empregar muitos meios para averiguar da lealdade de seus namoros, ou para saberem se hão-de ou não ficar solteiros. Assim, o *malme-quer*, o *cuco*, &, andão sempre a ser consultados.

No paiz de Galles, na Escocia e nos condados do norte da Inglaterra, as raparigas vão, naoute de *Todos os Santos*, deitar nozes á fogueira acenza na chaminé do *hall*: conforme as nozes fumegão, ou se inflammão, a joven^{miss} sabe se o *gentleman* a ama ou despresa.

No tempo de S. João, porém, é que as superstições d'este genero e identicas apparecem mais.

Na Livonia, Escocia e Esthonia attribuem-se grandes virtudes áservas colhidas á mão e sem fouce na vespera de S. João; reservão-nas até para as dar ao gado em caso de doença. (5)

(1) Cant. do Porto.

(2) Cant. da Beira-Alta.

(3) Cant. do Porto.

(4) Cant. da Beira-Alta.

(5) *Aperçu historique sur les mœurs et coutumes des nations*, por G. B. Depping, Paris. 1826, pag. 157.

Entre nós as alcachofras go-
são de grande preponderancia nas
cousas de amor. E' costume tam-
bem servirem-se de ovos, o que
de algum modo faz lembrar os
Musulmanos quando pensão que
os sonhos com ovos tem relação
com as mulheres.

Outras virtudes traz o dia de
S. João comsigo. de manhã apa-
nhão-se as orvalhadas, enrama-
lhão-se os campos para que o *bí-
cho* não moleste as novidades, e
jovens e velhos abluem-se com a-
guas das fontes, porque n'este
dia a agua preserva do *mao olha-
do* e conserva a belleza. (6)

Em Villa-Cova ha um Costume
notavel de experimentar o amor
de dous *conversados*. Consiste no
seguinte: Em a noute de S. João
unem-se por meio de uma linha,
dous ~~jovens~~ *jovens* muito iguaes, re-
presentando um d'elles o *conver-*

sado e o outro a *conversada*: o jun-
co que na manhã proxima estiver
mais crescido é o que designa
maior amor.

A este poetico costume allu-
dem os seguintes versos, que,
com outros muitos, trouxemos
de Villa-Cova:

Dizem que me queres bem,
Inda o hei de experimentar:
Na noute de S. João
Junco verde hei-de cortar.

Terminamos o artigo sobre o
S. João, por isso que, com reipei-
to ao santo, nada mais temos que
dizer de Villa-Cova.

J. Leite de Vasconcellos.

O S. JOÃO

E' hoje dia de S. João.

Quasi todo o povo portu-
guez o festeja.

No Porto, é costume na
vespera á meia noite em pon-
to, quebrar ovos em copos
d'agua fria, e pela manhã, vão
ver com anciedade o que re-
presenta. E' costume geral-
mente, o ovo, ficar em qua-
tro posições: em fôrma de pa-
lacio, que significa a pessoa
que o deita, ser muito rica;
em fôrma de navio, que si-
gnifica ter de passar por aguas
do mar; em fôrma de casa
que significa viver toda a vi-
da pobre, e em fôrma d'egre-
ja que significa casar cedo.

(6) «Les feux de la Saint-Jean
passaient pour mettre en fuite les
démons, qui apparaissaient ce
journlà, et l'*hieracium* ou éperviè-
re, plante auparavant consacrée
au soleil, et qui figurait dans les
rites alors pratiqués, fut appelée
pour ce motif *herbe de la Saint-Jean*
ou *fuga dæmonum*; c'était une
des nombreuses plantes em-
ployées jadis par les druides dans
leurs enchantements; d'où l'ex-
pression des *herbes de la Saint-
Jean*. (Martin Arelat., De Superst.
§§ 8, 9). Au Tyrol, on croit encore
que celui qui trouve un tréfle á
quatre feuilles pendant les feux
de la Saint-Jean, peut opérer des
enchantements. (1, V. Zingerle,
Sur les Superstitions du Tyrol).»
Cit. por A. Maury,—*La Magie* &
pag. 164. not. 2.

junco

Jan

A respeito da crença dos ovos nos copos d'agua e tambem das alcachofras na noite de S. João, veja-se a poesia de Pedro Diniz, intitulada—
SAM JOÃO — publicada em 1862:

« Oh! que se euffôra
Uma andorinha,
Ave caseira,
Nossa visinha,
De voz fagueira,
Em cujo cantico
Transpira a dôr;
Oh! eu iria,
iria, ó bella,
De madrugada
Dar-te á janella,
Muda e fechada,
As mais ingenuas
Vozes de amor.
Oh! eu te diria,
Se fosse andorinha:
Gentil donzellinha,
Raminho de lyrios,
Que plantas martyrios
No meu coração,
Oh! vem á janella
Dizer-me singela
Se a tua alcachofra
Ficou bem queimada,
Se fos-te escutada
Do teu S. JOÃO.
Oh! dize se invocaste
O teu santo patrono,
Se á noute affugentaste
Das palpebras o somno;
Se quando a fatal hora
Na torre o sino deu
Correste antes da aurora

O copo a consultar;
Se o copo respoudeu
Ao timido desejo
De um peito innocentinho;
Se o santo bemfasejo,
O nosso bom santinho
Quiz fervorosas supplicas
Propicio despachar;
Tudo isto, donzellinha,
Te iria eu perguntar
Se fosse uma andorinha.
Disséste: meu santinho,
Alma das noutes bellas,
E que nas madrugadas
Com candidez revelas
Em sortes desdobradas
Ás timidias donzellas,
Até no lar dos mouros
De amor ricos thesouros
Que estão por descobrir;
Que as plantas queimadas
Por mão alva, inocente,
Sabes fazer florir
Com tuas bentas mãos,
Bondosas egualmente
A mouros e a christãos;
No copo d'agua fria
Abreme a sorte minha!?
Tudo isto eu te dissera
Se fosse uma andorinha.»

Ha n'ella, como se vê as crenças populares do S. João.

No Porto tambem é costume as raparigas escreverem os nomes de certos rapazes n'uns papeisinhos e depois enrolam-os, e ao dar da meia noite de S. João deitam-os numa bacia com agua, na madrugada vão ver, aquelle

que estiver desenrolado é por que o sujeito do nome do papel hade casar com ella.

A bacia quando lhe deitam os papeis põe-na ao canto da esquerda ou atraz d'uma porta.

C. A. Landol.

O S. JOÃO

Não ha Santo a que as uzanças populares festejem com mais alegrias loucas e ás vezes inconvenientes do que o Santo Precursor que viveu sempre em penitencia. Na Maia entre muitas brincadeiras não ha cravo que escape na vespera de S. João ao rapazio da aldêa; mas quasi sempre não são só os cravos que desaparecem, são tambem os vasos que lenham flores, as cancellas dos campos e mattos, as portas e tudo quanto se possa mover, objecto que os rapazes collocam em volta da capella aonde vá mais gente á missa; depois disto as raparigas, donas dos vasos, carregam com elles para casa, e os homens com as cancellas; mas enquanto que aquelles riem, estes poucas vezes gostam da chalaça.

Na vespera de S. João a pessoa que tem sarna vai á meia noite rolar-se, inteiramente nua, num campo de linho, — coisa de pouca satisfação para o dono do linhar.

Porto, Setembro de 82.

Maria Perigrina de Souza.

PREJUIZO DO SAL

Na noite de S. João põe a gente crédula d'esta cidade n'uma taboa doze montinhos de sal, aos quaes dão os nomes dos mezes, começando por Janeiro, Fevereiro, etc; passão depois as taboas pelo fumo d'uma fogueira e deixão-na ficar toda a noite ao relento; de manhã, antes do sol nascer correm á taboa examinem qual dos montinhos de sal está mais humido, e é então que sabem quaes os mezes em que choverá mais, segundo os nomes que lhes deirão e a humidade de cada um.

Beja.

Luiz Emygdio Cardoso Guedes.

ALGUNS PREJUIZOS DO ALEM-TEJO

Não se devem torcer linhas nas sextas feiras da quaresma.

Devem todo o anno conservar-se em casa uvas pretas porque nunca faltará o dinheiro nas casas em que ellas estão.

Não se deve beber agua tendo na mão um candieiro ou uma candeia acesa, porque isto é causa de morte repentina.

Uvas comidas depois da meia noite do Natal livrão de ceções (depois de morto).

Quem quer saber a sua sorte mette, na noite de S. JOÃO, tres favas debaixo do traveseiro da cama, uma toda descascada significando pobreza, outra só com metade da casca significando mediocridade outra emfim com toda a casca significando abundancia. Tira-se depois á sorte uma das favas, e a fortuna da pessoa será segundo a que sair. E' oraculo de

nova especie.

Quando alguém se julga acometido das feiticeiras, deve comer alhos com casca, fundando-se em uma phrase, que corre entre os camponeses: — *Quem come alhos com casca dá uma punhada que descasca.*

Que sê dê credito a estas miserias entre gente rustica, não admira; mas ante a que o não é...!

Evora.

Ignacio da Conceição Ferreira.

-----*-----
FOLK-LORE ALEMTEJANO

II

Oração a S. Romão

(Contra os cães damnados)

(a) Encommendo-me á luz,
O' santo nome de Jesus,
O' Senhor S. Romão c'roadado,
E por c'roar,
Que tem os pés em Roma
É a cabeça em Portugal.
Eu peço os anjos bemitos
Que nos livre
De cão danmado e por danmar,
De homem vivo mau perigo,
De homem morto mau encontro,
Que sejamos tambem guardados
Como Deus no ventre
Da virgem Maria,
Padre Nosso, Ave Maria.
(Elvas)

(b) Com bem venhas á beira cruz,
É a rainha da verdade,
E' a Santissima Trindade,
E ó padre S. Romão,
A cabeça está em Roma,

O corpo em Portugal.

Deus nos livre de cães damnados,
E por danmar,
De homem morto grande encontro,
De homem vivo grande perigo,
S. Romão esteja comigo. / R
(Elvas)

Antonio Thomaz Pires.

Costumes michaelenses,

Alvorada de S. Pedro

A villa da Ribeira Grande demora ao norte da ilha de S. Miguel, na distancia de 15 kilometros da cidade de Ponta Delgada, capital da mesma ilha.

S. Pedro é o orago da egreja da Ribeira Secca, um dos suburbios da dita villa.

E' pois n'este sitio que tem lugar a festa, que em honra do mesmo santo annualmente se celebra; festa, talvez sem igual na christandade, e que tem tanto de concorrida quanto de disparatada.

No dia do precursor de Christo, 24 de junho, ao raiar da auro-ra, um bando de homens a pé percorre as extensas ruas da villa, tangendo diversos e desentoados instrumentos musicos, afim de advertir os que cinco dias depois teem de fazer parte da cavallhada.

O dia 29 é esperado pelos moradores da villa e seus arredores com grande anciedade.

São dez horas da manhã. Os sinos da parochia de S. Pedro repicam alegremente. Dentro officiam venerandos sacerdotes. Enchem de accordes sons o ambiente do templo as vozes do orgão e dos cantores. No largo, em frente da egreja, apinha-se uma multidão immensa, confundindo suas

vozes desentoadas com o stridor de innumerous tambores, rebecas, violas e consertinas.

Findou a festa na igreja. Põe-se a multidão em ordem e desfila. Na frente marcha o maioral vestido a capricho, em bem enfeitado cavallo; o rosto do cavalleiro é vendado por densa mascara; na cabeça avulta-lhe immenso chapeo, ornado de grande numero de cordões de ouro, brincos e outras joias do mesmo metal, que tudo junto forma um valor sempre excedente a 600,5000 reis. Seguem-n'o quinze ou vinte cavalleiros, adornados como elle mas sem mascara. Atraz caminha a multidão, mascarada e a pé; uns conduzindo uma récua de lazarentas e enfessadas burras, outros uma parelha das mesmas puchando um arado, ou uma grade, similhando lavrara terra, em quanto outros sêmeam baganha, mimosiando ao mesmo tempo as pessoas presentes com mãos cheias d'esta, lançada com força contra todos. Alguns ordenhando as burras, offertam do mesmo modo o leite aos assistentes.

O bando sempre alegre, e sempre tocando a sua musica monotonica, e sem variante alguma, pulando continuamente e recitando strophes, ora picantes e allusivas a particulares e auctoridades locais, ora sem significação conhecida, dirigem-se a todas as ruas, onde móra algum, ou alguns dos que fazem parte da cavallhada; isto é dos quinze ou vinte que marcham na frente.

Chegados que são, passam e repassam cinco vezes em frente da casa que vão comprimentar. D'ahi dirigem-se a outra, e do mesmo modo a todas. O mesmo pra-

ticam nas egrejas, onde haja algum sancto que fosse discipulo de Christo. Se o adro é accessivel á cavallhada, ahi sóbem e dão cinco voltas á roda do mesmo; se não, contentam-seem fazer o cumprimento como já descrevi:

São talvez seis horas da tarde, quando o bando alegre, mas exhausto pelo canção, tem chegado de novo ao largo da igreja de S. Pedro. Ahi dão cinco voltas á roda do mesmo, e encaminham-se para um logar pouco distante onde se dispersa, para descansar de tão aturado labor.

Que significa tudo isto? Perguntar-me-hão sem duvida os meus leitores. E' a mesma pergunta que eu fiz a muitos moradores antigos d'aquella villa, e a qual nenhum me soube responder. Porfiei, e por fim eis o que vim a apurar:

—Christo, redemptor nosso, ao enviar o apostolo S. Pedro a prégar o evangelho, disse-lhe: Vae e prega a minha lei, mas com prudência. Para que consigas o fim da tua missão é preciso que primeiro te insinues na amisade dos habitantes das terras que percorreres. Não entres pois a prégar logo que chegues, mas sim diverte-te com elles, e, quando conheças a sua amisade, converte-os então. S. Pedro obdeceu, e os primeiros com quem travou conheccimento foi com uns ricos que folgavam.

Convertidos á fé, ajudarant-o, e marchando juntos dirigiram-se aos campos onde o povo se entregava á lavoura das terras, e ao cuidado de seus rebanhos. Ahi poude o sancto fazer magna colheita de almas para a bemaventurança.

O maioral é o representante do

sancto apostolo; os outros quinze ou vinte, que são sempre os imperadores do Espirito Santo no anno futuro dos diversos imperios de toda a villa, os ricos que, illuminados por Deus; se, convenceram da verdade do apostolo; a restante multidão é a que trabalhando nos campos, foi convertida.

Em tempos não mui remotos, as bandeiras dos imperios, acompanhavam o prestito como trophéos de sua victoria; leis providentes obstaram a isso; mas não obstante, sempre ali se apresenta um simulacro das mesmas.

S. Miguel.

Joaquim Candido Abranches.



O atrazo mental nas nações civilisadas

E' grande, sem contestação, o desenvolvimento actual da civilisação europea e americana, devido ao espontaneo numero de progressos scientificos e industriaes realisados nos ultimos seculos, mas não nos devemos esquecer que é bem deminuta a parte da humanidade que se levantou até esse grau de superioridade relativa, tomando a dianteira na marcha evolutiva e perferivel das sociedades humanas. A area occupada pelos povos que são o verdadeiro fôco da civilisação é talvez a vigessima parte da superficie solida do globo e o numero de habitantes que compõem a guarda avançada dos progressos humanos é egualmentente limitado. Mesmo entre os povos mais avançados a maxima parte da população conserva-se n'um estado mui-

to inferior de desenvolvimento mental, pouco ou nada differindo do atrazo intellectual dos selvagens. E' uma fracção diminutissima o grupo escolhido que fórma realmente um completo contraste com o estado rudimentar das tribus africanas e australinas. Apenas uma centessima parte dos habitantes da terra pôde de direito reclamar a qualificação de civilisada, e note-se bem, incluindo n'este numero muitos individuos que não desligaram ainda completamente dos preconceitos e superstições das épocas primitivas.

E' geralmente motivo de riso, e até mesmo de duvida, o facto comprovado por innumerous viajantes e missionarios, de que os pretos da Africa fabricando os seus deuses, os seus fetiches de pau, pedem-lhes favores e protecção, reprehendem-nos, ameaçam-nos e castigam-nos quando os seus desejos não são saptisfeitos; no entanto ainda entre os povos civilisados se encontram vestigios d'este estado primordial da religiosidade.

Mencionaremos um exemplo que nos foi narrado ha pouco tempo por um nosso amigo, testemunha occular do facto; Ha em a nação visinha, na provincia das Asturias, um pequeno povo de pescadores, pobres e miseraveis, que todos os annos em 29 de junho festejam S. Pedro, uma velha estatua de pau, que se conserva n'uma capella a passos de Piavia. Durante todo o anno os habitantes d'esta localidade vão frequentes vezes á capella pedir ao santo que lhes proteja a pesca e lhes conceda toda a ordem de favores; mas o pedido é acompanhado de promessas e ameaças para mover

o animo interesseiro de S. Pedro ou para lhe arrancarem pelo medo o que elle de bom grado não quizesse ceder. Assim sedurante a pesca se levanta de repente uma tempestade, as familias dos pescadores, que andam no mar largo, correm em grandes choros á capella e atordoam os ares com ameaças ao santo para elle lhes trazer a são e salvo os seus maridos, os seus filhos, os seus parentes. Se o máu tempo se prolonga e os pescadores não podem saindo do mar, lá vão elles ameaçar S. Pedro para que lhes dê bom tempo. Se falta o peixe, se a pesca se torna insignificante, o pobre do santo tem de providenciar, quando não... no dia da festa paga tudo por junto, chega o dia 29; põem o santo sobre um andor e em porcição solemne, acompanhada por todo o povo de Piavia vestido com os seus trajes de gala, pelo clero, por musicas e foguetes, etc., dirigem-se todos para os lados do mar; á frente do andor vae um homem espadado, de fatos carnavalescos, manejando um enorme sabre com movimentos de antigo tambor-mór e com esgares ridiculos. Chegado o cortejo ao extremo do seu gyro, á beira-mar, depõem a imagem no chão, e então começa o povo a formular em alta gritaria as accusações, as faltas que imputam ao santo, uns a morte do pae, outros a morte de um irmão ou de um filho, ainda outros a perda de um barco ou qualquer transtorno soffrido durante o anno.

A cada accusação o homem do sabre descarrega valentes golpes sobre o pobre S. Pedro, se

o povo acha que é pequeno o castigo pede em brados atroadores maior sova que de ordinario faz saltar algumas hastilhas da imagem, e por fim ainda exige que lhe dêem um ou mais mergulhos; n'este caso atam uma corda ao pescoço do santo e atiram-o ao mar, uma, duas ou mais vezes. Em seguida tornam a collocar a imagem sobre o andor cobrem-no de flores e a procissão recolhe á capella com a mesma solemnidade comica com que saiu.

Aqui tem um exemplo bem vivo de fetichismo, semelhante ao fetichismo das tribus africanas, na nossa peninsula e que prova o estado de atrazo mental em que ainda se acha o povo, mesmo nas nações civilisadas.

Teixeira Bastos.

Costumes portuguezes do seculo

X V I I

Nas POESIAS de *Antonio de Villasboas e Sampaio, auctor da Nobliarchia Portugueza*¹ (Coimbra,—Imprensa da Universidade, 1844—, XVI—47 pag.) vem um pequeno poema intitulado *Auto da Lavradora de Airó* (já impresso 1678), onde, ainda que rapidamente, se allude a alguns costumes populares portuguezes. Va-

¹ Senhor da torre de Airó, termo de Barcellos (n. 1629; m. 1701). Os vinhos de Airó são muito celebrados, e até o dictado popular diz:

Vinho de Airó
Bebe-o tu só.

mos archivar esses versos:

1. Ao pé do monte de Ayró
onde, só de hũa pegada,
3. deu á fonte da Virtude,
que ahi nasce vida, & fama.
5. Pelo caminho de cima
com hũa talha apedrada,
7. pucarinho de Estremoz
em prato de porcelana.
9. Hia Leonor pela sesta
para a fonte a buscar agoa,
11. lauradora, que de todas
he por férmosa envejada
13. Leua o cabello em rolete,
melenas dependuradas,
15. gargantilha de belorios,
com relicario de prata.
17. Colete de serafina,
figa de azebiche á banda,
19. ramal de coraes no braço,
& camisa debuxada
21. A todos quantos encontra
com seus olhos prende & mata,
23. & com ser escaça a moça
dão seus olhos muitas dadas
25. Mais panos devo ás pedras
do que á tua fermosura,
27. que as pedras duras não
fogê
tu foges, & mais és dura.
29. Se sabeis que vos adoro
nam sejais esquina sempre,
31. que amor com amor se paga,
& só quem paga nom deue.

COMMENTARIO

Versos 1—4. Parece alludir-se aqui á crença vulgar no Minho de

que certas fontes nasceram de uma pégada. (Vid. as minhas *Tra-dições pop. de Portugal*, pag. 71, § 161.)

Verso 7. A louça de Estremoz é ainda hoje muito fallada.

Verso 15. Na Beira-Alta usavam-se outrora uns folhos em volta do pescoço chamados *gargantilhas*. Também ha ainda hoje gargantilhas de ouro.

Verso 16. Os relicarios ainda hoje muita gente os traz ou ao pescoço ou n'um rosario, etc.

Verso 18. As figas de azeviche são egualmente vulgares. Ha-as até encastoadas em prata, etc.

Verso 24. São muito temidos os maus olhados de certas pessoas. Existe mesmo uma formula, que se diz ás creanças quando se vêm pela primeira vez:

Benza-te Deus,
Boas olhos te vejam
E os máos quebrados sejam.

O A. emprega o termo *dada*. As *dadas* são certas doenças nos peitos das mulheres, para o que ha varios remedios (Vid. *Carmina magica*, na *Era-Nova*, §§ 3.^o e 37.^o); mas a significação do termo n'este verso parece ser outra, ser até mais geral.

Versos 25—3. A menos que não houvesse coincidência de pensamento, o que parece pouco provavel, o A. conheceu a poesia popular, ou pelo menos alguma tradição em que ella se funda:

Eu heide amar uma pedra
Deixar o teu coração;
Uma pedra não me deixa,
Deixas-me tu sem rasão.

Amor com amor se paga,
Nunca vi coisa mais justa:

Paga-me contigo mesma,
Meu amor, pouco te custa.

Excavando nos nossos escrip-
tores antigos, ás vezes até nos
mais insignificantes, encontram-
se allusões ás crencas populares.

N'outra occasião continuarei
estas excavações e commenta-
rios.

J. L. DE VASCONCELLOS.



Canções populares da ilha da
Madeira

Na solidão mais escura
a mágoa venho chorar,
em quanto não vem a morte
meus tristes dias findar.

O meu coração, por artes,
entrou no teu pensamento;
é como o crime de faca,
que nunca tem livramento.

Eu sou tua e tu és meu,
ambos nós sómos felizes;
a cadeia que nos prende
no fundo deitou raizes.

Da bocca fiz um tinteiro,
da lingua penna aparada,
dos dentes lettra meuda,
dos beiços carta cerrada.

O meu coração palpita,
quando palpita me diz:
«que contigo, tarde ou cedo,
hei-de vir a ser feliz!...»

Tendes garganta de neve
d'onde a prata se apura:
morra a prata viva o ouro,
sirva a neve de pintura.

Os cabellinhos da testa

é que vos dão toda a graça,
parecem meadas d'ouro
onde o meu bem se embaraça.

Fui ao mar para vêr agua,
ao jardim por vêr flôres,
á igreja para ouvir missa,
ao adro p'ra vêr amores.

Dizes que me queres muito,
que me trazes no teu peito,
é mentira, não há tal,
quem ama tem outro geito.

O girasol quando nasce
traz maravilhas ao pé,
contractos com gente falsa,
quantos menos, melhor é.

O amor emquanto ama,
ama com todo o cuidado,
depois da prenda na mão
passa papel de enfadado.

Tendes os dentes meudos
como pedrinhas de sal,
quando rides parecem
migalhinhas de crystal.

Eu queria me ir embora,
eu queria, mas não posso,
trago o meu coração preso
co'um fio d'ouro no vosso.

Tendes os cabellos louros,
á roda com seus anneis;
tendes os olhos maganos,
não sei se me enganareis.

O ciume é linda flôr,
anda bem mal estimada;
onde não há ciumes
o amor não vale nada.

Cupido dóe-se d'uma aza,
d'uma penna que perdeu;
Cupido sempre dá penas
a quem sem pennas nasceu.

Junquillo, flôr sem alento,
de que sorte é que tu amas?
Aqui tens este meu peito,
abraza-te n'estas chamas.

Já lá vae pelo mar fóra
quem me dizia:—«sou teu!»
Deus lhe dê tanta fortuna
como aos anjinhos do céu.

•Joaquim Pestana.

Advinhas populares

Um dos entretimentos do nosso bom povo aldeão, durante os longos serões de inverno em quanto as chuvas açoitam os telhados, o vento geme nas franças dos arvoredos, e, sobre o lar, ponto de reunião de toda a família, crepita agradavelmente uma boa fogueira, são as *advinhações*. (Sob este nome generico designam indistinctamente enigmas, jogos de vocabulo, questões de numeros e subtilidades de qualquer especie).

Como amostra do genero apresento algumas poucas; que me occorrem nas quaes, apezar da ingenuidade do conceito, ou rudeza da fórma, se descobre algum engenho e graça:

Comprei uma gallinha no domingo, comi-a na segunda feira, e matei-a na terça. (A gallinha *comia* na segunda feira).

Á noite cheguei a casa, comi uma sardinha, e depois a ceia. (E depois comi a *ceia*).

Um caçador disparou sobre trespêrdizes, e matou uma. Quan-

tas ficaram?—Ficou uma; a que o caçador matou.

Outro caçador atirou a duas rôlas, e ficaram ainda mais *vivas*. (Ficaram ainda mais *rolas vivas*).

A um individuo que tinha dois cães, levou-lhe o diado um. Quantos lhe deixou?—Tres, visto levar-lhe ou offertar-lhe mais um.

Em quattrocantos estão quatro gatos, e cada gato vê mais tres: quantos gatos vem a ser?—Quattro. (Suppõem-nos collocados nos quatro cantos, ou angulos interiores de uma casa).

Dividir uma moeda em tres oitos.—Oito pintos, oito tostões e oito vintens.

Pôr uma libra em oiro.—Em cima de oiro; uma sobre outra.

Da agua contida n'um copo de canada encher outro de meia canada, ficando ambos a transbordar.—Cheio o copo de meia canada mettem-n'o dentro do outro.

Maneira efficaz de dar cabo das silvas.—Cortem-se em dia de S. Silvestre, por que não reventarão senão no anno seguinte.

Como poderei eu encontrar um doente com saude?—Tendo eu saude.

(Turquel).

Segue

José Diogo Ribeiro.

TRADIÇÕES POPULARES



Ha pouco tempo ainda que, o ser colleccionador das composições populares era um symptoma de pouco senso ou de espirito fraco e futil, não se acreditando que houvesse n'esses preciosos documentos tradicionaes qualquer coisa que podesse interessar o espirito erudito, o litterato, o homem do mundo; a educação auctoritaria e classica ministrada nas escolas desconhecia-lhes o valor, e achava-as despreziveis e indignas de gente culta.

Hoje que as grandes notabilidades litterarias vão buscar inspiração a esta fonte perenne, podemos nós, os insignificantes, offerecer á publicidade os resultados das nossas proprias investigações e concorrer com o nosso auxilio para augmentar o já assás consideravel peculio d'esta riqueza nacional.

O caminho está traçado: Almeida Garrett importou o gosto d'esses estudos e deixou-nos composições immorredouras, baseadas no estudo dos romances populares: Theophilo Braga, Adolpho Coelho e Consigliéri Pedroso, auxiliados por muitos a quem interessavam taes trabalhos, colleccionaram muito, herborisam, estabeleceram uma divisão methodica, apresentaram as lacunas inevitaveis em trabalhos que ainda se podem dizer incipientes.

Dar uma pequena e insignificante contribuição para o preenchimento d'essas lacunas, prestar um auxilio a essa obra monumental, base de toda a critica litteraria e historica, como diz Ramalho Ortigão, é o nosso uni-

co intento.

Pouco nos demoramos nas apreciações dos documentos que apresentarmos, basta-nos arrancal-os de narrativas d'essas boas velhinhas, que já passeiam muito descuidadas, convencidas de que a morte, a lei fatal da natureza humana, se esquecera d'ellas, e apresental-as estiradas no «Penamacorense» á critica litteraria, historica e psychologica dos homens da sciencia.

Nos colleccionadores modernos, e especialmente nas obras de Theophilo Braga, encontram-se muitas allusões e satiras mordazes, revolcionistas e de reacção contra certos costumes e certos factos com que o povo se não conformava, mas que era coagido a aceitar.

Nos cancioneiros, porem, não se encontra qualquer composição que prove essa tendencia satyrica; apenas umas cantigas que as raparigas entoavam em volta do tumulo do condestavel D. Nuno Alvares Pereira têm um tanto ou quanto esse sabor.

Julgamos poder offerecer hoje um documento valioso e ainda desconhecido no mundo litterario. E' uma galante satyra de costumes, e d'uma simplicidade encantadora.

VIUVA RESIGNADA

- O' vizinha tem lá lume?
- Treppe arriba, venha a ver.
- Você está bem agastada!
- Nem tudo, nem nada.
- Tem o seu marido morto?
- Espichou as canellas
Hontem ao sol-posto.
- Você manda-o enterrar?
- Em que elle é presunto.

Que se haja de guardar!
 —Você manda fazer officio?
 —Em que eu posso,
 Ou tenho modos p'ra isso...
 —Você torna-se a casar?
 —Em qu'eu posso assim ficar...

Mando chamar as choradeiras
 Que m'ó ajudem a chorar?
 Bem chorado, mal chorado,
 Vá-se o velho a enterrar.
 O' irmãos de misericordia,
 Que na tumbá o levaeis,
 Não arrimeis ás paredes,
 Não salte para os quintaes;
 Que elle era amigo de figos
 Não quero que coma mais,
 Que elle era amigo das velhas
 É das moças muito mais.
 Fazei-lhe a cova bem funda
 Com sete varas de fundura
 Que o velho era manhoso
 Não arrombe a sepultura.

Pelo estylo, pela contextura
 metrica e pela allusão chocarrei-
 ra ao ridiculo costume de alugar
 quem chorasse pelos mortos, pó-
 de fazer-se remontar esta satyra
 ao reinado de D. João I ou pouco
 depois, por ter sido n'esse reina-
 do que deixaram as carpideiras
 de exercer o seu mister.

A' gritaria d'estas mulheres
 chamava-se—bradar por finados
 —e é por isso que em muitas po-
 voações da Beira se manda bra-
 dar pelos mortos nas egrejas, que
 é um responso que os paróchos
 resam antes da missa conventual.

As arrancadas do linho

A tarde estava cálida e formo-
 sa.
 Em um vasto campo, guarne-

cido de frondosas arvores, um
 grupo de aldeãs minhotas alegre-
 mente arrancavam do seio do so-
 lo o loiro linho.

Por vezes reuniam-se em for-
 ma circular, para fazerem ecoar
 no espaço, entre outras, estas can-
 ções, que da maneira por que el-
 las as cantam, são realmente
 mui engraçadas:

D'onde vens, ó Rosa? (*bis* .)
 Eu venho da Maia,
 Que trazes, ó Rosa, linda Rosa?
 Uma bella saia.

D'onde vens, ó Rosa?
 Eu venho d'alli.
 Que trazes, ó Rosa, linda Rosa?
 Que te importa a ti.

D'onde vens, ó Rosa?
 Eu venho de Coimbra.
 Que trazes, ó Rosa, linda Rosa?
 Uma coisa linda,

D'onde vens, ó Rosa?
 Eu venho de Lisboa.
 Que trazes, ó Rosa, linda Rosa?
 Uma coisa boa.

D'onde vens, ó Rosa?
 Eu venho do Porto.
 Que trazes, ó Rosa, linda Rosa?
 Um rapaz garoto.

D'onde vens, ó velho,
 Que vens derribado?
 Que trazes, ó velho, lindo velho?
 Bacalhau salgado.

D'onde vens, ó velha,
 Que vens derribada?
 Que trazes ó velha, linda velha?
 Sardinha Salgada.

O' vida da minha vida
 Adeus, adeus regalar.

Sim, Carolina, ó ai, ó ai. .
 Sim, Carolina, ó ai, meu bem. .

Anda para a minha beira .
 Q'en vou para o teu logar. .
 Sim, Carolina, ó ai, ó ai, . .
 Sim, Carolina, ó ai, meu bem. .

Ai sim, ai sim, ai sim,
 Torna atraz e olha aqui,
 Toma lá meu coração,
 Ran, tran, tran, guarda-o p'ra ti.

O' linda rosa,
 O' meu amor,
 Tão vermelhinha,
 Tão linda côr.

Sou da Maia, sou da Maia,
 Sou da Maia lá da Beira,
 Sou filha d'uma viuva,
 Trago o chapéu á vareira.

Sou filha d'uma viuva,
 meu pae morreu-me no mar,
 Agora levo a vida
 No terreiro a dansar.

E assim continuavam, alegres e festivas, dirigindo *piadinhas* umas ás outras e soltando estrepitosas garralhadas.

Subitamente, algumas nuvens começaram a girar no espaço, empanando a luz brilhante do rei dos astros.

O ceo ia-se pouco a pouco cobrindo de tenebroso manto e o calor tornava-se mais intenso.

—Temos trovoadas—diziam algumas das bellas aldeãs, já amedrontadas—arranquemos depressa o linho, mocinhas.

Começavam a trabalhar com mais afinco, quando ao nascente viram-se nuvens d'uma grande escuridade, e a luz de relampagos successivos scintillar sobre

ellas. Era alli o nucleo da trovoadas.

As joviaes aldeãs, que até agora faziam rir a bom rir a quem as ouvia, enchem-se de panico e invocam Santa Barbara.

A chuva principia a cair e a trovoadas aproxima-se; ouve-se um grande estalo, a que as mulhersinhas chamam:—*terrinque*. Ao longe um raio fende o espaço e vem beijar a terra.

—Ai! meu Deus!—diziam umas.

—Santa Barbara milagrosa;—diziam outras.

—Oh! meu Jesus!—vamos embora, mocinhas, e voltêmos depois da aterradora trovoadas aplacar. Estamos cheias de medo.

E com os olhos marejados de lagrimas e as mãos postas, fitavam por vezes o firmamento.

A chuva tornava-se mais pesada, fazendo grande ruido nas copadas arvores. As gentis camponezas lamentam-se umas ás outras.

Esta scena durou mais de duas horas, após as quaes a tarde melhorou. Cessou a chuva e a trovoadas affastou-se para longe, não tornando a ouvir-se o seu ribombar.

Então as formosas aldeãs, que ha pouco chamavam por Santa Barbara e S. Jeronimo, e que estavam melancolicas e vacillavam dominadas pelo pavor, mudam completamente; o jubilo fez de novo ingresso no seu espirito e volvem a cantar, rir e dançar.

São realmente encantadores estes serviços, quando n'elles tomam parte aldeãs lindas e jocosas.

Sede, oh bellas do Minho, sempre chistosas, e genias!

Salvé, dilectas filhas do campo!

Amores, julho de 1885.

Carolino Augusto Machado.

Advinhas populares

(Continuado de pag. 44)

Prognosticos:—Teremos infalivelmente chuva antes de tres dias.—Antes de tres determinados dias; por exemplo: antes dos dias de Todos os Santos, de Natal, e de Paschoa.—Teremos agua na quarta e na quinta.—Na quarta (bilha, infusa) e na quinta (granja, herdade).

Qual é a maneira d'um velho se tornar moço?—Assoldadar-se.

Qual é o animal mais parecido com um gato?—Uma gata.

Qual é a coisa que quanto mais se lhe tira maior fica?—Um buraco.

Qual é a coisa que quanto maior é menos se vê?—A escuridade.

(Turquel).

José Diogo Ribeiro.

CANCIONEIRO MINHOTO

Cantigas populares

78

D'onde vindes S. João,
descalcinho sem chapéu?
venho de ver uma festa,
que se fez hoje no ceu.

79

Se fôra namorativo
já te tinha namorado,
eu não sou namorativo
nem tú és do meu agrado.

80

Eu hei-de subir ó alto,
ó mais alto que puder,
ó mais alto ramalhinho
q'a oliveira tiver.

81

Tú tens olhos de pau preto,
nariz de penna aparada,
dentes de letra miuda,
bocca carta fechada.

82

Tens olhos de matar,
sebrancêlhas (1) de ferir,
tens a côr demudada:
isso é de não dormir.

83

Que lindos olhos vos tendes,
dai-os ó sol para raios,
se alguém vol-os pedir
dizei: são meus, guardai-os.

84

No mar largo anda guerra,
q'eu bein ouço dar os tiros;
vem ouço andar em guerra
os meus ais c'os teus suspiros.

85

Eras linda como o sol
e branquinha como o leite,
quem te puz n'esses estados
agora que te aproveite.

86

Salsa,—significa gosto:
e eu gosto tenho em ti;
quando deixar de te amar,
considera que morrí.

87

Cantigas ó desafio,
commigo ninguem as cante:
eu tenho quem mas ensine,
o meu amor é estudante.

Barcellos.

JOSÉ DA SILVA VIEIRA.

(1) —Sobrancêlhas.

COSTUMES DA BEIRA-ALTA

Passemos agora a descrever alguns dos festejos da noute de S. João, consoante se elles fazem em Mondim da Beira. Pódem dividir-se em duas partes: os dos rapazes e os das raparigas; os d'aquelles n'um monte, os d'estas na povoação. Ambos porém constam de fogueiras e cantigas. A fogueira que os rapazes fazem no monte da *Rânha*, visinho de Mondim de Cima, chama-se *o facho* ou *o galheiro*. Dias antes da funcção, vae-se a um pinhal proximo, ao som de tambores, pifanos e grandes algazarras, arrancar um pinheiro alto, ao qual se cortam as ramas e se deixam apenas as *galhas* (d'onde *galheiro*); este pinheiro é espetado no cimo do monte e vestido de rosmaninho, bella-luz, fieitos 1, etc. Quando, na noute do Santo, se vêem estes fachos todos a arder n'uns poucos de montes fronteiros, e de vez em quando flamejam pelo ar ou estoiram pelo chão, as *bombas*, as *bichas* e os *sacratapos* 2, ouvindo-se além d'isso as harmonias desafinadas dos instrumentos musicos dos pastores (pois são estes os principaes influentes) e as gargantas sonoras das raparigas, ninguem imagina o bello effeito que a aldeia apresenta. O povo, não contente com ter transformado uma festa naturalistica n'um humilde briuquedo mais ou menos catholico, identificou com seus proprios costumes a personalidade de S. João:

1.^o
 Ó meu S. João da Ponte,
 Ó meu S. João pequenino,
 Heis-de ser o meu compadre
 Do meu primeiro menino.

1.^o
 S. João p'ra ver as moças
 Fez uma fonte de pedra:
 As moças não vão a ella,
 S. João bem se arrepeílla.

1.^o
 O S. João pequenino
 Vendeu o pão do almoço,
 Para comprar umas contas,
 Para botar ao pescoço.

1.^o
 S. João foi para o Norte
 Com vinte e cinco donzellas:

2.^o
 Ó meu S. João da Ponte,
 Ó meu Santo marinheiro,
 Levae-me na vossa barca
 Para o Rio de Janeiro.

2.^o
 S. João adormeceu
 Nas escadinhas do côro:
 Deram as freiras com elle,
 Depenicaram-no todo.

2.^o
 O S. João pequenino
 Vendeu o pão do jantar,
 Para comprar umas contas
 P'ra no Domingo resar.

2.^o
 S. João foi para o Norte
 Com vinte e cinco viuvass:

1 O nome do *feto* em Mondim da Beira é *fieito*, palavra muito bem derivada do lat *filectum*, d'onde derivam ainda outras fórmass parallellas: *fêilo*, *feitêlha* (demin), *feite*, *feto*, *feto-real*, *fenta*, *fentêlha* (demin.) e *fentão*.

2 Estes tres nomes designam outras tantas composições pyrotechnicas proprias das creanças.

Embarca não desembarca,
S. João no meio d'ellas!

Embarca, não desembarca,
S. João a comer uvas.

Além do facho, queimam-se tambem muitas pinhas de pinheiro dispostas ao longo do monte.

A festa das raparigas tem um character mais phallico do que a primeira. No meio de um largo, ou mesmo n'uma *quintan* ou *quinteiro*, accumula-se uma porção dos mesmos vegetaes que constituem o facho, aos quaes se lança o fogo. Formada a fogueira, as raparigas levantam levemente as saias e saltam por cima d'ella, dizendo em fórmula de oração recitada, não cantada:

Fogo no sargaço,
Saude no meu braço.

Fogo na bella-luz,
Saude nas minhas cruces.

Fogo no rosmaninho,
Saude no meu passarinho.

Fogo no feito,
Dê saude a meu peito.

Fogo na gèsta, 1
Saude na minha testa.

Em louvor de S. João,
Que dê saude a meu coração.

S. João vae, vem,
Minha mãe por casar-me-tem.

Na Ucanha recitam-se estes versos, além d'outros muito licenciosos:

Aramá pelas hervinhas do S. João,
Saude no meu coração.

Aramá pelo feito,
Saude no meu peito.

Aramá por ti,
Saude em mi.

Aramá pelo rosmaninho,
Saude no meu peitinho.

Aramá pelo sargaço,
Saude no meu peitão.

Aramá pelo sargaço,
Saude no meu peitão,

Além das fogueiras, ha ainda muitos usos e superstições na noute e madrugada de S. João, como as sortes, as orvalhadas, o apparecimento das Mouras á meia noute a pentear-se, as alca-chofras, etc.

As sortes tem uma fórmula, que, segundo creio, tambem se canta em fórmula de cantiga:

S. João, de Deus amado,
S. João, de Deus querido,
Dae-me a minha boa sorte,
N'este copinho de vidro.

Às alcachofras allude a quadra:

Na noute de S. João,
Muita pancada apanhei,
Por via das alcaxofras,
Que por ti, amor, deitei,

Às orvalhadas allude esta, que, parece é originaria do Porto, como outras mais ali localisadas:

Na noute de S. João,
É bem tolo quem se deita:
P'ra tomar as orvalhadas
No campo de Cedofeita.

De facto, na noute de S. João ninguem se deita, e de manhã vão tomar as orvalhadas pelos campos, a banharem-se nos rios e nas fontes. Os pastores levam os gados aos rios.

Além dos versos que ficam apontados, e que contêm a menção de muitos usos e superstições, ha mais com outras referencias mythicas, como eu já mostrei no meu opusculo *Fragments de Mythologia*, ex.:

—Oh S. João d'onde vindes,
Pelas calmas sem chapeu?
—Venho de ver as fogueiras,
Que se accenderam no Ceu.

A noute de S. João é por excellencia a noute dos amores e dos requiebros apaixonados. A cantiga mesmo o diz:

Na noute de S. João
É que é tomar amores,
Que estão os trigos nos campos
Todos com as suas flores.

A festa de S. João, não é puramente christã, é universal, porque

Até os moiros da moirama
Festejam o San-João,
Com pandeiras e violas,
Com cannas verdes na mão.

Como se viu, a festa do S. João é, por assim dizer, uma festa campestre. Ha ainda outras. No primeiro de novembro, *dia de Todos os Santos*, quando nas torres e nos campanarios os sinos bradão por nossos paes, e os ares se enchem da tristeza funebre da morte, costuma-se—notavel contraste!--accender tambem fogueiras de silvas sêccas nos montes e nos soutos para assar castanhas. Chama-se a isto *fazer o magusto*. Assim como no primeiro de maio

poucos deixam de comer *castanhas picadas*, por causa do burro, poucos no dia de Todos os Santos deixam de celebrar o seu sacrificio, o seu magusto. O vinho e as maçãs não se deixam faltar áquelle festim campestre e frugal. Ás vezes o magusto é terminado por uma enfarruscadella, porque as mãos sujas de debulhar as castanhas prestam-se excellentemente a essa brincadeira de entrudo. Em Mondim da Beira vendem-se n'esse dia uns bólos compridos de trigo, chamados *santóros* (do lat. *sanctorum*).

Se eu tivesse de descrever todos os costumes da minha patria, de muito espaço precisava ainda de dispôr. O pouco que ahí deixo é apenas uma amostra, feita despertenciosamente e ao correr da penna. Para terminar, permittam-se-me ainda duas observações.

Os *serranos*, por isso que vivem entre os seus montes e os seus mattos bravos, no isolamento do mundo, costumados á esterilidade do solo para certos fructos, e ás intemperies do clima, lutando já com os lobos, já uns com os outros por causa das divisões dos *terrenos maninhos*, alimentando-se sobriamente, sem licença de costumes, vivem muito (tenho conhecido serranos de mais de cem annos), são robustissimos, manhosos, fanaticos, inteiramente votados aos usos antigos, e estabelecem a transição do estado pastoral para a agricola.

Os da *ribeira*, mais perto da estrada e dos centros de civilização e actividade, são em tudo quasi o contrario d'aquelles.

Nos povos porém de uma e outra banda ha caracteres communs, não sendo as distincções que estabeleci senão na intensidade e não na qualidade.

A vida das nossas populações passa-se principalmente no campo. A poesia, a musica, a dança, as festas, são o allivio d'essa vida. Predominam por toda a parte as ideias religiosas misturadas de superstições de toda a especie, mas tudo isso vae em decadencia. A palavra *frade* é um titulo de escarneo, e igualmente se vão aproximando d'ella *abbade* e mesmo *padre*. Triumpham emfim a sciencia, e não virá talvez longe o dia em que os cruzeiros desapareçam dos caminhos, e os habitantes das montanhas, despidendo a *capucha* e a *nisa*, desçam a tomar parte no convivio intellectual dos povos cultos. 1

J. L. DE VASCONCELLOS.

1 No livro de *Saraiva e Castilho*, por A. B. Saraiva, livro insulso cheio de pretensões ridiculas, ha, em notas, a narração exacta de muitos costumes da Beira-Alta, principalmente a proposito de festas. O A. salpica tudo de observações pueris e tolas; mas algumas cousas pôde o folklorista ahí aproveitar. Segundo Phaedro, tambem *in sterquilinio pullus gallinaceus margaritam reperit*. Está n'esses costumes o unico merecimento do livro, pelo menos para mim.

FOLK-LORE ALEMTEJANO

I I I

Responso a Santo Antonio

a) Santo Antonio se levantou,
 Suas santas mãos lavou,
 Seus santos pés calçou
 Seu santo caminho andou,
 No campo de Lucifér
 Jesus Christo encontrou,
 O Senhor lhe perguntou:
 —Aonde vaes Antonio?
 —Eu, Senhor, p'r'ó ceo me vou,
 —Tu p'r'ó ceo não irás,
 Quantas cousas se perderem
 Todas tu depararás—.
 O' meu glorioso Antonio,
 P'lo habito que vestistes,
 Pelo cordão que cingistes,
 Vistes estar vosso pae
 Com sete sentenças de forza,
 Não dormistes, não descancestes
 Em quanto, Santo, o não livrastes
 Assim vos peço Santo bemdito,
 Que não dormeis, nem descanceis,
 Em quanto não apparecer
 O que vos peço me depareis.

(Elvas)

b) Santo Antonio se levantou,
 Seus sapatinhos calçou
 Seu bordãosinho agarrou,
 E Jezus Christo encontrou,
 —Aonde vaes bento Antonio?
 —Eu, Senhor, convosco vou,
 —Não, comigo, não irás,
 Todas as cousas perdidas
 Santo Antonio as deparará.

(Elvas)

c) Santo Antonio se levantou,
 Seus sapatinhos calçou,
 Seu bordãosinho agarrou
 E Nossa Senhora encontrou:
 —Aonde vaes Antonio?

—Vou p'r'ó ceo.
 —P'r'ó ceo não irás,
 Na terra ficarás
 Todas as coisas perdidas
 Santo Antonio as amparará.

(Villa Boim)

I V

Oração a S. Bartholomeu

S. Bertholomeu se levantou
 Se vestiu e se calçou
 Suas sagradas mãos lavou
 Seu caminho caminhou
 Jezus Christo encontrou
 —Aonde váes, Bertholomeu?
 —Eu, Senhor, convosco vou,
 —Tu comigo não irás
 E na terra ficarás
 Onde tu appareceres
 Não morrerá mulher de parto,
 Nem cavallo de estado,
 Nem boi de arado,
 S. Bertholomeu bemaventurado.

(Elvas)

V

Oração a S. Silvestre

a) Encommendo-me a S. Silvestre,
 A's sete camisinhas que elle veste,
 O' seu anjo trinta e sete,
 Cortou a cabeça a sete,
 Que corte pés e mãos
 A quem vier com má tenção;
 Tenha olhos não nos veja,
 Tenha ouvidos não nos ouça,
 Tenha pernas não nos alcance,
 Tenha mãos não nos maltrate,
 Que sejamos tão bem guardados
 Como Deus no ventre da Virgem
 Maria,

Padre Nosso, Ave Maria.

(Elvas)

b) Encomendo-me a S. Silvestre
E ás camisas que elle veste,
E ao seu anjo trinta e sete,
Que me livre de mau homem
E de má mulher,
Que fazem e dizem o que quer,

(Elvas)

(Continúa)

Antonio Thomaz Pires.

Vocabulario popular de
alguns termos especiaes uzados
pelos fadistas do Porto

Trabalho offerecido ao meu intel-
ligente amigo e digno director
do

«Boletín y Bibliotheca del Folk-
lore Espanol», o snr.

D. Alejandro Guichot

Alcilante.—Relogio de senhora.

Amarra.—Cadeia de metal que
prende o relógio.

A'rdina.—Aguardente.

Bazarúco.—Moéda de bronze do
valor de 40 reis.

Bórga.—Passeio nocturno. «An-
dar á bórga».

Búldra.—Anus da mulher.

Cára.—Moéda d'ouro, do valor de
2:000 reis.

Catraio.—E' este o termo que em-
pregam para chamar por um
rapaz qualquer.

Cavallinho.—Moéda d'ouro do va-
lor de 4:500 reis.

Chêta.—Moéda de cobre do valor
de 5 reis.

Chúzes.—Sapatos.

Cópadas.—Quando querem tomar
café dizem: «vamos ás cópá-
das».

Cóte.—Quarto dormitorio.

Cúco.—Guarda civil.

Depenádo.—Homem sem dinheiro

Espinha.—Navalha de ponta e
mola.

Fabiáno.—Quando se encontram
dois typos d'egul jaez e não
querem ser conhecidos dizem:
«Como estás ó fabiano?»

Farpélla.—Fato.

Fráde.—Guarda municipal.

Gábirú.—Typto que anda sem di-
nheiro e que só se encosta
aos amigos mas sempre a ba-
sofiar. «E' gábirú».

Gájo.—Um homem. «Um gájo».

Galdinas.—Calças.

Grillo.—Relogio de homem.

Guínes.—Não ter nem 5 reis. «Nem
guínes»!

Jeribáto.—Vinho.

Labércos.—Moéda de cobre do va-
lor de 10 reis.

Láia.—Dinheiro.

Larica.—Fome.

Lazcira.—Aquelle que está a mor-
rer de fome. «Morre de lazci-
ra».

Lérpes.—Moéda de cobre do va-
lor de 20 reis.

Lyra.—Guitarra.

Maçóte.—Anus do homem.

Masquir.—Mastigar.

Marinheiro.—Typos que trazem
dinheiro consigo e que dizem
sempre que o não tem. «E'
marinheiro».

Menêza.—Mulher concubina.

Minhócas.—Sopa de macarrão.

Nêntes.—Nada. «Nem nêntes».

Ósso.—Moéda de bronze do valor
de 40 reis, Deste termo só se
servem os batoteiros. «Daz-me
um ósso?»

Paibantes.—Cigarros.

Pãibos.—Charutos.
Palhêtas.—Botas.
Palito.—Punhal.
Pendante.—Chapeu.
Peneira.—Sêde. «Ter peneira».
Pitáda.—Mulher prustituta.
Piúgas.—Meias.
Pláca.—Moêda de prata do valor de 500 reis.
Prezúnto.—Gente morta. «Temos prezúnto».
Ródinha.—Moêda de prata do valor de 100 reis.
Ródinhas.—Moêda de prata do valor de 200 reis.
Tosse.—Falta de dinheiro.
Um-sete.—Dar uma navalhada. «Fazer um-sete».
Versas (Gallego).—Couves.

Barcellos, 6 d'agosto de 1885.

Candido A. Landolt.

A SUPERSTIÇÃO

A superstição tem avassalado os povos e minado os corações desde remotos tempos; o proprio povo escolhido por Deus, donde devia nascer a especção das nações, dobrou-se ao imperio das creanças falsas, e contra os mandamentos escriptos no alto do Sinai, adorou deuses alheios. Tal é o dominio da superstição! As creanças tem medo do papão; aos adultos ignorantes, aos espiritos superficiaes, fallae-lhes em duendos, que fazem diabruras nas habitações; conta-lhes as habilidades dos lobis-homens, que passeiam de noite uivando pelas ruas como os lobos carnivoros; descrevei-lhes as atrevidas proezas dos magicos, que transportam soberbos palacios da Europa para além do Caucaso; e acres-

centae a tudo isto as historias dos gigantes, que debaixo da terra produzem tremores todas as vezes que se mexem, e accendem vulcões sempre que respiram, e elles vos acreditarão. A superstição, pois, tem o privilegio de sujeitar a imaginação de todos os povos, mas nenhuns professam a superstição com tanta grosseria e facilidade como os que habitam o continente africano.

Em algumas razões se fundam esses povos para conservarem arreigados esses sentimentos falsos e grosseiros. É a creança na multidão dos genios, e dos demonios, que segundo elles julgam, animam toda a natureza, e como puros espiritos, superiores em intelligencia, são bastante poderosos para transformarem o mechanismo da mesma natureza e produzirem phenomenos, fóra da comprehensão humana.

A este respeito fomos, eu e um parente meu, que nada tem de supersticioso, testemunhas oculares d'um caso, que não sendo miraculoso, nos deixou a cabeça tonta, sem saber a que haviamos de attribuir o caso, que passo a relatar.

Foi em 1865. Vinha eu então ha pouco dos bancos da aulas, onde dontrinas de natureza theologica tinham sido explicadas com auctoridade de sabios, como os que produz a nossa Universidade de Coimbra. Exigencias officiaes haviam-me obrigado a viajar pelo interior da provincia. Estava apenas a distancia de dois dias de viagem de Loanda. Abolletado em casa d'um parente acabavamos de saborear a ultima refeição do dia; seriam 7 horas da tarde do mez de agosto, quan-

do o movimento desconcertado d'alguns serviçaes veio interromper o nosso socego para nos dar a noticia de que uma das companheiras, que trazia uma gamella de peixe sobre a cabeça, acabava n'aquelle instante de cair estatelada no chão á porta do quintal, prostrada por uma força occulta. Dirigimo-nos a toda pressa para alli. A paciente dava gritos dolorosos; tinha as pernas e as mãos privadas de movimento, os olhos esbugalhados; os musculos apresentavam uma rigidez como se estivessem revestidos d'uma lamina de ferro; as juntas pareciam soldados; as mãos impellidas para traz das costas julgar-se-hiam atadas com uma grossa corda, e resistiam a todos os esforços empregados para apartal-as fazendo-as tomar a sua posição natural; a temperatura do corpo era irregular, mas o pulso indicava um estado normal. A paciente respondia, bem que com difficuldade aos que a questionavam sobre aquella situação dolorosa.

N'um momento dado, chegou o *quimbanda* (cirurgião, pae da superstição), e com a voz de sabio declarou, que a paciente soffria o castigo que lhe enflingiram os deuses, por que sendo ella *xinguiladora* (iniciada nos arcanos do pythoismo), que devia apresentar-se aceiada para ser querida e estimada pelos *mabamba* (deuses), deixar-se enxovalhar, escorrendo sobre o seu corpo agua corrompida de peixe. Ri-me de mãos nas ilhargas.—N'esta situação, em que todos eramos medicos, abalancei-me a dar a a minha opinião classificando os *symptommas* como d'um tétano,

e procurei combater a superstição pelos meios, que a minha fraca intelligencia me suggerio. O meu companheiro foi da minha opinião. Mal tinhamos acabado de fallar appareceu uma luz baça atravessando o espaço escuro da noite á distancia de vinte a trinta metros do nivel do solo, descrevendo uma recta horisontal. O dono da casa mandou tomar as precauções, julgando, que alguém pretendia divertir-se d'um modo que poderia dar prejuizo, incendiando a casa; mas do lado exterior não apparecia nem viva alma! Qualquer que fosse a admiração produzida na população indigena, é certo que o phenomeno mal nos poude convencer, que fosse a queda d'um aerolitho, quando repetindo-se tres vezes, traçou sempre a mesma trajectoria. O meu companheiro testemunha d'esta scena, não podendo supportal'a por mais tempo, disse: «aqui pode haver alguma influencia diabolica—espere». E sem mais demora, fez o signal da cruz; e agarrando com toda a confiança na paciente, que se conservava na mesma posição, levantou-a; desembaraçando-se-lhes as pernas e as mãos com tanta felicidade, que causou assombro a quantos o presencearam. Sã e firme, como se nada tivesse soffrido, a paciente reconciliou-se para o seu aposento.

O *quimbanda* ficou boqui aberto, retirando-se envergonhado.

Eu encolhi os hombros, fui para a cama mergulhado em mil pensamentos. Ahí está o caso tal qual o presenciei.

DONDO.

A. J. do Nascimento.

DEMOPSYCHOLOGIA

I

Comei, mangas, aqui.

O meu mestre e amigo o sr. F. Adolpho Coelho traz nos seus *Contos pop. portug.*, Lisboa 1879, pag. XXII, o adagio

Comei, mangas, aqui:

A vós honram, não a mi:

que elle considera como o ultimo vestigio de um conto não achado ainda na tradição portugueza. Já na revista litteraria *Herculano*, Porto 1878, vol. I, pag. 41, elle tinha dado algumas informações sobre o adagio em questão. O conto a que pertence, como o Sr. Coelho mostrou, encontra-se na Sicilia e noutros paizes.

Recolhi ha dias no Porto uma versão portugueza (1). Ei-la:

Uma vez convidaram Bocage para ir a um banquete. Bocage foi, mas apresentou-se muito mal vestido, roto, etc. Censuraram-no por se apresentar assim, e emprestaram-lhe uma casaca, collete e calças. Bocage vestiu-se, e sentou-se á mesa, entornou a comida pela roupa abaixo, e disse:

*Comei, mangas, comei, comei assim,
Que a honra é feita a vós e não a mim.*

*

A perfeição dos versos dá a entender que o nosso conto, na sua forma actual, é de origem erudita.

(1) Foi-me fornecida pelo meu amigo João Dinis, que a ouviu no Porto a gente do povo.

Talves venha em algum almanach, por ventura no *Almanach de lembranças*, que é fertil em couzas d'este genero. Elle assenta porém innegavelmente numa base tradicional.

Tem graça, que esta narrativa, que corre a respeito de Dante na Italia, de um philosopho no livro do papa Innocencio III *De contemptu mundi*, do humanista allemão Hermann Busch em várias obras, se refira em Portugal Bocage. Effectivamente Bocage tornou-se um centro, um heroe, de lendase facecias: já ouvi contar d'elle anedoctas que se contavam de Diogenes na antiguidade! E' uma lei de demopsychologia que, quando numa certa ordem de factos, ha um que sobresaie mais, este absorve em si os outros secundarios; vê-se isto com Carlos Magno, a quem se attribuem nos poemas epicos francezes do cyclo carolingeo feitos que pertencem a outros heroes; vê-se isto com Vergilio, que se representa á imaginação popular da Eidade-media como um grande feiticeiro e magico; vê-se isto ainda com Gargantua nas tradições da França: vê-se finalmente com os Mouros em Portugal, onde se diz que todos os acontecimentos de certo alcance se passarão no tempo d'elles, e que todos os momentos archeologicos em ruinas lhes pertencêrão. Modernamente porém os Francezes, por causa da guerra peninsular, que deixou impressões tão vivas, substituem nas lendas a cada passo os Mouros. Facto curioso! um aldeão de Aljubarrota, a quem perguntei pela celebre padeira do tempo de D. João 1.º, disse-me este anno na Extremadura que a

batalha em que a padeira entrou fóra no tempo dos Franceses!

Até nas proprias lendas se realisa a proposição de Darwin: que nas luctas da vida o mais forte supplanta sempre o mais fraco!

Porto, 4 de Setembro de 1885.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

A VIUVA RESIGNADA

(A proposito da *Revista do Minho*, pag. 45)

No artigo intitulado *Tradições Populares*, publicado a pag. 45—46 d'esta *Revista*, vem inserta a xacara da *Viuva resignada*, a proposito da qual o collector affirma o seguinte: 1.º (que este documento é «desconhecido no mundo litterario»; 2.º) que «pelo estylo, pela textura metrica e pela allusão chocarreira ao ridiculo costume de alugar quem chorasse pelos mortos, póde fazer-se remontar esta satyra ao reinado de D. João 1.º ou pouco depois, por ter sido nesse reinado que deixaram as carpideiras de exercer o seu mister».

Sem sequer me passar pela ideia offender o collector, que tão louvavel empenho mostra em contribuir para os nossos estudos, vou fazer umas ligeiras observações aos dois pontos supra-mencionados.

Em primeiro lugar, a xacara não é nova, porque o sr. Adolpho Coelho tinha já dado duas versões nos seus *Rom. pop. e rimas infantis port.*, n.º VIII (na revista allemã *Zeitschr. f. rom. Ph.*, III), e eu uma versão beira nos meus *Romances populares portuguezes*,

Barcellos 1881, n.º 2 (1); dei outra versão, d'esta vez do Minho, no meu livro *Tradições populares de Portugal*, Porto 1882, pag. 245—246.

Em segundo lugar, nem o estylo, nem o metro tem nada de particular que nos obriguem a referir os versos precisamente ao reinado de D. João 1.º ou pouco depois,—o que não impede que elles sejam antigos. O collector de certo foi levado a essa conclusão, pelo facto de haver uma constituição da camara municipal de Lisboa de 1385, na qual se prohibe o uso das carpideiras,—constituição citada na *Historia da Poesia Popular Portugueza* por Th. Braga, Porto 1867, pag. 67 e 99, e da qual tambem Ad. Coelho deu um extracto na sua *Ethnographia Portugueza* (extracto do *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa*), pag. 10 e 11. Mas o uso das carpideiras ou choradeiras, não obstante remontar a uma alta antiguidade (Egypcios e Romanos, etc.), não acabou entre nós no sec. XIV, como eu demonstrei na minha revista o *Pantheon*, Porto 1880—1881, pag. 82—84, e nas citadas *Trad. pop. de Portugal*, *ib.*: continuou a viver até ao seculo presente.

Porto, Agosto de 1885.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

(1) Estes *Romances* appareceram primeiro na *Aurora do Cavado* do meu illustrado amigo o Dr. Rodrigo Velloso; depois sahiram em volume á parte.

FOLK-LORE ALEMTEJANO

V I

Oração a Santa Helena

(Para os sonhos)

Milagrosa Santa Helena,
 Filha de rei e rainha,
 Eras gentia, e foste christã,
 No mar largo vos baptisaste,
 Com as onze mil virgens ceaste,
 Uma ceia de pão e agua,
 Depois que ceaste
 Para Roma camin haste,
 N'um prado verde entraste,
 N'uma pedra dura vos encostaste,
 Depois adormeceste,
 Com a arvore da cruz sonhaste,
 Depois acordaste,
 E a cruz buscaste,
 Os tres cravos lhe tiraste,
 Um em planta verde o embrulhaste,
 Para Roma,
 Para o vosso filho S. Constantino o
 mandaste,
 Outro no mar largo o deitaste,
 P'ra remedio dos pobres navegantes,
 E outro p'ra vossas filhas pobres
 e necessitadas
 O guardaste;
 Assim como vós, milagrosa Santa
 Helena,
 Com a arvore da cruz sonhaste,
 Vos peço que me declareis em so-
 nho
(Aqui pede cada pessoa o que deseja)
 Se eu heide alcançar o que preten-
 do
 Permitti que sonhe com aguas cla-
 ras,
 Roupas lavadas, jardins de flores,
 e prados verdes,
 E se não fôr o que pretendo
 Declarai-me pelo contrario.

(Elvas)

V I I

Oração a S. Jorge

(Em jornada)

Com as armas de S. Jorge vou ar-
 mado,
 Com o leite da Virgem borrifado,
 Não serei preso, nem apanhado,
 Nem de meu corpo sangue derrama-
 do.
 Irei e virei com muita alegria,
 Como Jesus no ventre da Virgem
 Maria.

(Elvas)

V I I I

Oração a S. Caetano

S. Caetano,
 Pae da divina providencia,
 Materna vontade,
 Santo bemaventurado,
 Peço-vos, em louvor
 Das tres pessoas
 Da Santissima Trindade,
 Meacudis ás minhas necessitades,
 Um Padre Nosso e uma Ave Maria,
 A S. Caetano bemaventurado.

(Elvas)

I X

Oração a Santa Barbara

(Para afugentar as trovoadas)

a) Santa Barbara bemdita,
 Que no ceo estaes escripta,
 E na terra assignalada,
 Livrae-nos, Senhora,
 D'esta trovoada;
 Levae-a lá p'ra bem longe,
 Onde não haja pão nem vinho,
 Nem flôr de rosmaninho,
 Nem onde cantem os gallos

Nem onde repiquem os sinos.

b) Santa Barbara Bem dita,
Que no ceo estaes escripta
É na terra assignalada,
Com um ramo d'agua benta
P'ra parar a trovoada.

c) Santa Barbara bendita,
Que no ceo estás escripta,
É na terra assignalada,
Livrae-nos, Senhora,
Desta trovoada;
Levae-a lá p'ra bem longe,
P'r'aonde não haja pão nem vinho,
Nem terra de rosmaninho,
Nem eira nem beira,
Nem folha de figueira.

(Elvas)

(Continúa)

Antonio Thomaz Pires.

Adivinhas populares minhotas

Está pouquissimo desenvolvida em Portugal, a publicação das nossas adivinhas populares. E' um passatempo da nossa boa gente do campo. Nas longas noites de inverno, quando a neve cae mansamente nos telhados, ou a chuva e o vento açoita os pomares, os nossos velhos aldeões, ao lar com suas familias (ou diversas que se ajuntam), ao calor de uma bella fogueira, entreteem longas horas, contando contos e dizendo adivinhas.

Nós, que por várias vezes tivemos a fortuna de ouvir estes bons aldeões, podemos agora, offerecer aos nossos leitores, algumas poucas, como amostra, não como abundante seleiro d'ellas.

E' muito deminuta a produção das advinhações, publicadas no nosso paiz. Apenas sabemos da publicação de algumas por F. Adolpho Coelho, Th. Braga e Leite de Vasconcellos, bem como de uma colleção d'ellas, publicadas no vol. I, pag. 105 e 199 da *Revista de Guimarães*.

Vamos, pois, principiar com o nosso trabalho, fazendo ao mesmo tempo por agradar aos leitores, nas que passamos a narrar.

Eilas:

I

Tenho um brinquinho que brinca,
que de brincar endoudece;
quanto mais o brinco brinca,
quanto mais o brinco cresce.

—Uma maçaroca—

II

Quatro e cinco nove são,
cinco vintens, é um tostão,
quem de cinco tira dez,
quantos ficarão?

—Ficam 90 reis—

III

Foi fabricado em França,
p'ra Portugal foi trazido;
o meu officio é prender;
se não prendo caio,
se caio fico perdido.

—Alfinete—

IV

Que é que é:
que reluz como prata,
e prata não é?
que fossa como um porco
e porco não é?

—Arado—

V

Que é que é:
que nasce na devesa,
c'oas mãos atadas á cabeça?

—Um fetto—

(Continúa)

JOSÉ DA SILVA VIEIRA.

AS MARAVILHAS DO VELHO

O romance interessante a *Viuva resignada*, como se acha designado na *Revista do Minho* pag. 45, não é uma novidade para os folkloristas. Creio ter sido eu quem publicou as primeiras versões portuguezas (2 de Coimbra), na *Zeitschrift fuer romanische Philologie* vol. III (1879), pag. 68—69; J. Leite de Vasconcellos deu uma versão da Maia nas *Tradições populares de Portugal* pag. 245—246, onde diz ter colligido outra versão nos seus *Romances populares*, n.º 2, publicação que não conheço; por ultimo A. Thomaz Pires publicou no *Elvense* n.º 459 duas versões novas, uma de Elvas, outra de Beja. Temos portanto cohecidas 7 versões portuguezas do romance, que é vulgarmente conhecido pela designação de *Maravilhas do velho*; é uma boa base para comparações. A hypothese do romance ter nascido em Portugal e numa epocha dada, prova sómente a inexperiencia n'estes assumptos; ha versões estrangeiras e para quem conhece um pouco a historia do nosso romanceiro é inadmissivel a hypothese de que um tal romance saisse de Portugal. No momento citarei só as versões suizas colligidas pelo distincto romanista, fundo conhecedor da lingua e litteratura portugueza, J. Cornu, que se acham insertas na *Romania* vol. IV, pg 216—217. Transcreverei, por mais intelligivel, a versão em francez publicada pelo meu amigo Cornu, que me disse haver outras mais desenvolvidas:

Mon mari est bien malade
Il est en danger de mourir.

Le médecin que le soigne
M'a envoyé au Rosalet.
Quand je fus sur la montagne,
J'entendis sonner pour lui.
Les femmes viennent me dire:
—«Femme, pleure ton mari.»
—«Que le diable prenne les femmes
Qui pleureront leur mari.
Je ne regrette que la toile
Qu'il m'a emporté pourri.
Il m'en a emporté sept aunes
Et un pelotin de fil.
Si ce n'était que la honte,
Ma toile j'irais quérir.
Le diable soit fait de la honte,
Ma toile je vais quérir.
Il avait la gueule ouverte,
Je craignis qu'il me mordêt.
Je pris mon couteau d'évore,
Point en point le décousis.

Da prohibição das carpideiras, ou de qualquer outro costume ou superstição popular em determinada epocha não pode de modo algum concluir-se que esse costume, essa superstição desapareceu pouco depois: é sabido como o povo resiste a todas as prohibições e como estão vivas quasi todas as superstições prohibidas nos concilios, posturas municipaes, constituições synodales, ordenações, etc. De facto ha ainda vestigios do costume das carpideiras e do banquete funebre em recantos das nossas provincias. N'outros paizes da Europa acha-se esse costume ainda em plena actividade. Quem não ouviu fallar nas *voceratrici* da Córsega, nas *attitadoras* da Sardenha, etc.? Barssow colligiu os cantos dos mortos da Russia septentrional, Karadzitch os da Serbia, Passow e Fauriel os da Grecia.

Os folkloristas da provincia prestam bons serviços colligindo

e publicando em boa ordem tradições novas e variantes das já conhecidas; mas não pode deixar-se de recomendar que se abstenham de todo commentario, salvo o caso d'uma informação excepcional. E' facilimo errar n'estas materias, em que faltam guias seguras e sobretudo uma *Encyclopaedia folklorica* contendo informações de methodo e bibliographia que fariam pouco e pouco sair o estudo do folklore do estado de simples curiosidade ou materia de absurdas especulações para o dẽ ramo de investigações verdadeiramente scientificas. (1)

Lisboa, 6 de Setembro de 1885.

F. ADOLPHO COELHO.

GIRIA PORTUGUESA

O artigo do sr. C. A. Landolt, publicado a pag. 54—55 da *Revista do Minho*, suggeriu-me as seguintes notas:

Com um raro senso critico, o padre D. Jeronymo Contador de Argote, nas *Regras da lingua portugueza* (conheço só a 2.^a ed.; que é de 1725, Lisboa; a 1.^a ed. é de 1721), enumera, e até certo pon-

(1) Quando o sr. Adolpho Coelho me enviou este artigo para a *Revista do Minho*, estava eu fóra do Porto, e por isso vae um pouco retardado. Com elle fica mais completa a ligeira nota que sobre o mesmo assumpto eu tinha mandado ha tempos para a *Revista*, e que sahiu a pag. 58.

J. L. de V.

to caracteriza, pela primeira vez de um modo tão extenso, creio eu, alguns dialectos portugueses (1); ao lado dos dialectos propriamente ditos colloca a *Giria* e diz: «Tambem em Lisboa, entre os homens a que chamão *de ganhar* ha um genero de dialecto a que chamão *giria*, de que os taes usam algumas vezes entre si. E assim tambem os *Siganos* tem outra especie de *giria*, por que se entendem huns e outros» (2). Argote infelizmente não menciona vocabulo algum; encarregou-se porém d'essa tarefa Fr. Luis do Monte Carmelono seu precioso *Compendio de orthografia*, Lisboa 1767. D'elle transcrevo o que traz:

«*Giria* ou *gira* he linguagem de marotos ou brejeiros. Os mais conhecidos termos da *gira* ou *giria* são os seguintes:

Arames, que significa espada.

Artife he pão.

Avezar he estar.

Bastos são dedos.

Bola é cabeça.

Baiuca é taberna.

Baiunqueira é taberneira.

*Cachimbo*s são pés.

Calcorrear é correr.

Calcos são sapatos.

Calmar é espancar ou dar pancadas.

Catropéo é cavallo.

Cazebre é caça.

Cria é carne de vacca.

(1) Tenciono fazer e publicar um estudo sobre esta parte do livro de Argote, parte que elle intitula assim: *Dos dialectos da lingua portugueza*.

(2) Pag. 300.

Criar é conseguir e possuir alguma coisa.

Chêta é vintem ou dinheiro.

Dez bofas são dez reis.

Encanhas são meias.

Falso é lenço.

Faxo é páo.

Gabio é chapeu.

Galga é fome.

Gizar é furtar.

Ganchorra é mão.

Ganiços significa dados.

Gao é piolho.

Giropa é caldo.

Gris é frio.

Janizaro é magano, tunante.

Jorna é vagar. v. g. estou de jorna.

Jornando v. g. *estou jornando* significa não quero sahir, nem quero mover-me.

Justa é cásaca.

Lima é camisa.

Marco *que se aveza* é homem que está presente.

Minas de caroço é muito ou muita fazenda, etc.

Monteira é carapuça, barrete etc.

Pilra é cama.

Pio é vinho.

Púrrio é bebado.

Rafa é fome.

Rafar é sumir, furtar.

Rede é capa ou capote.

Rifar é furtar.

Roda é tostão.

Rustir é comer.

Safar é sumir ou furtar.

Surrar é furtar.

Tardar é vestido.

Tiba é faca.

Tirantes são calções». Pag. 613—615.

Alguns d'esses termos explicão-se muito facilmente pelo português, como *bola* (que é hoje bastante uzado) *catropéo* (=quatro

pés), *cria*, *ganchorra* (de *gancho* com suff. -orra), *janizaro*, *justa*, *monteira* (de *mônte*), *rede*, *roda*, etc. Outros ligão-se com o vocabulario cigano, como *bastos*, *calcorrear*, *calcos*, *pio*, *rustir*, segundo se pôde ver no trabalho de F. Adolpho Coelho *Les Ciganos*, in *Compte-rendu* do congresso de Lisboa em 1880, pag 667 sgg.

Eis tambem uma pequena lista de termos de giria uzados pelos garotos do Porto, e que eu aqui recolhi:

Badejo, bacalhau.

Bola, melancia. Aqui a analogia é palpavel.

Cabeça de preto, queijo.

Cuco, guarda de policia cfr. C. Landolt.

Frade, guarda da policia. cfr. Landolt.

Ganau, piolho. cfr. *gao* em Carmelo.

Gargantosa, garrafa. Este é claramente derivado de *garganta*.

Géra, carne. cfr. *cria* em Carmelo.

Gêso, vinho.

Grão, arroz.

Grillo, relógio. cfr. Landolt. Aqui o simile é tirado do ruido que faz o grilo e do tic-tac do relógio.

Guita, soldado da municipal.

Lamira, libra (=cast. *la mira*).

Lárias, *lirias*, laranja.

Patrazana, soldado da municipal. /72

Pennosa, gallinha. De *penna*: cfr. *gargantosa*.

Pire, prato. Certamente é tirado de *pires*.

Rama, corrente.

Como complemento d'este pequeno vocabulario, eis uma lista de alcunhas que os mesmos garo-

tos uzão: *Tres-Coroças, Malgueiraço, Pilha-gallinhas, Batedor, Maluco, Salpicão, Sardão, Arrobas* (se o sujeito é gordo), *Chapado, Pim-pam-pum, Lindo-ganau-vermelho, Rato, Zé-gallego, Bochecha-d'alguidar, Carneiro-grande, Gatinhas.*

Vê-se que o meu glossario está, em parte de'accordo com o do snr. Landolt. Farei algumas observações a este: *bórga* não é passeio nocturno sómente, tem tambem a ideia de orgia etc. *Chuzes* relaciona-se com o inglês *schoe*. *Gajo* encontra-se tambem em Ad. Coelho, pag. 679. *Nentes* parece relacionar-se com o italiano *niente*. *Versas* não é giria: na Beira-Alta, por exemplo, é muito mais uzado do que *couves*; diz-se por ex. *caldo de bêrsas* etc.

Cada classe tem por assim dizer, o seu calão especial: assim já vimos o dos garotos; ha tambem o dos pedreiros (que em alguns pontos, por ex. no Minho, chamão *latim* à giria); ha o dos estudantes, etc. Falta-me agora o tempo para poder expôr aqui tudo o que tenho colligido, que é bastante, e para o comparar com o que conheço de outros paizes (Ascoli, etc.); mas noutra occasião me desempenharei d'essa missão.

Este estudo não é tão inutil como muita gente, alheia á glottologia, supporá á primeira vista: em primeiro lugar, importa aos tribunaes, agentes de policia, etc. conhecer as girias. para assim poderem mais facilmente avaliar dos crimes e pôr em pratica as leis; em segundo lugar, pela analyse comparada dos vocabulos de diversos pontos, chegamos a

descobrir relações historicas interessantes; em terceiro lugar, as girias revelão processos linguisticos muito curiosos, como na formação das palavras, na estrutura da phrase, na etymologia, etc.,—o que tudo tem valor para quem estuda a evolução da linguagem.

Porto, 1 de Outubro de 1885.

J. LEITE DE VASCONCELLOS

CANCIONEIRO MINOHTO

Cantigas populares

88

Salsa da beira do rio,
de mimosa cae-lhe a folha,
tenho um amor bem bonito
se não houver quem m'ó tolha.

89

O meu amor foi-se embora,
s'elle foi deixal-o ir:
deixou-me presioneira
quê não lhe posso fugir.

90

Vou-me embora de meu amo,
não lhe devo nem um dia;
antes m'elle deve a mim
as noites q'eu não dormia.

91

Ando por aqui de noite,
ás escuras como o rato,
ando de porta em porta,
não atino c'o buraco.

92

Ando por aqui de noite,
como o gavião perdido,
acordo e adormeço,
contigo no meu sentido.

Barcellos.

JOSÉ DA SILVA VIEIRA.

CINCO ADAGIOS

Na folha branca de um livro
que encontrei ha annos no Alto-
Minho (Soajo) estavam escriptos
os seguintes adagios populares:

1

A moça em se enfeitar
E a velha em saber
Gastão todo o seu haver.

2

Antes que cazes,
Olha o que fazes,
Porque não é nó que desates.

3

A's romarias e ás vodas
Vão as loucas todas.

4

Bem canta Marta
Depois de farta.

5

Ao quinto dia verás
Que mês terás.

Talvez todos os leitores os co-
nheção já; em todo o caso ahi fi-
cão archivados.

Porto, 1 de Outubro de 1885.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

 CACIONEIRO MINHOTO

Cantigas populares (1)

93

Vou por aqui abaixo,
c'ò meu machinho: *traz, traz,*

(1) Nestas como nas outras
cantigas, sigo a orthographia pho-
netica em harmonia com a pro-
nuncia do Minho.

em procura de rapariga,
para mim que sou rapaz.

94

Limoeiro do Brazil,
bota p'ra cá um limão,
quero tirar uma nodoa,
que tenho no coração.

95

Minha mãe é minha amiga,
quando coze dá-me um bolo,
quando se arrenega commigo:
dá-me c'oa pá do forno.

96

Minha mãe logo á noite,
Maria bai-te deitar!—
ella pensa qu'eu que durmo:
eu ando a namorar.

97

O anel que me tu destes,
era de vidro quebrou:
assim te dure a vida,
como o anel me durou.

98

Adeus cidade de Braga,
convento das convertidas;
adeus campo de San't'Anna,
perdição das raparigas.

99

O piolho está doente,
a pulga doe-lhe a barriga,
ó ladrão do carrapato,
tem a espinhella cahida.

100

O ladrão do negro melro,
toda a noite «requiquio»,
chegando á madrugada,
bateu as azas e fugiu.

101

O rouxinol quando canta
no ar dá um assobio;
empresta-me o teu chapéu
p'ra me servir de bacio.

102

O' minha canninha verde,
ó minha salta-paredes,
hei de te dar uma saia,
que te dure nove mezes.

102

As moças de Barcellinhos,
todas se põe á janella,
parecê que nunca viram,
gente de fóra da terra!

104

De que servem as esquinas,
n'uma noite de luar,
se ellas não hão de encubrir,
dois amantes a fallar?

105

O sol anda e desanda,
mil voltas em derredor,
eu não ando nem desando,
sou leal ao meu amor.

106

Quem quizer que a água corra
dê-lhe um golpe na levada;
quem quizer o amor firme
cale-se não diga nada.

107

Quem quizer que a agua corra
dê-lhe um golpe no torrão;
quem quizer o amor firme
procure-o de geração.

108

O diabo leve os homens
enfiados n'um cordel:
o primeiro seja Antonio
o segundo Manoel.

109

O diabo leve os homens
aquelles que bebem vinho:
o Senhor me guarde o meu
que elle bebe poucaxinho. (2)

110

Cala-te ahi boca aberta,
cara de gallinha choca,
já te botei de comer,
pelo buraco da porta.

111

Venho da terra do vidro,
e mais não venho vidrada;
venho da terra dos moços,
a mais não venho casada.

112

Estou casada a tres semanas,
nem por isso 'stou contente:
o rapaz é bem bonito,
mas não tem que dar ao dente.

113

Deste-me um ramo d'arruda,
fizeste de mim diabo;
quem dera que eu o fosse,
que te troixesse endiabrado.

114

Foi-me (3) confessar e disse
que te andava namorando;
o padre deu-me por penitencia
que fosse continuando.

115

Minha maçã vermelhinha
que me deu o caiador,
há seis annos que a tenho,
inda não perdeu a côr.

116

Se fores a Barcellinhos,
leva contas de rezar:
que lá é o purgatorio
onde as almas vão penar.

117

A canna verde no mar
arrebenta ao nascer,
assim arrebente os olhos
a quem me não pôde ver.

118

Em Barcellinhos moram,
quatro moças para casar:
uma é cara de fastio;
outra é cara de luar;
outra é torta das brilhas;
outra não pode «mijar».

119

A' entrada desta rua,
tenho eu quatorze damas,
trez Marias, trez Jozefas,
trez Claras, cinco Annas.

120

O mar pediu a Deus peixes;
o peixe pediu fundura;
o homem pediu sciencia;
a mulher a formosura!...

(2) =poucuchinho.

(3) =fui-me.

121

A minha avô morreu hontem,
enterrei-a no palheiro,
deixei-lhe uma mão de fora,
para tocar no pandeiro.

122

Minha mãe p'ra me cazar,
prometteu-me quanto tinha,
e depois que me viu casada,
deu-me um folle de farinha.

123

Alto martirio roixo,
cobre-me com tua sombra,
qu'eu roubei uma menina,
não tenho onde a esconda.

123

Estes meninos d'agora,
são uns pitos de vintem,
promettem dez reis ás^{as} almas,
p'ra vêr se a barba lhe bem.

124

Adeus ramada alta,
aonde o sol rodeia;
aonde nasce'as estrellas,
não pode haver coisa feia.

125

Nas ondas do teu cabello,
me bou botar a nadar,
se o teu cabello é rio,
para que heide ir nadar ao már.

126

O meu amor amou, foi ás amoras ao matto:
anda cá meu amorzinho,
que d'amoras já vens farto.

127

Aquelle navio novo
julga que me ha de levar,
eu julgo que não hei de ir
passar a' aguas do mar.

129

O meu amor é tonante
anda na «tonantaria»,
mandei-o buscar azeite
mijou-me na «almontaria»!

130

O meu amor é estudante
em Coimbra sem cadeira,

elle é desembargador,
eu sou desembargadeira.

131

Antonio, lindo Antonio,
Antonio, lindo perfeito,
prometteu ao «realista»
uma venera p'ró peito.

132

Tenho um amor, tenho, dois,
tenho tres, não quero mais:
p'ra que quero eu amores,
s'elles não me são leaes?

133

Quando eu quiz, não quizestes,
tivestes tua opinião,
agora queres e eu não quero,
tenho minha presunção.

134

Falae de mim, falae d'outros,
sempre tendes que dizer,
o inferno está cheio,
mas vós inda heis de caber.

135

Se o mar tivera barandas,
fora-te vêr ao Brazil,
mas o mar não tem barandas;
meu amor por onde hei-d'ir?

136

Quem namora os estudantes,
faz dois pecados mortaes:
tira-os de seus estudos,
dão desgostos seus paes. /a

137

Quem namora os estudantes,
não pode ser mais que um hora:
toca o sino, vão p'ra aula,
vem as ferias, vão-se embora.

138

Namorei-me, namorei-me,
não me soube namorar,
namorei-me d'um vadio,
que não me soube stimar.

139

Quem me dera ir ao Porto,
do Porto ir á cidade;
quem me dera passear,
no campo da liberdade!

140

Onze horas, meio dia,
o jantar enfraquece;
anda agora uma moda:
quem mais faz menos merece.

141

Adeus largo da Cadeia,
tanque d'agua fria;
adeus mirante do sol,
onde m'eu advertia.

142

Adeus ó Rua direita,
direita por apellido;
onde mora o meu amor,
nunca me sae do sentido.

143

Mariquinhas alevanta o pé,
Mariquinhas alevanta o braço,
Mariquinhas da-me um beijo,
já q'outra coutra não faço.

144

O' minha canninha verde,
verde canna ricóco,
sou filha de minha mãe
e netta de minha avô.

145

O' minha canninha verde,
verde canna ricóqueira,
anda tú para o meu lado
q'eu vou p'ra tua beira.

146

Menina do amarello,
diga-me quanto custou,
que me quero vestir d'elle,
que tanto me agradou.

147

Meu pai chora que se matta,
por eu chegar ao estalão;
Não chore meu pae não chore,
q'eu hei-de ter livração.

148

Tenho meu pai na cadeia,
minha mãe na relação,
tenho o meu amor doente
vou chamar o surgião(4).

149

O Babá e o Trezena,
fizerão uma procissão:
o Babá pegou na cruz
o Trezena no guião.

150

Eu tenho sette casacas,
em casa da minha avô,
abana casaca abana,
abana não tenhas dó.

151

Botei um limão correndo
á tua porta parou;
quando o limão tem amores;
que fará quem o botou!

152

Vou-me por aqui abaixo,
como quem não vae a nada,
abanar uma pereirinha,
que ainda não foi abanada.

153

Já vi Fritoço (5) do Louro
e Fritoço de Barradas;
já vi ~~o~~ o filho da manca
e mais o calça cagada.

154

Eu heide ir, heide ir,
eu heide ir, se for,
jurar a verdade
pelo meu amor.

155

Se tú fores, eu hei de ir;
se ficares, ficarei;
quando não, tira-me a vida,
qu'eu apartar-me não hei.

156

O meu amor e o teu,
são dois amantes leaes,
quando o coração tem pena,
os olhos dão-nos signaes.

(Continúa)

Barcellos.

JOSÉ DA SILVA VIEIRA.

(4) =cirurgião.

(5) =Fructuzo.

FÓRMULAS MÁGICAS

I

N O M I N A S

O Sr. Dr. Reinhold Koehler enviou-me ha dias um pequeno folheto sobre *die Zacharias-Inschrift zur Abwehr der Pest*, extraído *aus den Verhandlungen der Berliner anthropologischen Gesellschaft*, sessão de 18 de Abril de 1885: nelle se occupa o erudito bibliothecario de Weimar de uma inscripção achada sobre um portal no Tirol pelo sr. A. B. Meyer que a não entendeu nem achou quem lh'a decifrasse. A inscripção divide-se em duas partes, cuja primeira é:

$$\begin{array}{c} \dagger Z. \dagger D. I. A. \dagger B. \\ \hline \dagger Z. \dagger S. A. B. \end{array}$$

O Sr. Koehler corrige a segunda parte, e conclue que ésta inscripção é uma d'aquellas que desde o sec. XVII, ou talvez mesmo desde o sec. XVI, se usavão nas medalhas, nos frelogios, nas portas, etc., contra a peste. Cada letra e cruz representa a primeira letra de um psalmo ou de outro qualquer trecho da Biblia, por ex.:

† *Cruz Christi, salva me!*

Z. *Zelus domus tuae liberet me!*

† *Cruz vincit, etc.*

D. *Deus, Deus meus expelle pestem a me etc.*

Accrescenta mais que se attribue a coordenação de taes plrases a um certo Zacharias, que foi o pápa que morreu em 752, ou pa-

triarcha ou bispo de Jerusalem.

Depois o illustre bibliographo transcreve várias cruces que tem letras no meio, e enriquece de dados bibliographicos a transcripção.

Estamos pois em presença dos amuletos que os nossos maiores chamavão *nominas* e a que eu já me referi num pequeno estudo intitulado *Amuletos pop port.*, extraído da *Rev. da Soc. de Instr. do Porto*, t. II, pag. 395 sq.

Na *Regra Santissima do principe dos patriarchas S. Bento, pai de todos os monges*, Coimbra 1785, vem a celebre *cruz de S. Bento*, a respeito da qual se lê nesse opusculo, pag. 194—196: «Todos sabem que a cruz de S. Bento foi descoberta no anno de 1647, por confissão de um número de feiticeiras, e logo se approvou a singular virtude dos effeitos d'ella, pela graça de Jesus Christo e patrocínio de S. Bento, que são: dissolver dos corpos humanos todo o genero de feitiços e diabolicos designios. Na parte onde estiver esta Santa Cruz, como vestido ou casa, não chega força de feitiços nem feiticeiras. Os animaes tocados de algum mal occasionado por arte do demonio, benzendo-o com ella, e tocando-os, experimentão logo remedio: finalmente é defensivo para todos os perigos do mar e da terra, como a experiencia está continuamente mostrando». A cruz de S. Bento tem estas letras: V. R. S. N. S. M. V. S. M. Q. L. I. V. B. ☩ em volta; no centro da cruz: C. S. S. M. L. N. D. S. M. D.; nos angulos formados pelos braços da cruz: C. P. S. B. —As primeiras letras significão: *Vade retro, Satanas, non suade mihi, va-*

na sunt mala, quae libas ipse venena bibas. As segundas: *Cruz sancta sit mihi lux, non draco sit mihi dux* (como se vê, ha rima). As ultimas: *Cruz Sancti Patris Benedicti*.

No concelho de Miranda o povo compra umas pequenas folhas volantes contra as lombrias, folhas que são benzidas e tem ao centro entre dois anjos, uma cruz com duas das incripções ^{ja}supra-mencionadas; conservo uma d'estas folhas impressa em «*Santiago* (de Galliza, creio eu) *imp. de José M. Paredes—1876*».

Ainda ha pouco vi tambem numa casa uma folha anologa para livrar da colera-morbus.

A fôrma das cruzes varia; mas em todas ellas se verifica o seguinte: o effeito magico que se attribue ás lettras e palavras mysteriosas. O Christianismo, neste, como em muitos outros casos, não fez mais do que apropriar a si, transformando-a a seu modo, uma superstição da antiguidade, pois é conhecida a virtude que para os antigos tinham as fórmulas e os nomes exquísitos (de linguas extranhas ou archaicas).

Porto, 2 de Outubro de 1885.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

ETHNOLOGIA AÇORIANA

Os contos enigmaticos

A moderna sciencia do folklore tem muito que estudar na tradição do povo dos Açores.

Tenho em preparação um volume sobre as Tradições popu-

lares açorianas, que deve ser o primeiro d'uma collecção de estudos ethnologicos sobre os povos d'este archipelago, que, de futuro, tenciono fazer.

Dentre os innumerados cantos, lendas, contos e tradições que tenho recolhido da tradição oral, em quasi anno e meio de aturado trabalho, respigo a especie seguinte:

(CONTO)

Era uma vez uma mulher casada que ia todos os dias á cadeia e'o seu menino ao cóllo; um dia topou-se, (1) e'um vassallo do rei, e elle lhe perguntou:

—Que quer vmc. aqui todos os dias?

Ao que ella respondeu:

—Eu já fui filha e agora sou mãe, e o menino que eu erio é marido de minha mãe.

O vassallo disse ao rei isto o qual mandou logo chamar a mulher e pediu-lhe para explicar a conversa, porque nenhun dos seus vassallos a sabia decifrar, e ella respondeu:

—Explico, sim, se V. M. perdoa o crime a um preso que está na cadeia.

E como o rei respondeu que sim ella respondeu logo:

—Que o que ia fazer todos os dias á cadeia era sustentar seu pae, com o leite dos seus peitos, porque não havia orde de lhe entrar comida.

O rei mandou soltar o preso.

*

O dr. Th. Braga, um dos homens que em Portugal mais se interessam pelos estudos ethno-

(1) Significa *encontrou-se*.

graphicos, notou já, muito eruditamente, a intima relação do enigma com o conto.

E' n'este sentido que apresentei o facto antecedente colhido em Ponta Delgada. (1)

S. Miguel (Açores) 1 de novembro de 1885.

ARMANDO J. DA SILVA.

Adivinhas populares minhotas

(Continuação)

VI

Que é que é:
que está no alto do picoto,
e não tem espinha nem osso?

—O Figo—

VII

O que é que é:
que passa o rio
e não faz sombra.

—A voz d'um sino—

VIII

Do alto me miras,
comer me querias,
tú morrerás,

(1) [Se a memoria me não enganava, este interessante conto representa a lenda de um santo; e até já vi na Beira-Alta um quadro antigo a tal respeito. Nesta occasião não posso dar mais informações.—Seria muito agradável aos que estudão a Philologia Portuguesa, que o sr. Armando J. da Silva conservasse nos seus contos e poesias populares, sempre que pudesse, as fórmulas exatas e a pronuncia da linguagem do povo açoriano.—J. L. de V.)

e eu ficarei,
tú deixarás,
onde eu me metterei.

—O fol do carneiro—

IX

O que é que é:
redondinho redondoque,
nem tem fundo nem batoque.

—O ovo—

X

Que é que é:
que nasce na deveza
e vem comer com a gente a meza.

—A mosca—

XI

Que é que é:
que no alto do castello
está vestidinho d'amarello.

—Laranjas na laranjeira—

XII

Que será, que será:
que tem azas e não vôa;
que tem bôca e não come;
que tem pernas e não anda;
e tem c... e não c....

—Pote de ferro—

XIII

Que será, que será:
que tem bôca e não come;
tem azas e não vôa;
e tem c... e não c....

—Cesto—

XIV

Em cima de pinho, linho;
no meio tem flôres
e á volta amores.
—Uma meza com comida e seus
hospedes á volta—

JOSÉ DA SILVA VIEIRA

VARIANTES POPULARES

I

O padre nosso pequenino

Há muito que eu tinha conhecimento de varias verções

portuguezas do *Padre nosso pequenino*; mas, como até ao presente ainda não foi publicada nenhuma igual á que me ensinaram em creança, corro, tambem, a estampá-la nas columnas d'esta *Revista*, para que a collecção seja augmentada.

Em seguida a esta primeira variante, publicarei outras de que tenho conhecimento, e que merecerão a acceitação dos estudiosos.

Ei-la:

Padre nosso pequenino,
quando Deus era menino,
que punha os pés no altar,
o saunguinho a pingar,
lá vem santa Magdalena,
c'o seu lenço de calor,
para limpar o Senhor;
—tem-te, tem-te, Magdalena,
não me temas d'alimpar,
q'estas são as cinco chagas
que por mim tem de passar;
pequeninas e grandes,
todas se hão de salvar.

Barcellos.

J. DA SILVA VIEIRA

BIBLIOGRAPHIA

Tradições relativas ás Sereias e mythos similares por F. Adolpho Coelho (in *Archivio per le tradizioni popolari*, IV, 325—360).

Do nosso collaborador, o prof. F. Adolpho Coelho, recebemos umas folhas com um artigo muito interessante ácerca das Sereias nos paizes romanicos e celticos, e de outras tradições correla-

tivas de varios paizes extra-europeus. O sr. Ad. Coelho diz que o seu fim não foi explicar o mytho das Sereias, mas apenas reunir alguns dados para essa explicação; em todo o caso faz considerações valiosas, e o presente artigo é, como todos os trabalhos semelhantes do A., um bello modêlo do methodo que se deve seguir nesta ordem de estudos, em que a phantasia muitas vezes infelizmente supprime a sciencia.

Eis uma pequena annotação:

Nos *Cantos populares do Alentejo*, recolhidos pelo benemerito escriptor A. Thomaz Pires, vem, sob os n.^{os} 1666 e 1669, as seguintes cantigas em que se allude á entidade mythica das Sereias;

Lá no mar anda a *Sereia*,
Correndo como a perdiz:
Não te gabes que me deixas,
Fui eu a que te não quiz.

A *Sereia* anda no mar,
Anda á roda, torce, torce:
Ainda está para nascer
Quem de mim tomará posse. 1

Nas obras litteraris ha tambem bastantes allusões ás Sereias.

Porto, Out. de 85.

J. L. de V.

1 In *A Sentinella da Fronteira*, IV anno, n.^o 343.

A filha que amamenta o pae.

Em 1873 colhi no Porto uma versão do conto publicado a pag. 70 d'esta *Revista*.

Ei-la em resumo:

Um rei perdoava todos os annos a morte d'um prêso a quem fosse capaz de dizer um enigma que elle não podesse adivinhar.

Uma vez apresentou-se a dizer um enigma uma mulher ainda nova. As suas palavras eram:

Ja foi niña
Agora soy madre;
Alimento mi padre,
Marido de mi madre
Avó de mishijos (sic). (1)

O rei não conseguiu adivinhar, e a mulher teve que dar explicação. O pae d'ella estava preso e a filha ia todos os dias sustentalo com o leite dos proprios seios, que lhe passava por uma pequena abertura d'uma porta. O rei mandou soltar o preso.

Pitré deu uma versão sicilliana d'esse conto (*Fiabe, nouvelle e racconti* n.º 169: *Lu'nniminnu*).

Como o titulo diz, occorre em a narração um enigma correspondente ao das versões portuguezas:

Oggi è l'annu mi fu patri,
Ed aguannu mi fu figghiu.
E lu figghiu chi nutricu
È maritu di mè matri.

E' possivel que a tradição pe-

(1) Seria facilima uma explicação mythica da lenda; mas não queremos fazer concorrência ao sr. A. de Gubernatis.

netrasse nalguma lenda de santo; mas ella foi conhecida na antiguidade pagã, como não escapou á erudição de Pitré.

«Sanguinis ingenui mulierem praetor apud tribunal suum capitali crimine damnatam triumuiro in carcere necandam tradidit. quo receptam is qui custodiae preerat misericordia motus non protinus strangulauit: aditum quoque ad eam filiae, sed diligenter excusae, ne quid cibi inferret, dedit, existimans futurum et inedia consumeretur. cum autem plures iam dies intercederent, secum ipse quaerens quidnam esset quo tam diu sustentaretur, curiosius obseruata filia animaduertit illam exerto ubere famem matris lactis sui subsidio lenientem. quae tam admirabilis spectaculi nouitas ab ipso ad triumuiro, a triumuiro ad praetorem, a praetore ad consilium iudicum perlata remissionem poenae mulieri impetrauit.....

«Idem praedicatum de pietate Perus existimetur, quae patrem num Mycona consimili fortuna adfectum parique custodiae traditum iam ultimae senectutis uelut infantem pectori suo admotum aluit, haerent ac stupent hominum oculi; cum huius facti pictam imaginem uident, casusque antiqui condicionem praesentis spectaculi admiratione renouant, in illis mutis membrorum liniamentis uiua ac spirantia corpora intueri credentes.» Valerius Maximus ed. Teubner—Halm, p. 247-8. (2)

Lisboa, 2 de Dezembro de 1835.

F. ADOLPHO COELHO.

(2) A narradora é portugueza e só esta parte do conto foi dita em meio-castelhano.

FÓRMULAS MÁGICAS

II

SATOR-AREPO

Parece-me ser de algum interesse para os que se dedicão a estudos mythologicos e ethnographicos o conhecimento do seguinte artigo, que traduzi do jornal inglês *The Academy* de 8 de abril de 1882. É escrito por W. Webster:

«—O dr. Reinhold Koehler, de Weimar, teve a bondade de me enviar um extracto do *Verhandlungen* da Sociedade anthropologica de Berlim com uma comunicação feita por elle a 15 de ¹⁴ de Outubro de 1881 sobre a fórmula *Sator Arepo*, comunicação em que elle prova que a fórmula existe desde a epocha romana em varios paizes da Europa, e tambem no Brazil, sendo usada como um remedio magico contra a febre dos homens e dos animaes. A memoria conclue por estas palavras: *meines Erachtens bis jetzt weiter nichts feststehet, als dass SATOR, TENET, OPERA und ROTAS bekannte lateinisch Woerter sind, AREPO dagegen nicht lateinisch und ueberhaupt noch nicht befriedigend gedeudet ist.* (1)—Todavia parece-me que

(1) Isto significa; «segundo a minha opinião, não se deve concluir mais nada por agora, senão que *Sator*, *Tenet*, *Opera* e *Rotas* são palavras latinas conhecidas, e que pelo contrario *Arepo* não é latim, e que sobretudo não foi ainda interpretada satisfatoriamente.—J. L. de V.

ha uma explicação sufficientemente simples. A fórmula está escrita como se segue:

S A T O R
A R E P O
T E N E T
O P E R A
R O T A S

Ora, muitas das fórmulas mágicas são simplesmente orações lidas ás avéssas. A ideia fundamental parece ter sido esta. Se a oração ou fórmula quando lida ás direitas, satisfazia e tornava propicios os deuses bons, quando lida ás avéssas tornava propicios os deuses maus. Os feiticeiros da Eddade-media dizião assim o *Padre-nosso*; assim tambem alguma vez os aryanos ou hereticos recitavão a *Gloria patri* e as fórmulas da Trindade. Não posso agora fazer mais referencias, porque me encontro longe de todos os livros, excepto de mim mesmo (except my own). (2)—A chave da fórmula precedente está em que *Tenet* se lê da direita para a esquerda e vice-versa; todavia, imprimindo ou escrevendo, não era necessario repeti-la; as outras linhas lêem-se alternadamente da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, horizontal ou perpendicularmentê. *Arepo*=*Opera*, *Rotas*=*Sator*. Eu parece-me que a

(2) Entre nós nas aldeias, para encantar as cobras (i. é, para obstar a que ellas fação mal) diz-se a *Salve-rainha* ás avéssas; e para encantar os sardões, diz-se o *Padre-nosso* tambem ás svéssas: vid. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, § 282-f e § 283-c.—J. L. de V.

fórmula seria originariamente assim:

S A T O R
O P E R A
T E N E T
T E N E T
A R E P O
R O T A S

para tornar propicias as potencias boas e más e atrahi-las a ambas para a cura. Ver-se-hia então em breve que *Tenet* é o mesmo de cada modo, e não seria respeitado; e por ultimo algum magico mais habil consideraria o 4.º acrostico como superfluo, posto para alternarem a 2.ª e 4.ª linha, e conservar o sentido pela leitura da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, alternadamente, ou perpendicular ou horizontalmente.

Se me é permittido conjecturar, supporia que o original era o estribilho de alguma collecção de cantos,—ritual—, da Roma pagã, —que depois foi adoptado pelo Christianismo como uma fórmula magica a respeito dos homens e dos animaes.

Os ritos e as fórmulas de algumas religiões do passado facilmente se tornaram ritos magicos e encantações nas religiões que lhes succederão—».

Porto, 2 de Outubro de 1885.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

Numeração infantil

Como variante da fórmula —*una, duna, tena, catena, cigala, migala, gavin, gavião, conta bem, que dez são,*—publicada por Sequiei-

ra Ferraz no meu *Annuario da trad. pop. port.* pg. 63 e pertence a Carrazeda d'Anciães (Tras-os-Montes), indicou-me Teixeira Bastos a seguinte do Minho:—*una, duna, tena, catuna, romana, singela, do bico do pé, catanóve (=cata nove?), são dez.*—Ouvi também na Beira muitas vezes, em creança, uma fórmula semelhante, mas não a posso dar agora aqui.

Conheço as seguintes versões estrangeiras, parecidas com estas:

a) *HISPANHOLA*:—*Una, dona, tena, catena, quina, quineta, estando la reina en su gabineta, vino Gil, apagó el candil, candil, candon, cuéntalas bien, que las veinte son.*—Vid. F. R. Marin, *Cant. pop. esp.*, I, § 164. cfr. §§ 162-163.

b) *CATALÃ*:—*Uni, dori, teri, quateri, mata la veri, viri, viron, contals bé, que dotze hi son.*—Vid. Maspons y Labrós, *Jochs de la infancia*, 23: apud Marin, *ib.* pag. 139.

c) *FRANCESA*:—

Un, deux, trois,
Lá culotte en bas;
Quatre, cinq, six
Levez la chemise;
Sept, huit, neuf
Tapez comme un bœuf,
Dix, onze, douze
J'ai les fesses toutes rouges.

Vid. E. Rolland, in *Mélusine*, I, col. 78. cfr. col. 171.

d) *ITALIANA*:—*Unghere, dånghere, trånghere, quáro, quárelto, picchi e ppicchiétto, Ló mar' e ló pesce fa' ddièci.*—Vid F. Sab-

batini, in *Rivista di letterat. pop.*, pag. 174.

D'estas versões as mais parecidas são as duas primeiras. A franceza parece até talvez afastar-se um pouco d'este grupo. E' notavel a modificações que sofreram os numros.

Porto, 6 de Setembro de 1885.

N J. LEITE DE VASCOCELLUS.

CANCIONEIRO MINHOTO

Cantigas populares

157

Menina, que está á janella,
comendo molete e queijo,
faça da bôca uma pistola,
atire p'ra cá um beijo.

(Continúa)

JOSE DA SILVA VIEIRA.

REVISTAS

1. *The Folk-lore journal*, vol. III, part. III e part. IV (Julho-Setembro de 1885, e Outubro-Dezembro). A pag. 287 encontra-se a seguinte noticia sobre a nossa *Revista*: «It is with the greatest pleasure we bring under the notice of folklorists this new periodical devoted to the study of folk-lore. Though bearing the title *Revista do Minho*, it embraces the whole field of folklore..... (aqui enumerão-se os primeiros artigos da *Revista*). We wish the review all the success it so well deserves, and commend it to all folk-loristes».

2. *Revue d'Antropologie*, VIII (1885), n.º 3. A pag. 507 dá-se conta de um trabalho de R. Andrée *Les instruments de pierre pré-historiques, objets de superstitions populaires dans tous les pays et chez toutes les races*: obra do raio, servem de amuletos na Asia e na Europa, e de feitiço na costa da Guiné; tornão invulneraveis quem os possue, preservão do raio, e livrão de esterilidade as mulheres; alem d'isso ajudão a descobrir thesouros.—Cfr. as minhas *Tradições populares de Portugal*, § 146-b.

3. *Romania*, n.º 54, de 1885. Este número traz um magnifico estudo em italiano por C. Nigra á cerca de «*Il Moro Saracino*», *canzone popolare piemontese*. Esta canção corresponde ao romance pop. port. de *D. Gayfeiros* publicado no *Romanceiro geral* de Th. Braga, pg. 94-97. O snr. Nigra applicou á analyse do romance um methodo analogo ao que se applica á analyse dos contos; é digno de ser seguido.

4. *Mélusine*, *revue de mythologie etc.*, tomo II, n.º 22. O sumario d'este numero é: *Mélusine à Munich* (Gaidoz), *Une fable de La Fontaine et les Contes Orientaux* (Basset), *La Fascination* (Tuchmann), *La Courte-Paille* (Roland) e *La Mort a bord* (Gaidoz).—A canção de *La Courte-Paille* corresponde á nossa *Nau Cathrineta*, romance popular bem conhecido; o nome *Portugal* entra numa versão provençal d'essa canção.

Porto, Nov. 85.

J. L. de V.

Um costume transmontano

Na análise que se faz na *Rev. d'Anthropologie*, 1885, pg. 560-562, ao livro *A educação physica das creanças nos diferentes povos e particularmente na Russia*, pelo Dr. E. Pokrovski (russo), Moscou 1884, lê-se: «XVIII.—Façons de mettre les enfants dans les lits; façon de les porter et de les transporter (leur dépendance du climat et du mode de vie; façon de porter les enfants sur les bras, les dos, le cou, la tête, la cuisse, etc.; dans des sacs, des paniers, des malles, des peaux, etc.; les coutumes des Chinois, des nègres, des Hottentots, des Indiens de l'Amérique, des Kamtchadales, des Japonais á cet égard, etc.)».

Em 1884, numa viagem que fiz a Tras-os-Montes, observei que na Quintanilha, pequena povoação raina, as mulheres trazem as creancinhas ás costas, mettidas numa especie de sacco formado por um chaile ou mantelete, de modo que tem assim os braços desembaraçados, e podem, por exemplo, ao mesmo tempo que carrégão com os filhos, andar a guiar os bois nos campos, ir á fonte com um cantaro, etc.

Tenho visto photographias de negras de Africa representando o mesmo costume.

As mulheres em Quintanilha, como noutros pontos de Portugal, trabálhão na lavoura: d'aqui a necessidade de accommodarem as creanças de modo que não sejam estorvadas; mas, como eu não sei que o mesmo costume se repita em mais provincias, concluo que ha aqui uma tradição

localisada, viesse d'onde viesse (1).

Por memoria, direi que no Porto tenho visto mulheres dos arredores da cidade trazendo os filhos pequenos em canastras á cabeça,

Porto, Novembro de 1885.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

FOLK-LORE ALEMTEJANO

X

Orações diversas

a) F... com o veu da Virgem irás
envolto,
P'ra que tu não sejas frido, nem
morto,
Nem preso, nem maltratado,
Conforme foi o Menino Jezus
No ventre purissimo da Virgem
Sagrada. (*)

(Elvas)

(1) Note-se porém que na linguagem ordinaria se usa a expressão *levar o filho ás costas* (ao lado d'est'outras: *levar o filho ao collo, levar nos braços*), o que parece provar uma tal ou qual generalidade do costume em epochas mais antigas.

(*) Para quando alguem sae de casa fóra de ohras. *ho*

Estou parida e não estou delivra-
da,
Senhor, assim como foste permit-
tido

Que eu deitasse o que presta,
Sejaes servido
Que eu deite o que não presta.

(Elvas)

(Continúa)

ANTONIO THOMAZ PIRES.

CANCIONEIRO MINHOTO

Cantigas populares

158

Quem me dera uma pera,
mas que fosse de comborto? (1)
para dar ao meu amor,
que anda c'o nariz torto.

159

A sirva (2) com seus enleios,
prende a gente pela roupa,
eu bem te prendia, menina
a vontade não é pouca.

160

Adeus, raparigas todas,
todas, todas, em geral:
eu a todas quero bem,
a nenhuma quero mal.

161

(1) =conforto.

(2) =silva.

(3) =loureiro.

Lóreiro (3), que bate, que bate,
lóreiro que já bateu;
lòreiro que bate bate
num amor que já foi meu.

162

O lóreiro, bate. bate!
eu bem o ouço bater,
com as folhas no telhado,
para o amor entender.

163

Eu queria-m'ir embora,
eu queria estar aqui:
como posso hir-me embora,
s'eu estou preso, a til!

(Continúa)

Barcellos.

JOSE DA SILVA VIEIRA.

DESAFIO

Cantigas ao desafio
P'ra mim são escusadas,
As minhas são de repente,
E as vossas são consideradas.

Cantiguinha q'eu cantei
Não a torno a cantar,
Farinha q'eu peneirei
Não a torno a peneirar.

Candeia que não dá luz
Não se espeta na parede,
O amor que não é firme
Não se faz mais caso d'elle.

Eu bem sei a quem dissestes
Que me não podias ver,
Isso a mim não me importa,
Mas folguei de o saber.

Amares, outubro de 1885.

CAROLINO A. MACHADO.

FOLK-LORE ALEMTEJANO

XI

Os Santos Reis

Quaes foram os tres cavalheiros
 Que fizeram sombra no mar?
 Foram os tres do *loriente*,
 Que a Jesus foram buscar;
 Foram-n'o achar em Belem,
 Revestido no altar;
 Estava dizendo missa nova,
 Missa nova quer cantar;
 S. João ajuda á missa,
 S. Pedro muda o *missar*;
 Com trinta mil almas á roda,
 Tôdas 'stão por commungar;
 Depois que comminhão deu, *mu*
 Pr'ó ceo as foi *luvar*;
 Dando graças e louvores,
 Dando graças infinitas;
 A esmola não p'ra nós
 E' pr'ás almas bemditas,
 Levanta-te pomba branca,
 Do logar d'onde estejas,
 E vem dar a esmolinha
 Em louvor dos *Santos Rêzes*.

(Aldeia de S. Vicente)

Variante dos ultimos versos:

a) Levanta-te pomba branca,
 Do logar d'aonde estaes,
 E vinde-m'a dar a esmola,
 Por almã de mães e paes.

(Villa Boim)

b) Não venho cá por boletas,
 Boletas ha'na tapada,
 Venho por caixinhas de doce,
 Talhadas de marmellada.

(Villa Boim)

«Tres noites antes do dia de Reis, andam seis homens (quasi sempre *ganhões*) de *monte* em *monte* e de *casal* em *casal*, batendo ás portas e pedindo esmola para as almas bemditas. O primeiro o *falsão*, toca guitarra, ou viola, e canta em *solo* os *Rezes*, e de dois em dois versos; os quaes repete o *coro* (composto de quatro homens, formando circulo, com os braços lançados uns sobre os hombros dos outros e as cabeças pendentes e unidas) e que tambem repete o sexto, o *falsete*, com voz muito *esgançada*. São acompanhados nesta *pelegrinação* por muito povo. As esmolas que recolhem (de ordinario—pães, carne ensacada, fructos, etc) são entregues ao prior da respectiva freguezia no dia de Reis, e n'este dia são postas em leilão á hora da missa. Os seis *ganhões* somente tiram das esmolas o almoço d'esse dia».

1.ª Variante

Quaes foram os tres reis magos
 Que fizeram sombra no mar?
 São os tres do Oriente,
 Que a Jesus vem adorar;
 Não procuram por pousada,
 Nem adonde hão de ir pousar,
 Procuram por Jesus Christo,
 Onde o hão de ir achar? *rr*
 Foram-no achar em Roma,
 Revistido no altar,
 S. Pedro ajuda á missa,
 S. João muda o missal,
 Missa nova quer dizer,
 Missa nova quer cantar.

(Elvas)

2.^a Variante

Ja os reis magos chegaram
 A' porta do Oriente,
 Oh meu Deus omnipotente,
 Vae p'r'uma estrella guiada;
 A Belem foram postar,
 Onde S. José estava;
 S. José quando viu
 Tres reis em sua pousada
 Su alma ficou *truvada*.
 —Esse menino quem é?
 —E' o filho de Maria.
 Que ella nossa mãe é,
 Aceitae-nos como *rêzes*,
 Elles estrangeiros são:
 Dá-lhe myrrha e incenso
 Tira-lh'o do coração.

(Elvas)

XII

Oração contra as bruxas

Orca, (*Aroth?*)
 Barocas, (*Maroth?*)
 Tres vezes orca,
 Bem longe
 Cá da minha porta.

(Elvas)

XIII

Para afugentar as bruxas

Sabbado da Virgem
 E' hoje na minha casa.

(Elvas)

XIV

Oração das bruxas

O' meu querido S. Chrispim,
 As cartas por ti vont deitar,
 Diz-me n'ellas se F... (*nome
 proprio do individuo por quem
 deitam as cartas*)
 Hade ser só para mim.
 Tres em cruz, tres em cruz,
 Não quero aqui a Jesus.
 Com alecrim,
 O' S. Chrispim,
 Te busco assim,
 Quero F...
 Só p'ra mim.

(Elvas)

XV

Benzedura da erysipela

Maldita, tira-te d'aqui; Nosso
 Senhor Jesus Christo não te quer
 ali; a agua não tem sede, o lume
 não tem frio; o Senhor não tem
 superior; assim como estas pala-
 vras são da verdade, assim, tu,
 maldita, te seques, te mirres; e
 aqui te seccarás, e aqui te mir-
 rarás, e este corpo deixarás em
 paz.

Em louvor de Deus, e da Vir-
 gem Maria, Padre Nosso, Ave Ma-
 ria. (1)

(1) Com uma cruz de esparto
 virgem, molhada em azeite vir-
 gem, reza-se este ensalmo, ou os
 seguintes, fazendo cruzes sobre
 o mal.

1.^a variante

Rosa maldita, por Deus foste enviada, quem te trouxe a esta morada? A agua não tem sede, o lume não tem frio, etc, etc.

(Como no ensalmo antecendente)

(Elvas)

2.^a variante

Santa Iria tinha tres filhas, uma lavava, outra cosia, e outra em fogo ardia. Peço-vos Santa Iria que mandes apagar este fogo *d'impola*. E aqui te seccarás, e aqui te mirrarás, etc, etc.

(Elvas)

3.^a variante

Indo o Senhor por um caminho encontrou Pedro Paulo.—Pedro Paulo d'onde vens?—Eu Senhor venho de Roma.—Que novidades ha por lá?—Morre muita gente de fogo *d'impola*.—Pedro Paulo, volta atráz, olio *solibio* curarás, esparto virgem benzerás. E aqui te seccarás, e aqui te mirrarás, etc, etc.

(Elvas)

4.^a variante

Verbo em carne *fartu est*; cruz de Christo esteja aqui, espiritos maus fugi d'aqui; com o *estribo*

de Joé, com a geração *d'Aviz*. Allieluia, Maria José. Alleluia, Maria José.

(Elvas)

VII

A benzedura do quebranto e da lua

—F... (nome proprio do que é benzido)—Deus te fez, Deus te creou, perdoae Deus a quem ^{tu} mal te olhou; eu te benzo F..., desta lua e deste afito, e deste quebranto maldito. Se o tiveres na cabeça, que te o tire Santa Thereza, se o tiveres nos costados, que te o tire o Senhor Crucificado; se o tiveres no peito, que te o tire o Santissimo Sacramento; se o tiveres na barriga, que te o tire Santa Margarida; se o tiveres nos braços, que te o tire ~~o~~ Senhor Santo Anastacio; se o tiveres nas mãos que o tire o Senhor S. João; se o tiveres nas pernas que te o tire o Senhor Santo Amaro; e se o tiveres nos pés que te o tire o Senhor S. José. Em nome de Deus e da Virgem Maria.

«A benzedeira reza tres vezes esta oração, e tres Padre-Nossos, tres Ave-Marias e tres Gloria patri. Depois reza a oração em cruz sobre a pessoa que é benzida, e em seguida um Padre-Nosso em cruz sobre uma candeia acesa, uma Ave Maria em cruz sobre uma tigella com agua e cinco pingas d'azeite, e uma gloria-patri em cruz *repartido* pela candeia e pela tigella. Reza em se-

guida a oração, o Padre Nosso, a Ave Maria, o Gloria-patri e o Creio em Deus Padre, em cruz sobre as costas do enfermo, terminando com o seguinte offerecimento:

Offereço os cinco Padre-Nossos, as cinco Ave-Marias e os cinco Gloria-patri que eu aqui rezei, ao Santo ou á Santa que aqui nomeei, e pelas tres estrelinhas que andam no mar, e pelas tres missas do Natal, em louvor do Santissimo Sacramento, que elle seja servido que F... se ache [melhorsinho da lua, do afito e do quebranto maldito.

«Se o enfermo tem a lua somente as cinco pingas d'azeite, e se tem quebranto á benzedeira abre-se-lhe muito a bocca e arrazam-se-lhe os olhos d'agua. Se a lua é muito *aproximado* deve benzer-se o enfermo nove dias á fio, se nos tres não produzir effeito a benzedura. Só pode benzer-se o enfermo tres, cinco ou nove vezes, sempre em *numes.*»

(Aldeia de S. Vicente)

Variante

Deus te remiu,
Deus te creou,
Deus a este mundo te deitou,
E Jesus te déra quebranto,
Em nome do Padre,
Filho e Espirito Santo. (1)
(Elvas)

(1) «Rese-se em cruz, cinco vezes, sobre a pessoa que é ben-zida.»

XVII

Benedura do cobro

Eu te benzo cobro,
P'ra que te mirres
Cabeça, rabo e corpo todo.
Padre Nosso.

E' benzado com a mão esquerda.

Contra o embaraço de garganta

S. Braz
Accuda ó rapaz.

Diz-se batendo nas ^{+costas} do enfermo.
(Elvas)

Contra as empigens

Empige, repinge,
Tira-te d'aqui,
Não comes, nem bebes,
Estás mais gorda do que a mim,

(Elvas)

(Elvas)

(Continúa)

ANTONIO THOMAZ PIRES,

Escavações ethnographicas

I

Dos *Apologos* (1) de D. Francisco Manoel de Mello, extráio as seguintes superstições:

PRAGAS. «Velhaconheci eu já, que enfiava ás moças que as pragas rogadas das onze para o meyo dia eraõ de vez, porque todas empecião». Pg. 24.

VOZES. «Todas as trazia em hum vivo enleyo, & com o proprio engano, com q̄ ellas traziaõ a outras cachopas, de Saõ Joaõ ás quartas feyras, & da Virgem do Monte ás festas, que vaõ mudas á romaria, espreytando o que diz a gente, que passa: donde affirmaõ, que lhes não falta a respoita de feus embustes, se haõ de casar com fulano, ou não; & se fulano vem da India com bons, ou máos propofitos; ou se se apalavrou lá em feo lugar com alguma Mistica, filha de Bracmene?». Pg. 24.

Chama-se isto hoje no Porto *andar ás vozes* (vid. as minhas *Trad. Pop.*)

MAO OLHADO. «... da criãga mais bem criada dizem as velhas (que sabem diſſo) está mais treyta ao máo olhado». Pg. 32.—E' uma superstição ainda hoje muito vulgar.

HORAS. «... não ha coufa na boca doshomens taõ frequente, com *em boa hora*, & *má hora*; *hide com as horas más*, *vinde com as boas horas*; *humã hora muito formosa*, *nas horas de Deus*». Pg. 41.—Ainda hoje ha a superstição das *horas abertas* (Minho), como

eu já disse noutro trabralho meu.

MÓIROS. Fadas de mãy (i. é *vaticinio de mãe*), faõ como thezouro de moyra encantada, ou escondida; ao primeyro és, não és, eis carvão tudo». Pag. 62.—E' uma crença muito vulgar hoje que os thesouros dos Mouros se mudão ás vezes em carvões.

MÃE DO DIABO. «... tanto brincou o Demo com fua mãy, até que lhe quebrou os focinhos». Pag. 91.—Cfr. *Rev. de Ethnologia* de Ad. Coelho, e as minhas *Trad. Pop.*

AMULETOS. O A. refere-se a uma beata que atou na ponta de um lenço um vintem «com duas contas de peyxe-mulher, huma veronica ferrugenta & com um dente de finado, que tudo tinha feo misterio & ferventia». Pg. 92.

Amuletos analogos são vulgares hoje. Cfr. os meus *Amuleto. Pop. Port.* in *Rev. da Soc. de Instrs do Porto.*

A pg. 98 faz fallar em forma de prosopopeia, um vintem, que diz: «eu furado campey ao outro dia por *vintem de S. Luis*, bom para o ar, para exaqueira, quartans, afficto, mal de olhos, quebranto, & mulheres de parto. Tão fantas enformaçoens dei de minha habilidade, que todo o dia andava de mão em mão, como conta benta, sempre querido, & estimado, hora ao pescoco de innocentes, hora nos pulsos das donzelas, atado com corda de viola. a quem servia de traſto para fazer confonancia de faude nos braços daquellas que me traziaõ».

cfr. o meu cit. trabalho.

Sem o estudo das superstições, em todas as suas variantes, antigas, modernas e estrangeiras, não se pôde chegar a um resultado positivo ácerca da sua origem e propagação. É um trabalho lento, mas indispensavel. Pouco custa phantasiar theorias; o que custa é a investigação paciente e cuidada.

Porto, Dezembro de 1885.

J. LEITE DE VASCONCELLOS

FOLK-LORE ALEMTEJANO

XX

Cantigas do berço

O' papão, vae-te d'ahi
De cima desse telhado,
Deixa dormir o menino
Um somninho descançado.

O' papão, vae-te embora,
Dahi desse cantinho,
Deixa dormir o menino
Um somninho pequenino.

O meu menino é de oiro.
É de oiro mui fininho,
Heide mandal-o p'r'ós anjos
Em quanto fôr pequenino.

Faz ó ó, ó meu menino,
Que te quero ir deitar,
N'uma caminha bem fôfa
P'r'ó teu corpinho consolar.

O meu menino tem somno.
Tem somno e quer dormir,
Venham os anjos do ceu
Ajudal-o a dormir.

N'este berço de descanço,
Descança o corpo gentil,

Dorme, dorme, meu menino,^{/u}
Bella flor do meu abril. (1)

Só á meia noite durmo
Um somninho descançado,
Quando os filhos stão dormindo
E o marido está deitado.

Uma mãe que um filho embala
Todo o seu fim é chorar,
Só por não saber a sorte
Que Deus tem para lhe dar,

Quem tiver filhos pequenos
Por força lhe hade cantar:
Quantas vezes canta a mãe
Com vontade de chorar!

(Elvas)

(Continúa)

ANTONIO THOMAZ PIRES.

Cantigas da Galliza

(Recolhidas em Portugal na provincia do Douro)

Dám'um abraço, casada,
Como dás ô teu marido.
«O meu marido vai fóra,
Llevou as llaves comsigo.»

Mariquiña, dá-me lume,
Eu ben t'o vexo luzir,
Esa tua conversinha
Hadete dar que sentir,

Se tu me quiseras ben,
Como devias de q'rer,
Cariño mais estimado
Nen devia d'haver.

(1) Esta quadra não parece de origem popular.

J. L. de V.

Heidete dar cordon d'oiro,
Para collete de tela,
Para ver o que se passa
En Vilar de Redondela.

Un señor de tantas rendas,
E despóis tanto saber,
Porque non trae consigo
Los avios d'encender?

Los avios d'encender
Trayo en mi fraldiguera,
Non quero depender da naide,
Sinon de mi candelera.

Se la mar fora de leche,
Como és de auga salada,
Non hubiera marinero
Que pol'a mar navegára.

Teño catro gardoncillos,
Que me deron catro tolas,
Ellas son miñas amigas.
Eu sou amigo de todas.

Vexo Vigo, vexo Cangas,
Tamen vexo Redondela,
Vexo la Puente San Payo,
Camiño da miña terra.

Madre de Dios de Belem,
Se cantar fóra peccado
Nom se salbaba ninguem.

Meu divino sacramento,
Cerra-se a porta de Caminha,
O meu amor queda dentro.

Para que yo la vida quero,
Se me muero sendo niña,
E siendo niña me muero.

—Digam' usté, senorita,
E despóis un grande burro,
Digam' usté, buena moza,
Unha grande senorita,
Unha besta bem ferrada
Cantos cravos necessita?

—Digam' usté, senorita,
E despóis un grande burro,
Unha besta ben ferrada
Non necessita nenguno.

Lindo sargentinho,
Por adonde vaes,
Llevas tanta pressa
Que nen me falaes;
Que nen me fallaes,
Chegat'ô meu peito,
Que tu has de ver
Como t'and' ô geito.

A. THOMAZ PIRES.

ETHNOLOGIA AÇORIANA

PARODIÁS POPULARES

I

O padre-nosso pequenino

A pag. 71—72 d'esta *Revista*, publicou o meu amigo e illustrado folk-lorista, Silva Vieira, digno director d'ella, uma interessante variante do *padre nosso pequenino*, ainda não conhecida dos que estudam a nossa *ethnographia*.

Em Ponta-delgada colhi duas versões diferentes da agora publicada, e nenhuma das quaes figura nos *Contos pop. do arch. açoriano*, do sr. dr. Th. Braga, quando de direito lhe pertencia um lugar na secção que o illustre collector subordina ao titulo de «Doutrinal de orações» (pag. 139).

Ahi vae a primeira:

Padre nosso pequenino
Jesus-Christo meu padrinho,
Que me fez a cruz na testa,
O demónio que nã m'attente

Nem de noite, nem de dia,
Nem ao pino do meio dia.

E' notavel a analogia d'esta variante com a seguinte publicada pelo sr. Leite de Vasconcellos (*Carmina magica do povo portuguez*, II, 1.º; in *Era Nova*, pag. 512 e s.)

• Padre nosso pequenino
Sete anjinhos vão comigo,
Sete livros a resar,
Sete candeias a alumiar
O Senhor é meu padrinho,
A Senhora é minha madrinha,
Que me fez a cruz na testa,
Que m'o inimigo não empeça,
Nem de noite nem de dia,
Canta o gallo, sae a cruz,
O' meu menino Jesus!
(Vianna do Castello)

Não será, talvez, a variante dos Açores a mesma de Vianna do Castello, obliterada pelo tempo e pelo povo insulano?

O limitado tamanho da versão açoriana, comparado com o de outros que temos visto publicadas, parece mesmo vir em defeza da minha asserção.

O que é factó porém é que nos Açores estão conservadas, com toda a sua pureza, as antigas tradições e canções maritimas e cavalheirescas, ao passo que no continente se vão obliterando a pouco e pouco até que desaparecem de todo.

Seja como for, o que não se pôde contestar é que há intima relação entre as duas versões.

A outra variante açoriana é a seguinte, de que não conheço paradigma na litteratura popular das outras partes do paiz.

Padre nosso pequenino
Deus me leve a bom caminho
Jesu-christo m'encontrou,
Nos seus braços me tomou,
Sua cruz me poz deante
—O demônio não m'attente,
Nem de dia nem de noite,
Nem ao pino do meio dia
O Anjo da minha guarda
Seja a minha companhia.

P. D.—17—1—06.

ARMANDO J. DA SILVA.

VARIA

Num dos ultimos fasciculos da notavel revista franceza *Melusine* lê-se, acerca do trabalho do nosso collaborador o sr. F. Adolpho Coelho sobre as Sereias (vid. *Rev do Minho*, pag. 72), a seguinte nota feita por M. H. Gaidoz, um dos ethnographos e linguistas mais distinctos da França, quer na profundeza dos conhecimentos, quer no rigor do methodo:

«Comme nous corrigeons cette épreuve, nous apprenons que le n.º juillet-septembre 1885 de l'*Archivio per lo studio delle tradizioni popolari*, contient un long et important article sur les Sirènes, d'un éminent érudit portugais, M. Coelho. *Melusine* envie cette bonne fortune à la revue de Palerme (o *Archivio* publica-se em Palermo), mais en même temps se félicite de voir celle-ci devenir à son tour un centre d'enquêtes marines». Col. 537.

Porto Dezembro de 1885.

J. L. de V.

ETHNOLOGIA AÇORIANA

Dias asiagos

O meu bom amigo J. Cabral da Silveira, fez-me o obsequio de me transcrever de um caderno, copiado por um homem do povo, que, por casualidade lhe foi parar as mãos, a seguinte curiosa nota, conservando-lhe a orthographia do ms.

Mcmorias dos dias do año prejudiciaes, para comprar, vender, viajar, cazar, muidar de casa, etc.

Tres dias ha no *ãno horrives e venenosos* que são: a primeira segunda feira de Abril, porque n'ella morreu Judas; a primeira segunda feira de Agosto, porque n'ella matou Caim a seu irmão Abel; a primeira segunda feira de Novembro, porque n'ella foram abrazadas duas cidades—*Sedomae Gamorra*.

Dias asiagos

Janeiro é a—2, 4, 11, 15, 26, 30.

Fevereiro é a—4, 11, 15, 29, 16.

Março é *prefeito* em todos os dias.

Abril é a—5, 6, 19.

Maió é a—7, 11.

Junho egual a março.

Agosto é a—23, 29, 31.

Setembro é a—19, 17

Outubre é a—1, 6, 8.

Novembro é a—6, 7, 11.

Dezembro é a—1, 6.

Julgo que esta parte do mes, que o meu amigo me affirmou ser já antigo, pode ser de algum interesse para os que estudam o

folk-lore, por isso a publico aqui.

Se, agora, podesse dispor de tempo acompanhal-a-ia de algumas notas, limito-me porem, a dizer que na tradição de S. Miguel, a terça feira é considerada como um máo dia para praticar qualquer pagamento, compra ou venda.

Na segunda feira *não é bom*, dar dinheiro, porque se dá toda semana, dando-o logo no principio.

Ponta-delgada, 19—4—86.

ARMANDO J. DA SILVA.

CANCIONEIRO MINHOTO

Cantigas populares

—(Continuação)—

164

O meu amor não é aquelle,
q'eu no andar o conheço:
tem andar miudinho
cumá (3) folha do codêço.

165

Andaes abaixo e acima
Nem ataes nem desataes,
Queros caçam os passarinhos
Nos laços que vós armaes.

166

Amores ao longe, ao longe,

(1)=*coma a*.—A palavra *coma* no português archaico significa *como*, e ainda se conserva hoje na linguagem popular.

Que ao perto quem quer os tem,
Quanto mais ao longe, ao longe
Quanto mais t'eu quero bem.

167

Alegria dos casados
são os tres dias primeiros
depois andam só chorando
pela vida dos solteiros.

Continúa.

Barcellos.

JOSE DA SILVA VIEIRA

VARIA

No museu industrial que se está organizando no Porto acha-se representada tambem a arte popular portugueza com muitos especimens interessantissimos, já pe-

lo que respeita aos trajos das aldeias, já pelo que respeita a ceramica, ferragens, instrumentos de lavoura, etc. etc. A *capa de honras* de Miranda do Douro, os *safões* dos pastores da Serra da Estrella e as carapuças beirãs tomão logar ao pé das *trilhas* transmontanãs, das redes dos pescadores do Minho e da louça de Bragança. O Sr. Joaquim de Vasconcellos, a cujos cuidados se deve em grande parte esta valiosa collecção ethnographica, merece sinceros applausos de todos os que amão as cousas da-nosas terra,

Porto, Dezembro de 1885.

J LEITE DE VASCONCELLOS.





